

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO**

REGINA SANTOS YOUNG

**A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO
VIRTUAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EAD NO LABORATÓRIO DE PESQUISA
MULTIMEIOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA

2008

REGINA SANTOS YOUNG

**A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO
VIRTUAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EAD DO LABORATÓRIO DE PESQUISA
MULTIMEIOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação à comissão julgadora da Universidade Federal do Ceará.

Orientador: Prof. Dr. Hermínio Borges Neto.

Fortaleza

2008

REGINA SANTOS YOUNG

**A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO
VIRTUAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EAD DO LABORATÓRIO DE PESQUISA
MULTIMEIOS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação à comissão julgadora da Universidade Federal do Ceará.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hermínio Borges Neto (orientador) – UFC

Prof. Dr. Fernando Lincoln C. Leão Mattos (co-orientador)- UNIFOR

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque – UFC

Prof. Dr. Alcides Fernando Gussi - UFC

*Em memória à minha mãe
Maria Neusa e irmã Rosália.*

*Nicole e James
com todo o amor.*

AGRADECIMENTOS

À minha filha Nicole e ao meu marido James, pelo apoio e compreensão nesse período de isolamento durante o percurso deste mestrado.

Ao meu pai, Raimundo Anselmo, às minhas irmãs Maria Helena, Ana Lúcia, Luciana, Ana Maria e Cristina, que estiveram sempre me ajudando e incentivando nessa empreitada.

À minha prima Elionete pela amizade e carinho.

Ao meu irmão Francisco e à cunhada Glaycianne pelo apoio e amizade.

Ao meu orientador Professor Doutor Hermínio pela oportunidade e a confiança.

Ao meu co-orientador Professor Doutor Fernando Lincoln, pelo acompanhamento, orientação e incentivo durante todo o meu percurso de pesquisa acadêmica.

Às minhas companheiras Janete, Ana Cláudia, Carmen, Tereza e Angela, pelo compartilhamento dos momentos de dificuldades, mas também de alegrias que vivenciamos em nossa formação como pesquisadoras.

À equipe do Laboratório de Pesquisa Multimeios, que contribuiu direta ou indiretamente para o desenvolvimento de meus estudos.

Aos alunos e às alunas e às formadoras da disciplina Educação a Distância, no semestre 2007.2, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, pela disponibilidade e confiança em participar da pesquisa.

A FUNCAP, agência financiadora, que proporcionou as condições concretas necessárias para que esse projeto de vida pudesse ser realizado.

As identidades podem funcionar, ao longo de toda a sua história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em objeto. (...) toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2000).

RESUMO

A interação proporcionada pelas tecnologias digitais permitiu o desenvolvimento de novas práticas educativas propiciando o encontro entre os sujeitos e não somente a entrega de materiais didáticos autoinstrucionais. Nesse cenário, buscamos compreender como são estabelecidas as identidades dos alunos que utilizaram a educação virtual para sua formação, pois entendemos que problematizar as questões de identidade nesse âmbito é trazer para o ato educativo a discussão da diversidade. Significa trazer as histórias dos sujeitos que estão no centro da formação, mas não são consideradas ou valorizadas abertamente no currículo. Significa também politizar as práticas pedagógicas que durante muito tempo foram vistas somente como técnicas e métodos de ensino, pois as questões de identidade estão envolvidas pela problemática de poder e de ideologia que abrangem as relações humanas em nível micro e macros social. A experiência da pesquisa foi desenvolvida durante o semestre 2007.2, numa disciplina ocorrida no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Percebeu-se que as identidades na educação virtual são forjadas pelos sujeitos mediante a *seleção de informações* que são intencionalmente apresentadas, por exemplo, pessoais, profissionais, interesses diversos e pela *expressão de valores e atitudes*, tais como busca de interação, abertura ao diálogo, isolamento, agressividade, empatia, entre outras. Tanto as informações selecionadas quanto as atitudes e valores são expressas, predominantemente, por meio da linguagem escrita; entretanto, essa construção recebe a influência direta do meio social em que está inserida, e no caso da educação virtual, os alunos possuem uma identidade institucional, não se diferenciando fundamentalmente da educação presencial. Dentre os elementos que se elencou anteriormente (estratégias pedagógicas, interação, linguagem e apropriação dos espaços) destaca-se a interação dos sujeitos como sendo o aspecto fundamental para a construção das identidades na educação virtual. Não se podem desconsiderar os outros elementos, pois estes complementam e se imbricam na dinâmica educativa. Isso decorre da compreensão de que a identidade somente pode existir com a sua outra metade formadora que, é a diferença.

ABSTRACT

Virtual education is now translated into our day presenting new challenges to educators who turn to the studies of distance learning. The interaction afforded by digital technologies has enabled the development of new educational practices providing the encounter between the people involved and not just the delivery of self-instructional materials. In this scenario, we try to understand how are built the identities of the students who used the virtual environments for their education, because we believe that thinking about the identity questions in this context is to bring to the educational process the discussion of diversity. It means bringing discussions about identity and difference involving the stories of the people that are in the education process, but are not considered or valued by the system. It also means politicize the teaching practices that have long been viewed only as technical and teaching methods, because the identity questions are concerned by the issue of power and ideology covering human relations in micro and macro social level. The research experience was conducted during the second semester of 2007 in a course which took place at the Federal University of Ceara. We noticed that the identities are forged in virtual education and constructed by the students by selecting information that are intentionally made, for example, personal, professional interests and the expression of values and attitudes, such as looking for interaction, openness to dialogue, isolation, aggression, empathy, among others. Both, the selected information and the attitudes and values, are expressed, primarily by written language. However, this construction receive the direct influence of social environment in which they are inserted, which in the case of virtual education, students have an institutional identity that is not fundamentally different from presence education. Among the elements listed above (teaching strategies, interaction, language and ownership of the spaces) we highlighted the interaction between the students as the key aspect for the construction of identities in virtual education. However, we can not ignore the other elements as they complement and are in the dynamic educational process. This is thanks to the understanding that the identity can only exist with their other education half that makes the difference.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Pg.
Figura 1 - Ambiente Virtual de Educação – TelEduc.....	50
Figura 2 - Ambiente Virtual de Educação – Moodle.....	52
Figura 3 - Discussão no espaço fórum.....	56
Figura 4 - Utilização de cores na fonte do texto.....	57
Figura 5 - Utilização de cores no texto e imagem na mensagem.....	57
Figura 6 - Utilização de <i>emoticons</i> (☺) e abreviaturas (vc = você e tb = também)	57
Figura 7 - Diário virtual	68
Figura 8 - Visualização interna do ambiente da disciplina.....	70
Figura 9 - Gráfico 01 – Respostas da questão 2.2 (item 2a).....	83
Figura 10 - Perfil Aluna 31- Tela do ambiente Moodle.....	84
Figura 11 - Perfil Aluno 38-Tela do ambiente Moodle.....	84
Figura 12 - Perfil da Aluna 33 – Tela do ambiente Moodle.....	85
Figura 13 - Perfil da Aluna 08 – Tela do ambiente Moodle.....	86
Figura 14 - Gráfico 2 - Respostas da questão 2.2 (item 2e).....	88
Figura 15 - Gráfico 3 - Respostas da questão 2.2 (item 2f).....	90
Figura 16 - Blog “Fazendo arte e Pintando o7”.....	92
Figura 17 - Blog “Pedagogia espírita”.....	93
Figura 18 - Gráfico 4 - Respostas da questão 2.2 (item 3c).....	95
Figura 19 - Gráfico 5 - Respostas da questão 2.2 (item 2b).....	99
Figura 20 - Gráfico 6 - Respostas da questão 2.2 (item 2c).....	100
Figura 21 - Gráfico 7- Respostas da questão 2.2 (item 2d).....	100

Figura 22 - Cores na fonte do texto	101
Figura 23 - Inserção de imagens.....	102
Figura 24 - Inserção de vídeos	102
Figura 25 - Gráfico 8 - Questão 2.2 (item 1a)	106
Figura 26 - Gráfico 9 - Questão 2.2 (item 1b).....	106
Figura 27 - Gráfico 10 - Questão 2.2 (item 1c).....	107
Figura 28 - Gráfico 11 - Questão 2.2 (item 1d).....	107
Figura 29 - Gráfico 12 - Questão 2.2 (item 1e).....	108
Figura 30 - Gráfico 13 - Questão 2.2 (item 1f).....	108
Figura 31 - Gráfico 14 - Questão 2.2 (item 1g).....	109
Figura 32 - Gráfico 15 - Questão 2.2 (item 1h).....	109
Figura 33 - Debate na sala de bate-papo	115
Figura 34 – Fórum de avaliação do bate-papo.....	115
Figura 35 - Debate no bate-papo (erro de inserção do vídeo)	116
Figura 36 - Gráfico 16 - Questão 2.2 (item 4a).....	119
Figura 37 - Gráfico 17 - Questão 2.2 (item 4b).....	120

SUMÁRIO

	Pg.
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NO CIBERESPAÇO	
2. 1 Conceito de identidade: da essência a construção do sujeito.....	24
2.2 Variáveis analíticas para a compreensão da construção das identidades na educação virtual: estratégias pedagógicas, linguagem, interação e ambiente virtual de educação.....	43
3. O PERCURSO DA PESQUISA.....	64
3.1 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO VIRTUAL.....	80
3.1.1 Apropriação dos espaços do ambiente virtual de educação.....	82
3.1.2 Características da linguagem.....	96
3.1.3 Estratégias pedagógicas.....	105
3.1.4 Formas de interação.....	122
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICE.....	136

1. INTRODUÇÃO

Quem são nossos alunos e nossas alunas? Quais são suas histórias? Quais são seus interesses? Essas questões foram por vezes ignoradas pelas propostas educativas na educação formal tradicionalmente. Trago em minha história como aluna de escola pública, durante grande parte de minha vida estudantil, as lembranças de ser mais uma aluna entre tantas outras que a instituição escolar atendia, muitas vezes de forma precária, outras vezes com muito esforço para oferecer qualidade, apesar das dificuldades.

Essa realidade é observada desde os primórdios da educação escolar, marcada pela necessidade de formação mínima para o atendimento ao mercado capitalista que estava surgindo. Dessa realidade herdamos uma educação massificadora que tem o objetivo de formar alunos num programa curricular comum. Essa realidade, entretanto, aos poucos se modifica diante da necessidade de atender a diversidade que abrange o contexto nacional. Lidar com a diversidade no sistema educacional é uma necessidade cada vez mais exigida pela sociedade, situando a comunidade educativa num estado de desequilíbrio, mudanças e adaptações. Um marco nesse processo foram manifestações organizadas pelos movimentos sociais da década 1960 que foram avaliados por Silva (2002),

(...) os movimentos de independência das antigas colônias européias; os protestos estudantis na França e em vários outros países; a continuação do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos; os protestos contra a guerra do Vietnã; os movimentos da contracultura; o movimento feminista; a liberação sexual; as lutas contra a ditadura militar no Brasil. (...) Não por coincidência foi também nessa década que surgiram livros, ensaios, teorizações que colocavam em xeque o pensamento e estruturas educacionais tradicionais. (SILVA 2002, p. 29)

Trazer a discussão da diversidade para a educação formal significa apontar delatos sobre identidade e diferença que envolvem as histórias dos sujeitos; identidade e diferença que estão no centro da formação de alunos que freqüentam as escolas diariamente, mas não são consideradas ou valorizadas abertamente no currículo. Significa também politizar as práticas pedagógicas que, durante muito tempo, foram vistas somente como técnicas e métodos de ensino, pois as questões de identidade estão

envolvidas pela problemática de poder e de ideologia que abrange as relações humanas nos planos micro e macro social.

Com a expansão da educação a distância (EAD) no ciberespaço, verificamos a emergência de um novo contexto que carece de estudos sobre a formação das identidades.

No Brasil, as instituições de ensino superior estão complementando a oferta de vagas oferecendo cursos completos ou disciplina na modalidade a distância por meio da internet. Para fortalecer essas iniciativas, o MEC instituiu uma portaria (2.253 de 18/10/2008) que diz, “as instituições de ensino superior do sistema federal poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular se seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de até 20 por cento das disciplinas que, em seu todo ou em parte, utilizem a modalidade não presencial, ou seja, a distância”. (SILVA, 2003, p. 51).

Diante do espaço que os cursos a distância auferem atualmente preocupa-nos a qualidade pedagógica desses cursos. Na história da política educacional do Brasil, é possível encontrar muitos projetos e programas que buscavam atender as necessidades educativas da população com a utilização de meios de comunicação de massa sem o devido cuidado pedagógico e político com a realidade. Essa questão ensejou repulsa de professores e alunos pela modalidade de educação a distância que se reflete até os dias atuais. Bodião (2000) apresenta um exemplo que ilustra essa problemática num estudo sobre o telensino no Estado do Ceará. Em seu ensaio, explicita a precariedade pedagógica com que se desenvolveu o projeto de telensino, o qual se utilizou de emissões televisivas como principal meio de transmissão dos conteúdos curriculares. Toda a organização e desenvolvimento das aulas eram baseados nessa transmissão. No cotidiano da sala de aula, o autor observou os seguintes problemas principais: os orientadores de aprendizagem não tinham formação adequada para orientar os alunos com os conteúdos curriculares, pois sua função era de organizador da dinâmica da sala de aula; faltava interação dos elaboradores dos conteúdos (professores das disciplinas) e os sujeitos que recebiam as emissões; havia diferença entre os discursos governamentais e a realidade das salas de aula.

A qualidade de cursos a distância passa, sobretudo, por questões pedagógicas que abrangem a utilização das tecnologias de informação e comunicação. Sem esse entendimento o sujeito do processo educativo terá que se adequar às tecnologias. O que defendemos é exatamente o contrário: que os instrumentos tecnológicos se adequem

pedagogicamente às necessidades de alunos e professores que buscam a educação a distância como opção na sociedade atual para sua formação.

A presente proposta busca contribuir com essa discussão, levantando questões que problematizam as identidades dos sujeitos que utilizam o ciberespaço para sua formação educativa. Problematizar as identidades na sociedade contemporânea consiste numa discussão pertinente num momento histórico em que as relações sociais, em especial a educativa, se desenvolvem além das estruturas fisicamente situadas e conhecidas. O ciberespaço amplia o ambiente dessas relações, aproximando idéias e sujeitos separados no tempo e no espaço. Nesse contexto, o corpo não é considerado como primeira referência individual para as identidades sociais (sexual, gênero, etnia, raça), como ocorre nas relações presenciais, mas sim os interesses comuns, valores e interconexão no campo das idéias.

Durante nossa experiência com EaD virtual, desde 2003, e mais recentemente no acompanhamento da disciplina Novas Tecnologias e EAD, durante os anos de 2004 e 2005, na Universidade Federal do Ceará – UFC, questionamos sobre a formação das identidades dos alunos que utilizavam a EAD virtual para sua formação, pois estes passavam todo o semestre na disciplina, mas pouco se sabia sobre eles. Quais eram suas histórias? Quais eram seus interesses? Quem realmente eram? Percebemos a importância da questão de identidade para um processo educativo crítico que não se resume às questões de conteúdo conceitual, mas também de formação em seu sentido mais amplo, envolvendo as emoções, as atitudes e relações intersubjetivas.

Questionamos também a própria idéia de educação a distância, tradicionalmente conhecida como um modelo de educação instrucional baseado nos fundamentos da indústria, no atendimento de uma demanda em massa, na organização e divisão do trabalho, com foco em materiais instrucionais (material didático) de alta qualidade e na auto-aprendizagem (BELLONI, 2003). Essa idéia de educação a distância desconsidera completamente as identidades dos alunos como elemento para o processo educativo.

Entendemos que a construção das identidades dos sujeitos na educação virtual não está convenientemente justificada. Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo consiste em compreender a construção da identidade de alunos e alunas na educação virtual. Os objetivos específicos compreendem: i) identificar e analisar os espaços utilizados no ambiente virtual de educação (AVE) para interação intersubjetiva dos sujeitos; ii) compreender as situações pedagógicas propostas na disciplina que

contribuíram para que o aluno expresse suas identidades sociais; iii) observar a atuação / interação dos sujeitos para a formação da identidade do grupo individual e de grupo e; iv) identificar os traços de linguagem que trazem questões identitárias para as discussões educativas.

O contexto em que foi realizada a pesquisa ocorreu numa situação específica em que o Laboratório de Pesquisa Multimeios (www.multimeios.ufc.br), situado na Universidade Federal do Ceará, forneceu toda a estrutura para o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar por ser um ambiente que promove pesquisas ligadas a metodologias de ensino e pesquisa, a utilização de diferentes tecnologias na educação, desde o ano de 1998. Assim, a disciplina pesquisada estava imersa nas propostas educativas e concepções vinculadas ao laboratório.

Nosso texto está organizando 03 capítulos, excluindo introdução e considerações finais. No segundo capítulo, apresentamos o conceito e as características da educação a distancia no ciberespaço, que denominamos de educação virtual, situando-a no contexto social e histórico. A educação virtual foi possibilitada pelo uso das tecnologias digitais para fins educativos. Atualmente, é amplamente desenvolvida, principalmente no ensino superior. Discutimos também a evolução histórica do conceito de identidade, destacando o modelo de homem almejado em cada sociedade. A visão de homem e identidade foi modificada pelas mudanças estruturais, ocorridas em cada época, advindas com o avanço científico e tecnológico e novas formas de pensar os problemas sociais, marcada principalmente pela visão de sujeito unitário e centrado da Modernidade até a visão de sujeito descentrado da Pós-Modernidade (Hall, 2005). Também abordamos a emergência do ciberespaço e suas características, como o “lugar” em que se desenvolve a educação virtual. O ciberespaço situado no contexto social mais amplo e sua apropriação por parte dos sujeitos na sociedade atual, criando outro cenário de sociabilidade mediante a interconexão, interação e compartilhamento de informações em rede. Outro aspecto discutido foi a identidade e corporeidade no ciberespaço, apresentando as mudanças em relação à representação do corpo como primeira fonte de identidade. Trouxemos uma discussão mais geral em que o homem utiliza os artefatos tecnológicos para proporcionar mudanças físicas em seu corpo, até uma discussão mais específica em que no desenvolvimento de relacionamentos no ciberespaço o corpo não se compõe como referência inicial e principal das construções das identidades. Por fim, trazemos as variáveis analíticas que consideramos importante para compreensão da

construção das identidades dos sujeitos na EAD virtual, visto que entendemos que essas variáveis compõem a estrutura básica para que se desenvolva o processo educativo virtual: as estratégias pedagógicas (a intencionalidade educativa), a interação (a relação entre os sujeitos), a apropriação dos espaços (ação dos sujeitos no contexto educativo) e a linguagem (formas de expressão e comunicação).

No capítulo seguinte detalhamos o percurso da pesquisa desenvolvida. Optamos por assumir as orientações da pesquisa participante, pois, para compreender a construção das identidades dos alunos na educação virtual era necessário não somente observar o processo educativo, mas também fazer parte desse processo como sujeito ativo e atuante. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos o contexto de uma disciplina realizada a distância no ciberespaço, ocorrida em 2007.2, no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, que recebia o suporte teórico-metodológico do Laboratório de Pesquisa Multimeios.

No capítulo seis, sistematizamos os resultados obtidos com base na análise dos materiais coletados no questionário, nas observações e nas “falas” dos alunos registrados no ambiente virtual de educação MOODLE. Essas análises enfocaram os elementos que consideramos essenciais na educação virtual para a compreensão da construção das identidades de alunos e alunas que se constituíram nas estratégias pedagógicas, na apropriação dos espaços, na interação e na linguagem.

No capítulo final tecemos algumas considerações que compreendemos relevantes para a discussão sobre construção das identidades de alunos na educação virtual, apontando principalmente a importância da interação dos sujeitos. É na interação que é possível perceber e ser percebido, assim é que se constrói a identidade, com suporte na diferença do outro. A identidade é, portanto, somente uma face de uma mesma moeda em que a diferença o complementa. Nesse processo, a interação juntamente com a linguagem utilizada, as apropriações dos espaços e as estratégias pedagógicas desenvolvidas são elementos-chaves que se complementam e permitem a construção das identidades dos alunos e alunas na educação virtual.

2. EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NO CIBERESPAÇO

As novas formas de comunicação proporcionadas pelas tecnologias digitais ajudaram a caracterizar a sociedade no final do século XX, trazendo como principal fator a utilização de artefatos computacionais conectados à internet. Esses recursos tecnológicos permitiram o rápido processamento e transmissão de informações, além de possibilitar oferecimento de serviços e conteúdos a distância.

No que diz respeito à educação a distância (EAD), houve grandes mudanças constatadas pelos investimentos de instituições públicas e privadas nessa modalidade de educação no contexto local e global. Para compreendermos a EAD na conjuntura atual situamos a sua importância social e evolução histórica.

Consideramos EAD a modalidade de educação que utiliza meios de comunicação (correio, rádio, televisão, internet) como suporte para o ensino e aprendizagem. Antes da tecnologia digital, os meios de comunicação possuíam limitações que dificultavam a interação dos sujeitos do processo educativo, principalmente a interação de muitas pessoas ao mesmo tempo. Essa falta de interação fazia da EAD uma modalidade educativa individualizada, que exigia metodologias com ênfase em materiais autoexplicativos e autoinstrucionais. Com a característica de autoinstrução a EAD já existe há muito tempo. Há registros no século XVII, na Europa, quando o correio possibilitou a troca de textos impressos. Encontramos essa modalidade de educação na Universidade de Londres, em 1858, quando essa instituição passou a conceder certificados aos alunos externos que recebiam ensino por correspondência. Nos Estados Unidos, em Boston e em Nova Iorque, também foram verificadas iniciativas envolvendo o ensino por correspondência em 1873. Desde então essa modalidade começa a ser difundido no mundo todo.

No Brasil, a educação a distância se deu primeiramente pelo correio e do rádio. Em 1941, o Instituto Universal Brasileiro começou a oferecer cursos pelo correio. No Rio Grande do Norte, em 1959, foram iniciadas as escolas radiofônicas. Não podemos deixar de destacar a grande utilização da TV na EAD na década de 1970, principalmente nos programas de governo que até os dias atuais ainda fazem parte da realidade da escola pública no Brasil.

Com o desenvolvimento da internet, que possibilitou a estrutura dos

computadores em rede conectando os usuários, a EAD teve grande expansão. Essa expansão se deu principalmente pela estrutura do ciberespaço, originado pelo compartilhamento de informações e as diferentes formas de comunicação que permitiram o surgimento de uma rede de significações, representações e relações sociais “(...) o ciberespaço não é uma infra-estrutura técnica particular de telecomunicação, mas uma certa forma de usar as infra-estruturas, por mais imperfeitas e disparatas que possam parecer”.(LÉVY, 1999, p. 24).

Os sujeitos que se apropriam do ciberespaço estabelecem uma nova sociabilidade decorrente de duas questões centrais: a interação coletiva (diferentes ferramentas e formas de comunicação) e o compartilhamento digital de informações (banco de dados digitais). As ferramentas de interação coletiva permitem que muitos sujeitos se relacionem simultaneamente (síncrono) e em tempos diferentes (assíncrono).

A educação no ciberespaço é considerada por muitos autores como educação virtual, idéia desenvolvida pelas contribuições de Lévy (1999), quando apresentou o “virtual” como sendo uma das características do ciberespaço. Essa idéia não é um consenso, visto que alguns autores acreditam que esse conceito é um tanto ambíguo, conforme afirma Lévy (1999),

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (p. 16).

O termo virtual traz também a idéia do “vir a ser” de uma educação a se desenvolver infinitamente como a própria história humana e que se realiza na sua atualização, mas não se completa totalmente. Essa concepção do termo virtual proposto por Lévy (1999) traz a idéia de educação como processo.

O ciberespaço emerge em meio ao desenvolvimento tecnológico e a necessidade de velocidade e de informação que movimenta a vida contemporânea, ensejando desconfiança e receio da comunidade educativa. A educação a distância no ciberespaço consiste numa forma de educação que possui características diferenciadas, como as categorias de tempo, espaço e identidade que precisam ser ressignificadas, influenciando diretamente as práticas educativas.

No ciberespaço, as práticas educativas precisam ser repensadas para se compreender as características deste novo espaço, evitando que se faça uso de novos instrumentos tecnológicos para repetir antigas práticas que caducam até mesmo nas salas de aula presenciais.

Outra reflexão importante que se põe em relação às identidades nos cursos virtuais é a abrangência de maior diversidade de identidades sociais - etnia, raça, gênero e culturas - pela sua característica de ampliação dos espaços educativos além das paredes das instituições. Então, como lidar com a “multiplicidade”, quando estamos acostumados a tratar das unidades, do padrão e do modelo? A discussões sobre identidade na educação virtual tem grande responsabilidade em relação à diversidade provocada pela aproximação das culturas na sociedade global.

Problematizar a identidade na educação virtual é também importante para compreendermos os sujeitos que se relacionam por meio de máquinas, dando importância ao fator humano. Portanto, as identidades precisam ser mostradas e assumidas, num âmbito individual e de grupo.

É nesse cenário que o educador atuará na educação virtual, existindo a possibilidade de utilização das práticas educativas tradicionais, como freqüentemente percebemos, mas há também a possibilidade de ressignificar e preparar uma abordagem pedagógica que consiga atender a educação a uma emancipadora e crítica.

A educação a distância de nosso tempo apresenta-nos desafios e possibilidades, trazendo a condição de aproveitarmos as tecnologias digitais para compormos novas ações e práticas educativas. As visões extremistas que vêm no uso das tecnologias na educação a solução de todos os problemas ou o seu oposto, que vêm todos os males possíveis, não nos deixam ver as possibilidades reais que podem contribuir para um projeto de educação a distância coerente e inovador. O termo *pharmakon* indicado por Lévy (1999) é bastante adequado para uma época em que podemos nos encontrar ou nos perder sem a devida orientação de nossos professores e orientadores que fazem uso crítico das inovações tecnológicas. Segundo o autor,

Em grego arcaico, a palavra *pharmakon* (que originou “pharmacie” em francês) significa ao mesmo tempo veneno e remédio. Novo *pharmakon*, a inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente

dela, de tão vasta e uniforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes. (LÉVY, 1999, p.30).

A motivação desse projeto partiu da possibilidade de ver a educação a distância de nosso tempo desde uma perspectiva em que os encontros pedagógicos entre os sujeitos na rede não fiquem somente nas limitações dos recursos das máquinas, mas que se transformem por meio do encontro entre pessoas que sabem criticamente “quem são” e “onde estão” e “e para onde vão”, superem os discursos de igualdade passivos que massificam, padronizam e acomodam.

É nesse contexto que a educação virtual se constitui, trazendo possibilidades particulares que definem seu sucesso e qualidade. Nesse contexto, destacamos alguns aspectos da educação virtual, a partir da construção de uma concepção desenvolvida durante as pesquisas no Laboratório de Pesquisa Multimeios:

O computador, conectado à internet, é a principal ferramenta de trabalho que alunos e professores utilizam, exigindo um conhecimento básico para que um curso possa ocorrer de forma satisfatória. Outro aspecto, que decorre do primeiro, é a distância física entre alunos e professores, característica essa própria da educação a distância de forma geral; é o que determina essa modalidade de ensino.

A comunicação em via dupla é parte marcante da educação virtual trazendo um avanço no quesito interação, se antes a EAD era unidirecional, emissor – receptor, essa passa a permitir uma abordagem de comunicação entre todos os envolvidos no processo educativo. Assim, os ambientes virtuais devem possibilitar a comunicação de forma efetiva entre todos os sujeitos do processo.

Na educação virtual é possível oferecer maior ênfase na participação dos alunos, visto que a participação ativa do aluno é essencial para sua aprendizagem. A colaboração entre os sujeitos é que faz a diferença na aprendizagem, mediante não só a participação, mas sim a troca de experiência de cada um contribui de forma significativa no ensino / aprendizagem.

O controle de ritmo / tempo pelo aluno, pois o aluno controla o tempo e o ritmo de suas atividades, visto que não há uma cobrança efetiva diária como no ensino presencial. Essa característica leva a muitos alunos evadirem-se dos cursos virtuais, pois não estão acostumados a trabalhar sem uma cobrança tradicionalmente feita pelos

professores.

Um planejamento pedagogicamente adequado para EAD virtual é muito mais trabalhoso e envolve maior número de profissionais do que um curso presencial, dadas as variáveis que influenciam o processo (mídias e tecnologias digitais). Não se trata de somente trazer o planejamento já conhecido presencialmente para a realidade virtual, pois é necessária uma transformação, uma transição da modalidade presencial para a modalidade virtual.

As características que apresentamos sobre a educação virtual são as que consideramos mais importantes para serem observadas na realização de um curso virtual. Essa modalidade possui uma demanda que é específica e que vem de uma realidade diferente das gerações anteriores de EAD. Existem ainda muitos elementos que precisam ser compreendidos nesse recente meio de educação, o ciberespaço, visto que, em nosso país, ainda é uma novidade.

O que trouxe uma nova ênfase e pôs a EAD em evidência foi a possibilidade de interação e interconexão dos sujeitos que estão longe fisicamente potencializada pelas ferramentas digitais.

Os estudos sobre identidade na EAD que estamos desenvolvendo têm por objetivo contribuir para práticas educativas virtuais que levem em consideração uma leitura crítica da realidade que envolve seus usuários como sujeitos e não somente como espectadores. Para isso, contextualizamos algumas questões que envolvem identidade e educação conceitualmente e historicamente.

2.1 Conceito de identidade: da essência à construção do sujeito

A concepção da identidade foi desenvolvida no século XIX, com o surgimento das ciências humanas, como a Psicologia e as Ciências Sociais. Anteriormente, a Filosofia era responsável por compreender as questões relacionadas ao ser humano, mas, dentro de uma visão metafísica e distante dos problemas do contexto social concreto. Sistematizamos algumas questões dentro dessas áreas que foram importantes para a formação da idéias de identidade.

A etimologia da palavra identidade traz a noção de que a identidade é algo fixo,

parte de uma essência humana, conforme apresentadas no dicionário,

Termo de origem latina, formado a partir do adjetivo “idem”(com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “-dade” (indicador de um estado ou qualidade). Como tal, a etimologia desta palavra conduz à sua aplicação como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo, sendo, portanto, identificadora de algo que permanece. ¹

A identidade referenciada pelo aspecto físico corrobora essa idéia, pois o corpo é o principal elemento constitutivo do ser humano que caracteriza sua identidade de gênero e raça, sem maiores dificuldades ou questionamentos. Por meio do corpo, entretanto, não conseguimos compreender questões que se inserem no contexto cultural mais amplo e que influenciam as questões identitárias. Por meio das características do corpo, foram definidas as idéias iniciais sobre identidade que traziam visões essencialistas e fixas, que se consideravam biologicamente fundamentadas, ensejando problemáticas desumanizadoras que defendiam a existência de raças superiores. Para Gomes (2006),

(...) racismo é uma ideologia, um conjunto de idéias que foi constituído ao longo da história a respeito de certos grupos (negros, índios, por exemplo) baseado em um repertório que julga que potencialidades intelectuais, comportamento moral e outras características são determinadas pelo biológico da pessoa. Tal ideologia surge por volta do século XVIII e parte do pressuposto que determinados grupo humanos com características físicas e culturais comuns (negros, brancos, indígenas, por exemplo) são diferentes entre si biologicamente, constituindo-se enquanto raças biológicas. E mais do que isso, tal ideologia estabelece uma escala de hierarquização entre os grupos (raças) de modo que brancos seriam superiores indígenas e esses a negros (p.126).

Além das características físicas que compõem a identidade de um sujeito, existia também a idéia inicial que considerava a identidade como sinônimo de personalidade, na qual se priorizavam os aspectos biológicos e individuais. A Psicologia Social contribuiu para desmitificar essa idéia, apresentando a visão de uma identidade composta pelo que é interno (psicológico e biológico) e o que é externo (comunidade) ao indivíduo, mostrando que a identidade abarca duas dimensões, o seu interior

¹ Fonte: E-Dicionário de Termos Literários. Disponível em:
<<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm>. Acesso: 26 de Fevereiro de 2008.

(psicológico e biológico) e o núcleo central de sua cultura.

Segundo Erikson (1987) a formação da identidade é um processo que ocorre via reflexão e observações feitas pelo indivíduo mentalmente em comparação aos outros. Nesse processo, ele é influenciado pelo julgamento que faz de si mesmo; pelo julgamento de como os outros o percebem; pela tipologia de ser humano que é significativa para grupo social a que pertence. Todo esse processo é feito inconscientemente em sua maior parte. Esse está constantemente ocorrendo e evoluindo.

A Sociologia corrobora esta idéia e entende a identidade composta por essas duas dimensões: pessoal (individual) e social (coletivo). O núcleo interior do sujeito não é construído de forma auto-suficiente, mas sim, influenciado pela sua relação com os outros, com base nos valores, símbolos e sentidos permeados e disseminados nas relações sociais.

A perspectiva dos estudos culturais destaca a importância da cultura, na qual a identidade não pode ser vista fora do circuito da cultura (HALL, 2000). A identidade não é determinada por uma essência humana ou mesmo natural, mas sim por uma construção criada pela linguagem e discurso. Nessas condições, a identidade está intrinsecamente ligada a diferença. Segundo Silva (2000), a afirmação de ser é também a afirmação de não ser, por exemplo, quando afirmo “sou cearense”, necessariamente estou dizendo “não sou paulista”, “não sou pernambucana” e assim por diante. Essa construção lingüística é desenvolvida com o suporte de nossos sistemas de representações, ou seja, nossa forma de ver o mundo. Uma das questões que se põe nesse processo é a idéia de que a identidade é também formada pelo que é externo a ela. Como enfatiza Hall (2000),

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamada de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua identidade pode ser construído. (p. 110).

Por intermédio de nossa identidade tomamos consciência de quem somos em relação ao contexto social. Com a compreensão do nosso “Eu” individual (subjetividade) podemos adotar uma identidade (construída por nós diante do grupo). Então, podemos nos relacionar socialmente e construir o “nós” coletivo, os laços e

relações afetivas. As identidades se compõem de variadas dimensões. Caracterizamos brevemente os principais tipos de identidade:

A identidade cultural diz respeito à pertença a um sistema de significações e representações ligadas a um grupo ou comunidade, na qual é compartilhado um patrimônio comum.

A identidade de gênero, em que os sujeitos são classificados pelos aspectos socialmente construídos no processo de identificação sexual;

A identidade sexual inicialmente concebida com base nos aspectos estritamente biológicos, foi posta em discussão, sendo questionada por movimentos sociais, que defendem a idéia de orientação sexual, escolhida e socialmente e não dada como natural.

A identidade racial marcada por características físicas (cor da pele, formato do rosto, tipo de cabelo) e culturais.

A identidade étnica que muitas vezes confundida com a identidade racial, mas que se diferencia pelas questões de língua, religião, modos de vida dentro de uma mesma raça.

É possível compreender nessa breve descrição que as identidades se inserem num campo de correlações de forças. Quando assumimos nossa identidade, corremos o risco de não sermos “aceitos” pelo grupo que nos rodeia. Isso porque existe uma idéia hegemônica que dita qual modelo de ser humano devemos ser. Esse modelo é uma construção histórica reproduzida pelas instituições sociais legítimas, como família, escola e mídia. Podemos exemplificar essa situação compreendendo como funcionam os estereótipos.

A criação de estereótipos passa pela representação reducionista que transforma algo complexo em algo simples, buscando padrões que categorizam e generalizam alguns atributos em detrimento de outros mediante repetição discursiva. Também mostra a visão de um grupo sobre outro. Assim, são selecionadas informações sobre um grupo que se tornam percebidas e aceitas como naturais pela sociedade de forma geral. Os estereótipos sempre causam prejuízos aos grupos estereotipados, desconsiderando as questões históricas que envolvem suas origens e formas de organização.

Na criação e divulgação dos estereótipos, os meios de comunicação de massa, e nos discursos dos professores, possuem um papel fundamental, pois têm alcance e influência na formação de opiniões. É importante que a comunidade educativa ajude na superação das noções simplistas que envolvem a criação de estereótipos, mostrando e desmistificando como são formados os estereótipos e o prejuízo que causa aos grupos estereotipados, Quin (2006) explica que,

(...) El papel del educador es intentar superar las nociones simplistas de los estereotipos. No es suficiente enseñarle al estudiante que los estereotipos son falsos, o que éstos conciernen a gente que desconocemos. Es simplista enseñar que tenemos habilidad para rechazar los estereotipos. La enseñanza debe concentrar sus esfuerzos para educar al estudiante sobre la funciones de los estereotipos, y cómo organizan y limitan nuestro modo de ver el mundo. (2006, p. 168)

Para compreender as questões de identidade, é imprescindível compreender como o sujeito foi visto no decorrer de sua história, marcada por diferentes visões que influenciaram as abordagens educativas existentes até os dias atuais. É mais importante é entender que as identidades se constituem num processo que traz a influência e as contradições do contexto social em que está inserida. Mesmo quando as instituições educativas ignoram essas questões, não estão sendo neutras, mas sim aceitando e reforçando as questões que estão postas.

Discutir identidade e educação abrange a articulação de saberes em diversas áreas do conhecimento, pois diz respeito à complexidade do ser humano, sua história, sua aparência física e sua relação com o outro. Falar de identidade é entrar num campo dinâmico, instigante, que foi se modificando historicamente até se constatar nos dias atuais que está ocorrendo uma crise de identidade (HALL, 2005); e uma crise movida pelas mudanças estruturais que foram se desenvolvendo lentamente no decorrer da história da humanidade e que pode ser destacada de acordo com seus recortes principais. Para compreender a formação da identidade do ser humano no decorrer da história destacamos alguns elementos desde a Época Medieval até a sociedade contemporânea.

Na Época Medieval o sujeito era influenciado por sua crença ao divino e à tradição, não havendo abertura para mudanças. Os papéis de homens, mulheres e crianças eram bem definidos e seguidos conforme as convenções e normas sociais. Qualquer questionamento às regras e às convenções era motivo de punição como forma

de manter a ordem e bem-estar da sociedade, definidas pela nobreza e pelo clero.

Nesse período, destacam-se os filósofos Santo Agostinho, representante da Filosofia Patrística que defendia a fé e conversão dos não-cristãos. A exposição da doutrina religiosa tentava harmonizar fé e razão a fim de compreender a natureza de Deus e da alma e os valores da vida moral. E São Tomás de Aquino, representante da Escolástica, defendia a idéia de uma educação integral que deveria proporcionar ao educando o desabrochar de todas as suas potencialidades, fazendo uma junção entre a educação cristã e a educação greco-romana. Para Gadotti (2001),

Os “pais da igreja” (...) impuseram a necessidade de fixar um corpo de doutrinas, dogmas, e culto e disciplina da nova religião. Obtiveram pleno êxito. Criaram ao mesmo tempo uma educação para o povo, que consistia numa educação catequética, dogmática, e uma educação para o clérigo, humanista e filosófico-teológica. Obtiveram deste a subserviência, mediante juramentos de fidelidade à fé cristã e “votos” de obediência, castidade e pobreza. A essa disciplina se sujeitavam mais os clérigos provenientes das classes populares e menos os que detinham realmente o poder (o alto clero), provenientes das camadas mais ricas. Mas tudo era feita em nome da transcendência. (p. 52).

O sujeito era visto como um ser dotado de uma essência humana que precisava ser desenvolvida em sua plenitude, idéia herdada da metafísica dos filósofos gregos. “(...) conceito de homem é compreendido a partir da natureza imutável: apesar de constatadas as diferenças entre os seres humanos, existiria uma essência humana, um modelo a ser atingindo à medida que se dá o amadurecimento.” (ARANHA, 2000, p. 112).

A corrente filosófica essencialista traz influências para educação e para as discussões das questões de identidade, colaborando para uma visão que desconsidera as contradições, as correlações de forças que buscam o poder econômico e político da sociedade. “um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações sobre identidade não fariam sentido” (SILVA, 2000, p.75). Essa corrente aceita a idéia de que as diferentes identidades fazem parte de uma identidade humana comum sendo desnecessárias as discussões que problematizam as questões identitárias.

O poder da igreja exercido em todos os âmbitos da vida humana na Época Medieval que visava à subserviência de toda a sociedade aos representantes da igreja,

foi uma das principais críticas contra a Igreja Católica que levou ao movimento de reforma que tinha como principal representante Martin Lutero. Nesse período, muitas transformações sociais ocorreram, como a emergência da nova classe social burguesa, descobertas advindas com as grandes navegações e a criação da imprensa no século XVI. Essas transformações criaram as bases e iniciaram um novo marco na história humana caracterizada como sociedade moderna trazendo novas questões para a visão de sujeito e de identidade. De acordo com Hall (2005),

As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitos, portanto, as mudanças fundamentais. O *Status*, a classificação e a posição de uma pessoa na “grande cadeia do ser” – a ordem secular e divina das coisas predominavam sobre qualquer sentimento de que a pessoa fosse um indivíduo soberano. O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento. (p. 25).

As críticas tinham na razão seu maior expoente, que se opunha à obscuridade do mito e do dogma, prevalecente nas sociedades medievais. A ênfase na ciência, na razão e na tecnologia industrial tinha como finalidade o progresso e a ordem. O ideal de homem que se buscava na sociedade moderna era o cidadão racional e autônomo, para o estabelecimento de uma sociedade racional, democrática e próspera. A concepção de identidade consistia numa visão individualista e unificada de sujeito.

No contexto da sociedade moderna, o pensamento racional e científico prosperou. Descobertas e invenções magníficas ocorreram de forma jamais vista – desenvolvimento da energia elétrica, do transistor, máquina a vapor, telégrafo, telefone, rádio, entre outros – Além de pesquisas nas áreas exatas e humanas. Paralelos ao avanço científico e tecnológico, cresceram também novos problemas e dificuldades, principalmente, pela exploração do homem pelo próprio homem e do domínio sobre natureza, colocando em “questão” a própria sobrevivência da humanidade.

O sistema de produção capitalista dividiu a sociedade entre os proprietários e os não-proprietários, cada um possuindo papéis distintos, mas interdependentes para o bom funcionamento da sociedade baseadas na Teoria Liberal desenvolvida na Revolução Francesa. Essas idéias serviram de base para a consolidação da burguesia no poder e

para a visão de homem da sociedade moderna. Na visão de Marilena Chauí,

(...) A burguesia precisava de uma teoria que lhe desse uma legitimidade tão grande ou maior do que o sangue e a hereditariedade davam à realeza e à nobreza. Essa teoria será a da propriedade privada como direito natural e sua primeira formulação coerente será feita pelo filósofo inglês Locke, no final do século XVII e início do século XVIII. Locke parte da definição do direito natural como direito à vida, à liberdade e aos bens necessários para a conservação de ambas. Esses bens são conseguidos pelo trabalho. (2000, p. 401).

Todo esse processo iniciado com o renascimento consolidou uma visão de homem dotado de uma identidade centrada e bem definida. O homem moderno era o cidadão racional e livre do dogma que marcou o medievo. O sujeito cartesiano foi definido pelo filósofo René Descartes, autor da célebre frase “Penso, logo existo” que foi considerado o pai da filosofia moderna.

A educação moderna recebeu a influência de importantes filósofos e estudiosos da época. Podemos destacar o modelo das ciências inspirado por Descartes em seu Discurso do Método; a Didática Magna, de Comênio “(...) ao invés de ensinar palavras, “sombra das coisas”, dizia Comênio, a escola deve ensinar o conhecimento das coisas” (GADOTTI, 2001, p.78); John Lock, que defendeu a experiência sensorial em oposição ao inatismo de Descartes. Da Revolução Francesa houve importantes nomes para educação, como Jean-Jacques Rousseau, que centralizou pela primeira vez o tema da infância. Esse autor escreveu obras que até os dias atuais são referências na área pedagógica, considerado “precursor da escola nova, que inicia no século XIX e teve grande êxito na primeira metade do século XX, sendo ainda hoje muito viva. (GADOTTI, 200, p.88)”.

Por volta da segunda metade do século XX, no período após as duas guerras mundiais, iniciou-se um processo de questionamento e de resistência aos fundamentos da sociedade moderna. Por que, diante de tantas conquistas tecnológicas e científicas, ainda persistem tantos problemas sociais básicos como a fome, a falta de moradia e as guerras? Por que o meio ambiente vem sendo crescentemente dizimado, apesar dos alertas e provas constantes da comunidade científica? Por que o modelo de ciência moderna não consegue ajudar a resolver os problemas latentes da sociedade?

Questionamentos desse tipo resultaram numa reação dos intelectuais diante do

cenário contemporâneo, que também foram visivelmente marcados pelas mudanças de ordem econômica, sociais e tecnológicas. “No fim do segundo milênio da Era Cristã, acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”. (CASTELLS, 2000, p. 40).

Desse processo, surgiu o movimento pós-moderno, que consiste num referencial, que apresenta críticas sobre a visão de mundo moderno, que não consegue “dar conta” da complexidade e singularidades da sociedade atual. Entre os aspectos principais que o pós-modernismo se opõe podemos destacar:

As teorias totalizantes, que tinham o objetivo de explicar fenômenos complexos do universo e do mundo social - as chamadas metanarrativas.

A racionalidade e o progresso como único caminho para o desenvolvimento social, base para uma sociedade burocrática que transformou as relações de trabalho em relações de exploração e opressão. Também utilizando a bandeira do progresso, ocorreu domínio desregulado do homem sobre a natureza.

A visão de homem dominado pela razão, fundamentalmente centrado e unitário, foi fortemente criticada por grandes teóricos desde o século XIX. Stuart Hall (2005) apresenta importante referencial, sistematizando os argumentos que entendem o homem dotado de uma identidade fragmentada, descentrada e inacabada. Em sua análise, Hall apresenta cinco rupturas ocorridas como consequência dos avanços na área das Ciências Humanas e Sociais que se contrapõe à óptica do homem racional, livre e unificado da Modernidade. O autor utiliza a expressão “descentramento do sujeito” para se contrapor ao sujeito centrado da Modernidade. Essas cinco rupturas foram contribuições de Karl Marx com o materialismo histórico, Freud com a descoberta do inconsciente, Saussure com estudos da lingüística, os estudos de Foucault sobre o poder e o impacto do movimento feminista.

A perspectiva Marxista defende a idéia de que o ser humano não é totalmente livre e autônomo, mas que sua realidade concreta já estava estabelecida antes de seu nascimento. O homem é um ser historicamente determinado pelas relações sociais, políticas e econômicas. (...) um dos modos pelo qual seu trabalho foi redescoberto e reinterpretado na década de sessenta foi a luz da afirmação de que os “os homens (sic)

fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”. (HALL, 2005, p.34).

Os referenciais da Psicanálise, de Freud, mostraram que os seres humanos são dotados de um inconsciente que exerce grande influência sobre as atitudes, valores e idéias. O consciente é então somente uma parte da vida psíquica humana, sendo necessária a constante negociação entre essas duas instâncias da mente (consciente e inconsciente) para que o equilíbrio e a vida em sociedade sejam possíveis. Como explica Hall (2005),

(...) a teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela Razão, arrasa com o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de um identidade fixa e unificada. (p. 36).

Para o lingüista Ferdinand Saussure, o homem está imerso no sistema de língua da qual faz parte e que é anterior a ele. Quando utilizamos a língua, expressamos idéias que fazem parte de nossa cultura e que já foram utilizadas. Conforme Hall (2005),

Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. (p. 40)

De acordo com Foucault, a sociedade moderna utiliza-se de um poder disciplinar para vigiar e regular os indivíduos com o objetivo de governar a grande massa da população e também os sujeitos individualmente. Esse poder disciplinar é exercido no interior da sociedade mediante suas instituições, como as escolas, os quartéis, as prisões, as clínicas, entre outras. Segundo o autor, o objetivo maior é tratar o sujeito como um corpo dócil em que possa ser exercido facilmente o poder. O objetivo do “poder disciplinar” consiste em manter “as vidas, as atividades, o trabalho, a infelicidade e os prazeres do indivíduo” (HALL, 2005 p. 42), assim como a sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e familiares, sob restrito controle e disciplina.

A última contribuição para o descentramento do sujeito moderno se refere ao movimento feminista da década de 1960, que questiona vários pontos da Modernidade como a valorização do poder masculino que existe na sociedade que politizou as discussões sobre identidade, gênero, o processo de identificação, divisão doméstica,

sexualidade, trabalho, entre outros aspectos. Segundo Silva (2002),

O feminismo vinha mostrando, com força da vez maior, que as entrelinhas do poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo, mas também pelo patriarcado. De acordo com essa teorização feminista, há uma profunda desigualdade dividindo homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte gritantemente desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. (p. 92).

Esse referencial apresentado por Stuart Hall consiste num importante argumento para se compreender e ressignificar a visão de homem e de identidade no decorrer da história. O ser humano dotado de uma essência humana e munido de razão e identidade unitária é rechaçado por uma concepção do homem que possui uma identidade fragmentada, inacabada e contraditória.

Essa contextualização histórica nos ajudou a compreender os principais elementos que envolvem a construção da identidade. Verificamos que as questões de identidade tratam intrinsecamente da relação entre os seres humanos e da construção da subjetividade, por meio de algo que vem sendo construído e modificado a cada época e sociedade. Portanto, a identidade não é algo fixo e imutável, mas um processo dinâmico influenciado pelo meio em que se vive e que é constituído no decorrer da história de vida das pessoas; história de vida marcada por diferentes influências sociais: família, escola, trabalho, lazer, mídia. Dessas influências verificamos as formas de relações sociais e relacionamentos desenvolvidos. Nem sempre essas relações são desenvolvidas entre pessoas livres e com igualdade de posições, mas em relações de domínio e de poder, mesmo quando não se tem consciência disso.

Compreendendo que por meio da nossa identidade que interagimos e convivemos com os outros, por isso, precisamos tomar consciência de que o outro não é igual a nós, pois cada pessoa possui uma história de vida e experiências diferentes, que constitui sua identidade. Assim, a diferença é uma das características das comunidades humanas menos valorizadas nos processos sociais. Geralmente o diferente não é bem aceito.

Nos processos educativos, a prioridade é o “consenso” que serve para fazer tudo funcionar perfeitamente. Já o “conflito”, que permite a evidência de pontos de vistas diferentes, não é estimulado na educação tradicional. Por isso, percebemos que as estratégias pedagógicas evitam provocar os alunos mediante situações didáticas que

evolua para discussões e debates conflituosos, principalmente quando essas discussões envolvem idéias diferentes da dos professores.

Percebemos também que as discussões sobre identidade evoluíram de uma perspectiva essencialista, ao entender que cada sujeito tinha função e identidade sociais bem definidas, dadas por Deus; para uma visão de identidade baseada numa natureza humana dotada pelo indivíduo racional e centrado da Modernidade; até os dias atuais em que a identidade é entendida como uma construção cultural.

Nessa construção cultural da identidade os diferentes papéis assumidos pelos sujeitos (pai/mãe, profissional, esposa/marido.) também exercem influencia, fazendo que faça mais sentido falarmos de “identidades” do que em “identidade”.

Embasado nessa visão de identidade nas diferentes épocas, fazer necessário compreender como se contextualiza a construção das identidades na sociedade atual intensivamente marcada pela utilização de artefatos tecnológicos digitais que proporcionaram novas formas de comunicação, além de englobar e aperfeiçoar os existentes, com destaque para o desenvolvimento das relações sociais no ciberespaço.

A sociedade capitalista moderna sempre demonstrou uma tendência ao globalismo na medida em que superava fronteiras dos Estados-Nações na busca constante de ampliar e tornar os mercados mais competitivos e lucrativos. As relações econômicas aproximaram diferentes culturas que se influenciam mutuamente, mas de forma desproporcional, pois as culturas hegemônicas se consolidaram amplamente e se sobrepuseram sobre outras. Segundo Hall (2005), seria muito simples considerar somente a idéia de que a cultura mais forte se sobrepõe e dizima a mais fraca, o que é bem mais dinâmico, pois traz novos processos e formas de superação.

O movimento de valorização da identidade cultural local cresce no mundo todo como resposta à homogeneização cultural advinda com a globalização. Além desse movimento, as identidades nacionais passaram a partilhar de aspectos comuns em razão da proximidade. Para Stuart Hall (2005),

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas”- como “consumidores” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes das outras no tempo e no espaço. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas as influências externas, é difícil conservar as identidade culturais intactas ou impedir que

elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (p. 74).

A comunidade carregada de sentido de pertença na época anterior à Modernidade começa a ter novas influências e desestruturar os conceitos seguros de tempo e espaço delineados localmente que permitiam a criação de raízes identitárias culturais. O tempo e o espaço são ressignificados com a aproximação das regiões como consequência da globalização.

Soma-se a isso o desenvolvimento de tecnológico que favorecia a comunicação a distância, por meio de novas ferramentas e a rapidez de deslocamento pelos meios de transporte iniciados na Modernidade. Atualmente, a utilização de computadores conectados às redes digitais potencializaram de tal forma a aproximação dos sujeitos globalmente que o conceito de “presença” começa a ser repensado. De acordo com Hall (2005),

A medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações e uma “espaçonave planetária” de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas – e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais. (HAVEY, 1989, p. 240 apud HALL, 2005, p. 70).

É nesse cenário que surge o ciberespaço, trazendo como característica a separação do tempo e do espaço, pois o espaço físico foi gradualmente sendo complementado pelo espaço virtual, em que locais físicos foram substituídos pelas redes que levam informações em todos os lugares, acessadas através da internet. O tempo torna-se mais “flexível”, pois cada sujeito organiza suas atividades virtuais ao seu tempo, conforme avalia Pierry Lévy,

(...) O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmo. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em algum lugar, computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (1999, p.44)

Nesse espaço distribuído em redes, as questões identitárias são problematizadas não só pelo descentramento do lugar físico, mas também do anonimato permitido pela estrutura computacional que medeia a interação dos sujeitos. O anonimato faz emergir grande discussão sobre a autenticidade das informações e dados que circulam velozmente na internet e das relações desenvolvidas em seu âmbito.

As questões de tempo, espaço, identidade e autenticidade apresentadas pelo ciberespaço trazem novos desafios para a sociedade pós-moderna. Esses desafios compreendem a necessidade de referenciais que ajudem a lidar com as transformações culturais. Como explica Hine,

Para algunos, las nuevas tecnologías de las comunicaciones son consecuencia lógica de las preocupaciones de la sociedad moderna acerca de la racionalidad y el control. Para otros, las nuevas tecnologías comunicacionales se diferencian por el énfasis que ponen en la incertidumbre, con lo cual se convierten en la fragmentación de conceptos tales como ciencia, religión, cultura, sociedad e el sí mismo (*self*). Finalmente, para algunos, las nuevas tecnologías de la información e de la comunicación son agentes de cambio social, tan radicales que merecen un largo período de tiempo para terminar de adquirir forma: la sociedad de la información. (2000, p. 14)

Mesmo com as divergências de opiniões sobre a influência das tecnologias da informação e da comunicação na sociedade, podemos considerar que elas existem e estão atingindo todos os continentes, influenciando nossas formas de consumir, aprender e desenvolver relacionamentos sociais. Alguns autores compreendem que a cultura própria do ciberespaço chama-se cibercultura que consiste no “(...) conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento de ciberespaço”. (LÉVY, 1999, p.17).

Atualmente, o ciberespaço constitui espaço amplamente utilizado pelos sujeitos que possuem acesso a computadores conectados. No presente estudo, verificamos que os alunos da disciplina pesquisada utilizavam bem as ferramentas no ciberespaço, principalmente o recurso de e-mail. Todos os alunos possuíam pelo menos uma conta de e-mail.

Outro aspecto que destacamos é a experiência anterior que os alunos tiveram com educação a distância, que foi a utilização de uma ferramenta de comunicação chamada “fórum de discussão” utilizada por uma professora em outra disciplina.

A utilização da internet pelos alunos nos mostrou que as atividades no ciberespaço não era nenhuma novidade para eles. A cibercultura e todas as questões positivas ou negativas que apresenta já fazem parte da vida dessa geração que de forma mais ou menos freqüente já desenvolve atividades virtuais.

É importante considerar que o contexto social da educação virtual é o ciberespaço, levando em consideração todas suas características, a potência de se alcançar diferentes partes do mundo; a influência das culturas dominantes sobre outras; a possibilidade de interação a distância; a diferenciação do tempo e do espaço, entre outros pontos.

Compreendermos que nenhuma criação tecnológica é neutra e interfere intencionalmente na vida dos sujeitos. Por isso, uma leitura crítica desse novo mundo que se abre com o ciberespaço precisa ser realizada, para que os sujeitos possam optar e fazer escolhas de acordo com suas necessidades e não aceitar algo imposto por modismo ou medo da exclusão.

Assim, no cenário que se apresenta a comunicação desenvolvida no ciberespaço nos apresenta outros questionamentos sobre o que comumente chamamos de identidade, principalmente porque o corpo, a primeira referência de identidade, não é vislumbrado.

Para Couto (2000) o corpo humano é mais do que um objeto dado pela natureza, mas sim uma construção. A construção do corpo ocorre quando os sujeitos lançam mão das tecnologias mais avançadas na área da saúde para modificar seu corpo, seja com ajustes cirúrgicos mais simples a implantes de prótese. Segundo o autor,

A antiga discussão sobre a mixagem do homem-máquina esteve no centro da investigação na era do materialismo e do mecanicismo, nas tentativas de elaboração dos autônomos, típicas do século 19, e se atualiza através da biotecnologia e da cibernética. Com as tecnologias avançadas antigas limitações físicas são superadas e os recursos para moldar o corpo se multiplicam e se popularizam. (2000, p.133)

Transpondo essas mudanças no corpo permitidas pelas tecnologias, há uma radicalização desse processo quando o corpo se virtualiza e se desterritorializa no ciberespaço. Como explica Couto (2000),

No universo interativo das redes de comunicação – ciberespaço – interessa a

construção/disseminação ininterruptamente atualizada de um modelo de corpo a ser amplamente produzido pelos indivíduos. A virtualização do corpo, híbrido do individual com o social, como defende Lévy, encontra-se nesse contínuo a sua conectividade geral. Ela é instrumentalizada pela superação da fronteira entre o corpo físico e os fantasmas e as matizes vinculada pelas mídias eletrônica. (p.176)

O corpo criado no ciberespaço é uma construção que pode mixar o real com o fictício, como verificarmos comumente nos ambientes virtuais. Permite, também, a criação de identidades múltiplas que variam de acordo com a necessidade dos usuários e das relações sociais desenvolvidas. Segundo a pesquisadora Sherry Turkle, que foi pioneira no estudo da influencia do computador na vida de seus usuários, desde a década de 1990, a forma de utilização do computador permite-nos vislumbrar uma mudança de paradigma em que o computador passou de uma ferramenta de cálculo, cujo seu funcionamento era visto numa perspectiva moderna para uma ferramenta de simulação, numa perspectiva pós-moderna. Segundo a autora,

(...) fifteen years ago, the computational models of mind that dominated academic psychology were modernist in spirit: Nearly all tried to describe the mind in terms of centralized structure and programmed rules. In contrast, today's modal often embrace a postmodern aesthetic of complexity and decentering (TURKLE, 1995, p.20).²

A cultura da simulação permite que os sujeitos experimentem o conceito do “Eu” pós-moderno descentrado e fluido. Segundo a autora, a ampla utilização do ciberespaço no cotidiano dos sujeitos afeta as vivências no contexto social mais amplo, a vida *on line* afeta a vida *off line*. No livro *Life on the screen (1995)* a autora apresenta o relato de experiência de estudantes que experimentavam a aventura de se “tornarem” pessoas diferentes no anonimato permitido pelo computador, como descreve Turkle,

Doug is a midwestern college junior. Her plays four characters distributed across three different Muds. One is a seductive woman. One is a macho, cowboy type whose self-description stressed that he is a “Malboros rolled in the T-shirt sleeve kind a guy.”The third is a rabbit of unspecified gender who wandrs its MUD introducing people to each other, a character he calls

² A cultura da simulação está emergindo em muitos domínios. Isto afeta a compreensão de nossa mente e corpo. Por exemplo, há quinze anos, o modelo computacional dominante na Psicologia era o paradigma moderno: quase todos descreveram a mente em termos estrutura centralizada e regras de programação, no entanto, o modelo atual freqüentemente aceita um paradigma pós-moderno de complexidade e descentramento.

Carrot. (...) Doug talks about playing his characters in windows and says that using windows has made it possible for him to “turn pieces of my mind on and of” (...) “RL is just one more window”, he repeats, “and it’s not usually my best one.”(1995, p. 13)³

Assim como os MUDs pesquisados por Turkle, o *Seconde Life* é um mundo virtual que permite a criação de identidades e a imersão em diferentes ambientes interativos, considerados como “um mundo virtual”. No *Second Life* (www.secondlife.com), os sujeitos podem “criar” identidades diferentes, inclusive de seres “não-humanos”. A realidade do *Second Life* é tão promissora que a lógica do mercado financeiro global já se apropriou dele, inclusive existe uma moeda própria.

Da construção das identidades individuais e coletivas no ciberespaço também emergem questões de poder e de dominação próprios das relações sociais em nossa sociedade capitalista. O anonimato permitido pelo ciberespaço causa a preocupação das instituições sociais de forma geral. O ciberespaço é um lugar democrático onde tudo pode, endereço do caos e complexidade, esfera do controle, locus onde as idéias hegemônicas buscam espaço, onde as minorias se organizam e fazem suas denúncias, ambiente de exclusão, mas também, é um espaço onde a juventude se apropria e até os mais desfavorecidos dão um “jeitinho” de se incluir. Percebemos isso quando verificamos nos lugares mais remotos e desfavorecidos a existência uma *lan-house*.

Um dos problemas causados pela utilização dos mundos virtuais é o distanciamento das relações físicas / presenciais que essas aventuras virtuais propunham. Esse problema é discutido pela comunidade de forma ampla, compreendendo a influência na vida das pessoas de todas as idades que se encantam pelos recursos e sensações oferecidos nos mundos virtuais.

Nos encontros presenciais que as pessoas se conhecem e desenvolvem as conclusões iniciais sobre o outro, características físicas (cor de cabelo, altura, gênero, etnia); características emocionais, afetivas e sociais (simpatia, interesse, introversão) entre outras.

No ciberespaço, o outro é percebido e as relações desenvolvidas pelos interesses

³ Doug é um universitário. Ele assume quatro personagens distribuídos em três diferentes MUDs. Um é uma mulher sedutora. O outro é um homem do tipo *cowboy*. O terceiro é um coelho de gênero não identificado que adora apresentar pessoas umas as outras que ele chama de Cenoura (...) Doug fala sobre o jogo com suas personagens na tela do computador e diz que usar a tela permite a ele “torna partes de minha mente ligada e desligada” (...) Vida Real é somente uma janela a mais e diz “a vida real geralmente não é a melhor” (TURKLE, 1995, p. 13)

e afinidades em comum. As comunidades virtuais ou redes de relacionamentos são amplamente desenvolvidas para atender os sujeitos que buscam discutir e conhecer pessoas que compartilham de mesmos valores, idéias e convicções. Lévy destaca que,

(...) Afinidades, alianças intelectuais, até mesmo amizades podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como entre pessoas que se encontram regulamente para conversar. Para seus participantes os membros das comunidades virtuais são o mais humano possível, pois se estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades. (1999, p. 129).

No ciberespaço, as identidades dos sujeitos se manifestam de acordo com os diferentes ambientes e os recursos oferecidos por parte de cada um. Nos espaços institucionalmente reconhecidos (bancos virtuais, lojas virtuais, universidades virtuais), os sujeitos possuem senhas e *logins* trazendo informações pessoais que comprovam a identidade formal.

A construção das identidades no ciberespaço possui uma dimensão própria que entrelaça o real e o fictício. É um lugar de possibilidades em que as regras e formas de sociabilidade ainda estão sendo construídas. Por isso, as identidades que se apresentam e as relações entre os sujeitos vão depender do “lugar” na qual se está interagindo. Se a interação for num *site* de relacionamentos, por exemplo, é comum os sujeitos construírem suas identidades fictícias somente para conseguir atenção inicialmente; mas também, há aqueles que conseguem fazer amizades e desenvolver relacionamentos duradouros.

Na educação virtual, as idéias, valores e sentimentos expressos são responsáveis pelas primeiras noções de identidade dos sujeitos, pois o corpo físico não é acessível ao outro, a não ser pelas fotografias expostas.

Discorreremos sobre questões que problematizam a identidades e a educação no contexto social mais amplo até chegar ao ciberespaço, no intuito de delinear nosso objeto de estudo e colocá-lo em evidência selecionamos algumas as variáveis analíticas que nos ajudaram a compreender como se desenvolve a construção das identidades dos sujeitos na educação virtual.

2.2 Variáveis analíticas para a compreensão da construção das identidade na educação virtual: estratégias pedagógicas, linguagem, interação e ambiente virtual de educação

A educação a distância por meio da web é possível. O que resta a fazer envolve a prática dos professores da rede de educação de gestão pública, privada e de todo cidadão interessado, se entendermos que a educação a implica transformação de si mesmo e do outro e educar para a liberdade (GOMEZ, 2004, p.161).

A educação a distância no ciberespaço não poderia deixar de receber as influencias das questões mais amplas do contexto de que faz parte. Ao mesmo tempo em que o ciberespaço trouxe novas possibilidades para a EAD, carregam junto as suas contradições e características que ainda precisam ser compreendidas e aprofundadas.

Destacamos alguns aspectos da educação virtual que consideramos fundamentais para o entendimento da formação das identidades dos sujeitos. Discutir identidade envolve uma série de questões muitas vezes não óbvias. Por isso, destacamos **a linguagem, as estratégias pedagógicas, os ambientes virtuais de educação e a interação** como questões centrais a serem discutidas para ajudar na compreensão da problematização da identidade na EAD. Essas questões refletem no cotidiano e nas teias de relações estabelecidas entre a intencionalidade da ação docente e as relações com os sujeitos do processo educativo. Sabemos que esses aspectos se entrelaçam e se complementam nas práticas educativas, não podendo ser compreendidos de forma estática. Por questões didáticas, entretanto, decidimos categorizá-los para melhor compreensão.

As estratégias pedagógicas

É comum na educação a distância a reprodução das práticas desenvolvidas na educação presencial, sem levar em consideração as especificidade da EAD virtual. Por exemplo, observamos a utilização de “sala de aula virtual” para levar a idéia de um ambiente concreto de ensino relacionado às estruturas físicas da aula presencial. Apesar de compreendermos que existem muitas similaridades, já que estamos tratando de processos educativos, essa visão limita as possibilidades advindas com as inovações em termos midiáticos e interativos. Para Moran e Masetto,

Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco,

com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas iremos utilizá-las para nos comunicarmos mais, para interagirmos melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias mas nas nossas mentes (2000, p.63)

Percebemos algumas variáveis que influenciam nas estratégias pedagógicas e merecem destaque por serem possibilitadas ou influenciadas pelo contexto do ciberespaço que são o tempo, o fluxo de informação, conhecimento e autoria e a autonomia.

A noção do tempo na educação a distância não deve ser vista conforme o tempo da educação presencial. O tempo na EAD é o tempo de acordo com a necessidade do sujeito que aprende por meio do ciberespaço. Na era digital, é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes; e pode continuar a aprender (KENSKI, 2003).

Isto não é assim tão simples, pois a organização do momento pedagógico virtual exige uma transformação de todo o processo educativo. Devemos considerar não o tempo sincronizado da educação presencial, mas sim o tempo variado em que os sujeitos interagem no ciberespaço. O amadurecimento das discussões exige um período para ocorrer. As dúvidas, posicionamentos e contribuições são desenvolvidos por pessoas não conectadas ao mesmo tempo na maioria das vezes. Por isso, se esse tempo não for considerado, haverá muitas dificuldades de aprendizagem, como explica Belloni,

Nas análises e definições da EAD, como vimos, a ênfase é colocada na descontinuidade (alunos dispersos, muitas vezes, não podendo deslocar-se para reunir-se), todavia é importante lembrar que o aspecto temporal, embora muitas vezes negligenciado, e de extrema importância: o contato regular e eficiente, que facilita a interação satisfatória e propiciadora de segurança psicológica entre os estudantes e as instituições “ensinante”, é crucial para a motivação do aluno, condição indispensável para a aprendizagem autônoma. (2003, p. 27).

As atividades desenvolvidas através dos espaços assíncronos permitem que cada pessoa organize seus estudos de acordo com suas necessidades, mas levando em conta

um cronograma estabelecido, já que não existe processo educativo formal que não obedeça a um planejamento. A flexibilidade do tempo oferecida na EAD virtual traz a necessidade de maior responsabilidade do aluno ante sua aprendizagem, pois o cenário educativo a distância não permite ao professor iniciar e encerrar a aula; quem faz isso é o próprio aluno. Segundo Ramal,

(...) não é preciso parar de estudar logo aquele conteúdo que estava agradando só porque 'bateu o sinal: a navegação continua sempre que desejar. Quando um assunto não interessa, é possível mudar a direção, em um percurso que é sempre pessoal. A EAD vem trazer a possibilidade de respeito aos ritmos de cada um (2002, p.45).

Isso não significa, porém, que professor não tenha responsabilidades nesse processo, pois é seu papel também é de orientar os alunos para conseguir desenvolver suas atividades com autonomia. Essa questão merece especial atenção no planejamento de cursos a distância em razão do elevado grau de desistências e evasões, pois é difícil sair de uma modelo de ensino tradicional onde há um rígido controle sobre o tempo.

Fluxo de informação, conhecimento e autoria devem ser problematizadas visto que os alunos têm acesso à grande quantidade de informações na rede. Esse aspecto exige a habilidade de docentes e discentes para lidar com a autoria e seleção de materiais de qualidade acadêmica.

Neste ponto destacamos o importante papel do professor em orientar e acompanhar os alunos, na reflexão e análise das informações acessadas. Existe uma grande diferença entre informação e conhecimento, por isso a grande quantidade de informação a que os alunos têm acesso não é garantia da compreensão e transformação dessas informações em conhecimento. É parte da tarefa do professor ajudar os alunos a identificar fontes confiáveis que trarão contribuições efetivas para o grupo. De acordo com Santos,

(...) o processo de construção do conhecimento só pode acontecer a partir do tratamento crítico da informação na relação interativa entre sujeitos e objetos do conhecimento. Sendo o processo de construção de conhecimentos uma ação comunicativa entre os sujeitos, não podemos acreditar mais que comunicar e conseqüentemente aprender é apenas um mecanismo de difusão e emissão de mensagens. (2003, p.136)

Intrinsecamente a essas questões é imprescindível discutir sobre a autoria, para evitar o uso indevido de materiais encontrados na internet muitas vezes apropriados e alterados na prática comumente conhecida como “copiar e colar”. Essa prática é facilmente desenvolvida e constitui problema grave enfrentado pelos professores, que se vêem perdidos diante do grande fluxo de textos disponíveis na web. Além disso, existem *sites* especializados em oferecer trabalhos prontos em diversas áreas do conhecimento, atingindo as várias modalidades e níveis de ensino.

Para lidar com essa situação, a comunidade educativa deve entender como funciona a pesquisa na internet para saber lidar com a questão; além disso, discutir e orientar os alunos sobre a questão da autoria. Para isso não existem soluções prontas e imediatas, mas o acompanhamento dos trabalhos e produções dos alunos é a melhor forma de lidar com a situação. Devemos evitar as atividades que envolvem resultados prontos, em que o professor transmite um conteúdo e exige um trabalho final, sem considerar o que houve entre esses dois extremos, como aponta Santos (2007),

(...) integrar a escola à vida não passa por aparelhamento puro e simples, e sim, primeiramente, pelo elemento humano que desenvolverá um projeto educacional que possibilite ao aluno articular o aprendizado ao seu cotidiano, estabelecendo relações, questionando, interagindo. Para isso não bastam máquinas. É preciso professores bem preparados. É preciso sim, que o educando tenha acesso aos modernos meios de comunicação e informação, mas principalmente, que tenha repertório e direção para manipulá-los e compreendê-los em suas múltiplas facetas. (p.269)

Nesse grande fluxo de informações podemos destacar, por outro lado, as vantagens do exercício da pesquisa. Os alunos podem trazer informações novas e também relevantes para as discussões abordadas, pois as fontes interessantes de pesquisa são diversas; acesso a dicionários, gramáticas, glossários, trabalhos completos, artigos, entre outros. Além disso, existe amplo material multimídia, como textos, áudios, vídeos e imagens que podem contribuir de forma significativa para as discussões e reflexões, desde que adequadamente inseridos no âmbito educativo.

Enfim, as informações que circulam na internet são abrangentes, trazendo problemas, mas também possibilidades para EAD. Portanto, estes necessitam ser enfrentados com criatividade e interesse dos sujeitos que estão sendo formados e sendo formadores. Discutir dimensões éticas como a autoria é preparar o aluno para enfrentar

os desafios impostos pelas situações surgidas no contexto atual.

Outro ponto a ser destacado é o desenvolvimento da autonomia, pois Com o desenvolvimento da modalidade a distância, usou-se muito o conceito de “autonomia” para justificar o estudo individualizado e a responsabilidade do aluno pela própria aprendizagem. Esse discurso mostrava bem o viés moderno e neoliberal das visões predominante da EAD que buscavam transferir para o aluno toda a responsabilidade pela sua formação. A intencionalidade da educação crítica, entretanto, aponta para a formação de um sujeito autônomo, mas em outro sentido.

A autonomia é a capacidade moral de um sujeito tomar decisões por si mesmo, levando em consideração as questões relevantes de seu meio para agir da melhor forma, considerando não somente seus interesses, mas também da comunidade que o cerca. “É bom lembrar que autonomia não se confunde com individualismo, porque ser moral significa ser responsável (responder por seus atos) e capacidade de reciprocidade (toda ação intersubjetiva)” (ARANHA, P.120, 2000).

Segundo Kamii (1995) a finalidade da educação é desenvolver autonomia, visto que os sujeitos nascem dependentes e continuam durante muito tempo nessa dependência, chamada de heteronomia. Nesse sentido, o desenvolvimento da autonomia deve ser reforçada nos processos educativos, na qual o papel do professor é muito importante no oferecimento de condições para que o aluno se torne um ser autônomo.

A autonomia não é algo natural, mas algo construído socialmente, em que a educação formal tem papel fundamental. Para Freire (1996), a prática pedagógica deve ser pautada numa postura ética reconhecendo os alunos como sujeitos históricos que possuem conhecimentos, valores e crenças que devem ser valorizados e considerados pelos professores. De acordo com o autor,

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha e seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente a experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 66)

Nesse contexto, as estratégias pedagógicas concretizarão todas as intenções e

objetivos previstos pelo professor. Por isso, as intenções precisam estar claramente definidas e devem abarcar a visão de educação, sociedade e sujeito que se quer formar. Nesse contexto, devem ser definidas previamente no planejamento, porém deixando margem para uma adaptação no decorrer do processo. Behrens (2000) avalia que,

Um paradigma inovador que venha atender aos pressupostos necessários às exigências da sociedade do conhecimento tem sido denominado de *paradigma emergente* por alguns educadores – Boaventura Santos (1989), Moraes (1997), Guitiérrez (1999) e Behrens (1999). Caracterizar um paradigma emergente não parece tarefa de fácil resposta neste momento histórico, mas o que se pode garantir, além da multiplicidade de denominações, é que o paradigma inovador engloba diferentes pressupostos de novas teorias. (...) o ponto de encontro entre os autores que contribuem com seus estudos sobre o paradigma emergente é a busca da visão de totalidade, o enfoque da aprendizagem e o desafio de superação da reprodução para a produção do conhecimento (p.85-86)

As estratégias são concretizadas pelas atividades e orientações realizadas durante o processo educativo, por isso envolvem decisões e seleções de materiais, recursos e espaços direcionados e fundamentados por uma abordagem educativa. Por isso, são centrais os outros aspectos que apresentamos anteriormente (autonomia, fluxo de informação, autoria, construção do conhecimento e o tempo), pois se insere numa concepção de educação a serviço da sociedade que está posta ou numa busca de mudança.

Os ambientes virtuais de educação – AVE: espaços e lugares do processo educativo

Os ambientes virtuais de educação - AVE reúnem em único espaço da WEB ferramentas diversas de comunicação (fórum de discussão, bate-papo, *portfolio*, *e-mail*), ferramentas para apresentação e compartilhamento de materiais didáticos em diferentes formatos textuais (textos, vídeos, imagens) e ferramentas para organização e coordenação para o atendimento de uma determinada disciplina ou curso. Almeida conceitua como,

(...) são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e

comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. (2003, p.331)

Essas ferramentas são preparadas para os processos educativos a distância, constituindo espaços utilizados pelos sujeitos, por isso, a nomenclatura mais comum que será utilizada nesse estudo será espaço e não ferramenta.

Os AVEs geralmente são desenvolvidos com base uma abordagem educativa que irá atender a necessidade de professores e alunos. Devemos observar esse aspecto com cautela, pois poderá haver situações em que o AVE não atende adequadamente à prática pedagógica do professor ou da comunidade educativa de que faz parte. Para compreendermos melhor essa situação, apresentamos dois ambientes virtuais de educação que possuem orientações pedagógicas bem distintas, não significando que um seja melhor e outro pior, mas possuem diferentes concepções de educação. O primeiro é o Ambiente TelEduc (<http://teleduc.nied.unicamp.br/pagina/>) ou outro é o Ambiente MOODLE (<http://moodle.org/>).

O TelEduc foi desenvolvido pela Universidade de Campinas – UNICAMP com o objetivo de formar professores na área de Informática Educativa. Atualmente, o TelEduc é utilizado por muitas instituições para o desenvolvimento de cursos e atividades a distância, sua aceitação pela comunidade educativa decorre em grande parte a sua boa qualidade e atualização, bem como por ser um *software livre*⁴.

A estrutura do TelEduc é intuitiva e bastante simples, constituída de ferramentas de comunicação, coordenação e desenvolvimento de atividades, facilitando a sua utilização pelos usuários, conforme verificamos na figura 1.

⁴ O *software livre* nasce em oposição ao *software* proprietário, ou seja, programas de computadores com código fonte fechado, registrado por uma única empresa, que cobra o direito de propriedade intelectual (*copyright*). Abrir, alterar ou divulgar esse código-fonte é considerado crime, dependendo da legislação do país em que o ato é cometido (GUESSER, 2006, p. 40).

Ensino de Ciências e Matemática
Material de Apoio

Material de Apoio	Novo Material de Apoio	Importar Material de Apoio
<input type="checkbox"/> Material de Apoio		Data
<input type="checkbox"/> 1 - Fedathi		10/10/2006
<input type="checkbox"/> 2 - Polya		19/09/2006
<input type="checkbox"/> 3 - Dewey		19/09/2006
<input type="checkbox"/> 4 - O ciclo DERY		19/09/2006
<input type="checkbox"/> 5 - Engenharia didática		19/09/2006
<input type="checkbox"/> 6 - Ausubel		07/11/2006
<input type="checkbox"/> 7 - Objetos de aprendizagem		20/09/2006

Figura 1- ambiente virtual de educação - TelEduc

Internamente o TelEduc possui um menu fixo (lado esquerdo) que permite a navegação nas diferentes ferramentas oferecidas pelo ambiente. Percebemos que sua estrutura de fácil navegabilidade, pois, ao clicar em qualquer uma das ferramentas que estão no menu, aparecem as informações imediatamente ao seu lado.

O TelEduc possui estrutura linear, baseada numa visão bem organizada das informações. A hierarquização das funções é muito rígida e as permissões para participação dos alunos são bem controladas pelo professor ou coordenador dos cursos. Essa concepção difere da visão pós-moderna de rede em que não existe um só caminho, mas uma multiplicidade de nós. De acordo com Gomez,

No texto eletrônico, essas remissões se realizam por meio de comandos que se ligam diretamente com os elementos associados. O hipertexto, constituído de blocos de palavras e imagens eletronicamente unidos em trajetos múltiplos, permite o entrelaçamento espacial numa textualidade inacabada, que não se impõe a uma ou a outra rede. O texto signficante, não sendo uma estrutura de significados, possibilita várias entradas, sem que nenhum delas seja a principal. Os leitores, por meio de *links*, conectam-se ao próprio texto por diversas vias, em caminhada ou aos saltos, tecendo letras, ícones, sons, fotos, imagens (fixas e móveis) e vozes. (2004, p. 39).

Apesar de o TelEduc possuir muitas vantagens, percebemos que possui limitação referente a sua estrutura linear, que impede o desenvolvimento de atividades em que professores e alunos possuem o mesmo nível de participação e espaço de expressão,

como em atividades baseadas em fundamentação pedagógica de cunho progressista.

Outro ambiente que abordamos consistiu no Moodle, que é um *software* australiano desenvolvido para atender as instituições que oferecem cursos e outras atividades a distância. Assim como o TelEduc, o Moodle também possui a filosofia de *software* livre. Esse ambiente possui variadas ferramentas para comunicação, administração e coordenação de cursos e atividades, sendo uma de suas vantagens.

The screenshot displays the Moodle user interface. At the top right, there is a language selection dropdown set to 'Português - Brasil (pt_br)'. The main content area features a table of course categories:

Categorias de Cursos	
Multimeios	4
Pesquisa e desenvolvimento	8
Grupo de estudos	4
Graduação	5
Pós-graduação lato-sensu	1
Pós-graduação stricto-sensu	1
Extensão	8
CRID	5
Gestão colaborativa	1

Below the table is a search bar labeled 'Buscar cursos:' with a 'Vai' button. To the left, there is a 'Menu Principal' section with weather information for Fortaleza, Ceará, and a 'NovidadesMM' section. To the right, there is a 'Calendário' section for March 2008 and a 'Laboratório de Pesquisas MULTIMÉDIOS' banner.

Figura 2 - ambiente virtual de educação Moodle

Diferente do TelEduc, sua estrutura permite que alunos e professores tenham acesso e permissões em todas as ferramentas e recursos, o que facilita a troca de experiência entre o grupo e o desenvolvimento de uma relação horizontal.

Consideramos, entretanto, como maior vantagem do Moodle a sua estrutura não linear composta por ferramentas e recursos diversos, que permitem o desenvolvimento de atividades de interação entre grupos e também individuais, dentre as quais podemos destacar o *wiki* e o *Blog*. O *Wiki* se destaca por permitir o desenvolvimento de textos coletivos, não existindo o autor, mas sim autores. O resultado desse trabalho em grupo é sempre um texto que retrata o coletivo. Já o *Blog* permite que os alunos e professores possam ter um espaço individual ou em grupos, para o desenvolvimento de projetos ou interesses que sejam relevantes para o compartilhamento entre o grupo. Em relação às potencialidades técnicas, as duas ferramentas permitem a inserção de materiais audiovisuais trazendo maior dinamismo.

Destacamos a influência do AVE para formação das identidades em EAD, visto que eles podem possibilitar o desenvolvimento de práticas educativas que permitam aos alunos sentirem-se parte daquele espaço, trazendo suas histórias, modificando e personalizando o ambiente virtual.

A interação e participação do grupo transformam o AVE num lugar pedagógico em que alunos e professores irão estabelecer relações sociais, trocas de conhecimento e a identidade através da contribuição de cada um e do grupo como um todo. “O ambiente virtual de educação pode, desta maneira, tornar-se um lugar quando passa a ter significado para as pessoas que o utilizam, que culturalmente o referenciam, nele se experimentam e passam a utilizá-lo como ambientes de relações.” (MATTOS, 2005, 61).

A importância dos espaços que o AVE possui deve estar a serviço da construção das identidades individuais e de grupo e não limitando essa construção. Percebemos a importância da discussão pedagógica para o desenvolvimento desses ambientes, para que não fique somente definido por equipes de técnicos, mas sim por uma equipe multidisciplinar que possa abrir possibilidade e inovações não somente técnicas, mas também metodológicas.

Linguagem e identidade na EAD

O processo de criação em rede, fronteira do ato e do pensamento, envolve o tecido de palavras, imagens e sons, e revela, como consequência o conceito de rede como texto. No contexto da internet, este expressa o protagonismo do sujeito na plúriautoria, valendo-se de mediações lingüísticas e semióticas, portanto diferenciadas social e historicamente. (GOMEZ, 2004, p.41).

Para compreensão da formação da identidade em cursos a distância, é crucial abordar a linguagem desenvolvida pelos sujeitos no ambiente em que ocorre o ensino/aprendizagem. É pela linguagem que as identidades expressas e as relações intersubjetivas são desenvolvidas, pois as formas de pensar e agir de um sujeito surgem na sua fala, seja escrita ou oral, revelando um pouco de si para os outros.

Na EAD por meio digital, há uma linguagem específica, na qual a linguagem textual escrita é uma das principais formas utilizadas, mesmo com a integralização de imagens e sons (MARCUSCHI, 2004). Por meio da escrita, os sujeitos se articulam,

constroem seus espaços e manifestam suas emoções. Essa característica permitiu a criação de uma linguagem escrita própria da internet que mistura a linguagem formal com abreviações e símbolos. Essa nova linguagem se desenvolveu principalmente em razão do dinamismo e da velocidade de processamento das informações das tecnologias digitais. Marcuschi destaca que,

Tal como observa Bolter (1991), a introdução da escrita conduziu a uma cultura letrada nos ambientes em que a escrita floresceu. Tudo indica que hoje, de igual modo, a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica, com uma economia da escrita. Basta observar a quantidade de expressões surgidas nos últimos tempos com o prefixo “e-”. (2004, p. 14)

No contexto de cursos a distância, é importante desenvolver cuidados pedagógicos para que a linguagem escrita não seja um empecilho para uma comunicação intersubjetiva entre alunos. Além disso, é preciso verificar os espaços utilizados dentro do AVE e suas respectivas formas de expressão. Por exemplo, nas salas de bate-papo, o desenvolvimento dinâmico das discussões fez com as palavras fossem escritas de forma abreviada como se quisesse acompanhar a rapidez da linguagem oral. No presente estudo, tivemos a oportunidade de observar como se realizam na prática essas formas abreviadas de conversação, conforme podemos ilustrar na seqüência, que mostra uma conversa entre alunas que trazem em sua escrita palavras que faltam várias letras, mas que mesmo assim é possível compreender o significado da mensagem.

- [01] 10:22 Aluna 37: **PARA PIAGET O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E INFLUENCIADO PELA AFETIVIDADE**
10:22 Aluna 34: *Respondi Formadora 8??*
10:22 Aluna 36: *Como a Aluna 62 já disse para vygotky nossos pensamentos são gerados pelas nossas emoções*
10:22 Aluno 30: **po** *exemplo muitas pessoas desenvolvem bastante o seu cognitivo, o seu lado intelectual...*
10:22 Aluna 02: *pelo enos em alguns casos.. Pois **mts** **vzs** se preocupam somente com o processo educativo, sem se importarem **mt** com o emocional*
10:22 Aluna 37: *desculpa pela caixa alta*

Nas palavras destacadas em negrito, podemos observar algumas questões importantes em relação à escrita nas salas de bate-papo. Em primeiro lugar, a aluna 1 apresenta sua mensagem toda em caixa alta e em seguida se desculpa por ter enviado a

mensagem. A atitude da aluna ocorreu porque, para os usuários da internet escrever mensagens nessa formatação, significa que a pessoa está gritando com os outros colegas. Essas regras foram organizadas, formando as netiquetas que consiste em normas de interação compartilhada pelos usuários da internet.

É comum também observarmos palavras faltando letras (por – foi escrito **po** e menos – foi escrito **enos**). Essas palavras são escritas de forma tão veloz que não é percebido no momento da escrita e, mesmo depois de percebido o erro ortográfico, não há como corrigi-lo. Esses erros, no entanto, não alteram o sentido da frase. E quando alteram é possível que a pessoa que escreveu envie uma mensagem justificando seu erro.

Há também situações em que as palavras são escritas abreviadamente de forma intencional, geralmente palavras que são comuns no vocabulário diário. Em nosso exemplo, destacamos as palavras: muitos = **mts** e vezes = **vzs**.

Existe também a utilização de caracteres e símbolos que representam as emoções ocorridas durante uma interação no bate-papo. São os chamados emoticons. Serra (2005), que estudou o tema da afetividade na EAD, defende que,

No contexto do ciberespaço, os usuários da Internet encontraram nos *emoticons* a alternativa de que precisavam para estabelecer de forma eficiente o processo comunicativo, a despeito dos obstáculos que pudessem surgir em situações em que os participantes não dominassem os mesmos códigos de linguagem. O caráter descentralizado da Internet não poderia sofrer ameaça e a diversidade lingüística e cultural de cada sociedade deveria ser preservada. Com isso, os *emoticons* acabaram-se tornando uma língua paralela, em princípio, exclusiva do ciberespaço, mas que pouco a pouco contamina irremediavelmente outros espaços. (2005, p. 43).

No exemplo seguinte percebemos como funcionam os *emoticons* na prática.

[02] 10:27 Aluna 74: =**
10:23 Aluno 73: [:0}
10:21 Aluna 3: ☺
10:08 Formadora 1: ;)
10:03 Aluna 4: Desculpa,,, *
09:52 Aluno 73: zzz... lentao

Há também a utilização de terminologias próprias da língua falada, escritas da

mesma forma como faladas, como por exemplo:

- [03] 09:59 Aluna 74: **an?**
09:59 Aluna 68: **hã??**
09:59 Aluna 62: ok
09:59 Aluna 68: como assim?
09:59 Aluno 73: por favor repeti a pergunta principiá
09:59 Aluna 68: onde **eh** q tao as professoras?
09:59 Aluna 58 : não entendi
09:59 Aluna 74: quala pergunta?
09:59 Formadora 1: Aluna 68.. saia do moodle totalmente e entre novamente
09:59 Aluno 73: **brigadu**

Além de atividades realizadas na sala de bate-papo, outra ferramenta /espaço de comunicação muito explorada que possui diferentes características na linguagem é o fórum de discussão. Esse espaço, assíncrono, permite que os sujeitos interajam de acordo com seu tempo, sendo muito utilizado para atividades de amadurecimento e reflexões. Na figura seguinte podemos ilustrar um diálogo entre os alunos,

Re: Espaço para discussão temática no fórum por Aluna 56 - segunda, 1 outubro 2007, 16:21
Como em qualquer profissão o profissional deve capacitar-se para se adequar as novas formas de trabalho, principalmente quando se trata de novas tecnologias. Com o professor não é diferente, este deve procurar obter uma boa qualificação e permanecer em constante aprendizado, e em cima disso procurar atualizar-se nas novas formas de ensino. Os desafios para essa atualização são muitos, entre eles o preconceito de alguns profissionais da educação para com as tecnologias informatizadas, pois os mesmo acreditam que essas tecnologias poderão substituí-los. Mostrar principal Editar Apagar Responder
Re: Espaço para discussão temática no fórum por Aluna 62 - quinta, 4 outubro 2007, 09:36
Creio que essas barreiras de substituição do homem pelas máquinas já esteve mais evidenciado no passado. O motivo pelo qual os professores demonstram <u>temerosidade</u> é o inovador, o desconhecido. Ser professor remete desde tempos remotos como pessoa que "repassa" (modelo tradicional) conteúdos ou mediador de assuntos abordados (modelo moderno). Até então não se tinham <u>perspectivas</u> de recursos que pudessem subsidiar essa mediação e isso foi o que demorou a ser assimilado pela profissão. O <u>telensino</u> é um exemplo bem claro disso, onde o professor se tornara coadjuvante. E o que aconteceu? <u>Falhou</u> . Só com a <u>inserção</u> de fato das tecnologias nas salas de aula é que esses paradigmas foram (estão sendo) desmitificados. Mostrar principal Editar Apagar Responder
Re: Espaço para discussão temática no fórum por Aluna 15 - domingo, 21 outubro 2007, 18:57
Fui aluna do <u>telensino</u> e acredito que a falha do sistema seria porque nele não houve essa interatividade que agora estamos vendo na educação à distância com o professor, pois o conteúdo era transmitido na <u>tv</u> e em sala <u>contávamos</u> com um professor que <u>chamávamos</u> orientador que tinha que ser polivalente em todos os assuntos que muitas vezes ele nem sempre dominava ficando comprometido a aprendizagem do aluno. Mostrar principal Editar Apagar Responder

Figura 3 - Discussão no espaço fórum

No fórum das discussões a participação do aluno também ocorre de forma textual escrita, mas são utilizados caracteres diferenciados que permitem a personalização das mensagens mediante recursos como acréscimo de imagens, letras

com formatos e cores diversas. Segundo Kenski (2003), “Em muitos casos, no Ambiente das salas virtuais, o aluno encontra-se sozinho diante do monitor. Sua representação – assim como a do professor ou instrutor com quem se comunica é feita por meio de textos e imagens. Palavras, símbolos, senha os identificam no espaço cibernético”, conforme destacamos a seguir.

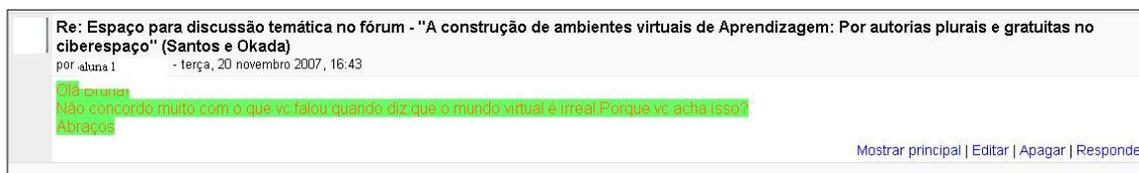


Figura 4 - Utilização de cores na fonte do texto

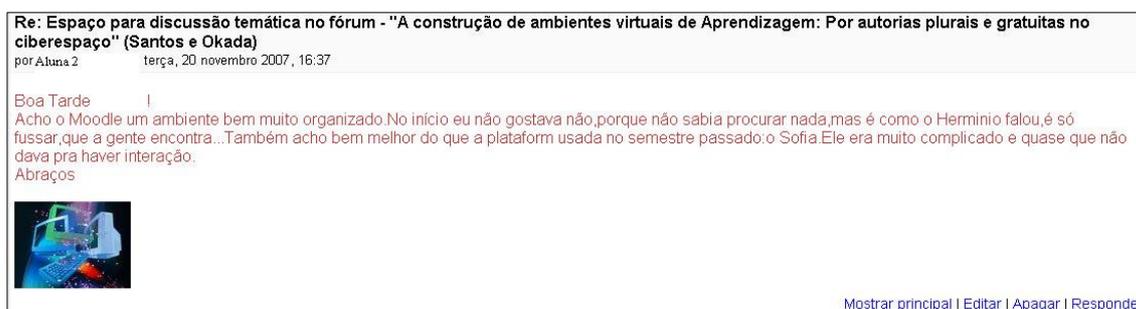


Figura 5 - Utilização de cores no texto e imagem na mensagem

Apesar de apresentar idéias mais estruturadas do que as desenvolvida nas salas de bate-papo, no fórum também percebemos a utilização de *emoticons* e palavras abreviadas, o que ocorre de acordo com o tipo de assunto e densidade em discussão. Por exemplo, no fórum intitulado “O que vim fazer aqui?”, os alunos apresentaram seus interesses em relação ao curso houve muita ocorrência de *emoticons* e abreviaturas diferentemente de um fórum em que são discutidas questões mais formais e complexas.

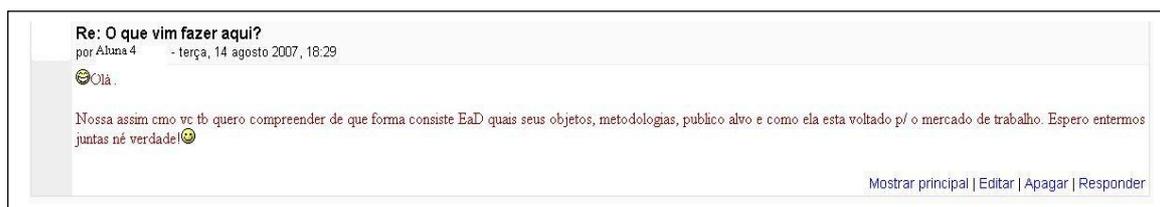


Figura 6 - Utilização de *emoticons* (☺) e abreviaturas (vc = você e tb = também)

Em relação a essas duas ferramentas de comunicação (sala de bate-papo e fórum) podemos considerá-las instrumentos importantes a serviço do diálogo e da comunicação aberta entre os sujeitos. Além disso, permitem que alunos e professores possam criar textos escritos de acordo com seus gostos e interesses, mostrando suas identidades por meio da linguagem criada pelos sujeitos e possibilitada pelos recursos da escrita na internet.

Interação e atividade Colaborativa na EAD

A interação possibilitada pelas tecnologias digitais, conectando os sujeitos, foi a grande responsável pelo destaque que a EAD recebeu nas últimas décadas. Os AVEs e as ferramentas digitais foram desenvolvidas para fornecer ao usuário diferentes formas de comunicação que abrangem desde a relação entre dois usuários até comunidades inteiras. A interação é um aspecto considerado de grande importância nos processos educativos formais validados pelas teorias clássicas da educação, como a histórico-social, na medida em que o sujeito aprende desde a interação com os outros e com seu meio. De acordo com Libâneo e Santos,

As bases teóricas da teoria histórico-social apóiam-se em Vygotsky e seus seguidores. Nessa orientação, a aprendizagem resulta da interação sujeito-objeto, em que a ação do sujeito sobre o meio é socialmente mediada, atribuindo-se peso significativo à cultura e às relações sociais. A atividade do sujeito supõe a ação entre sujeitos, no sentido de uma relação do sujeito com o outro, com seus parceiros. (2005, p. 33-34).

O reconhecimento da importância da interação para a aprendizagem na área educacional não é novidade, no entanto pouco se utilizava dessa premissa na educação a distância, pois o modelo que predominava era o modelo instrucional e de transmissão de informação. Silva (2003) contribuiu para esse debate, defendendo a interatividade, que surgiu com as tecnologias digitais, nas relações educativas no ciberespaço como forma de superar o paradigma da transmissão predominante não somente nos meios de comunicação de massa, mas também na própria lógica dos processos educativos formais:

Um novo cenário comunicacional ganha centralidade. Ocorre a transição da lógica da distribuição (transmissão) para a lógica da comunicação (interatividade). Isso significa modificação radical no esquema clássico da informação baseado na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor: o emissor não emite mais no sentido que se entende habitualmente, uma mensagem fechada, ele oferece um leque de elementos e possibilidades à manipulação do receptor. (p. 57).

Para Belloni (2003), a interação é “a ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre a intersubjetividade”. Essa interação poderá ou não ocorrer por intermédio de algum suporte tecnológico, como no caso de um computador interconectado.

Aprofundando a discussão da interação Habermas (1989) questionou a universalidade da racionalidade técnico-instrumental na sociedade moderna, que influencia e continua influenciando as relações entre os sujeitos. O autor apresenta o conceito de *racionalidade comunicativa* como outro tipo de racionalidade negligenciada e desvalorizada pela sociedade moderna nas relações sociais.

Na racionalidade comunicativa, a linguagem apresenta-se como elemento central para a relação do homem com a natureza e com os outros homens. Para o ser humano conhecer a sua realidade e agir sobre ela, é necessário que ocorra com base na mediação da linguagem, na interação dos sujeitos, e não somente pela sua consciência subjetiva individual, conforme Habermas explica em sua Teoria da Ação Comunicativa.

(...) Ilamo de acción comunicativa aquella forma de interacción social em que los planes de acción de los diversos actores quedam coordinados por el intercambio de actos comunicativos, y ello haciendo una utilización del lenguaje (o de las correspondientes manifestaciones extraverbales) orientada al entendimiento. En la medida en que a comunicación sirve al entendimiento (y no sólo al ejercicio de las influencias recíprocas) puede adoptar para las interacciones el papel de un mecanismo de coordinación de la acción y con ello hacer posible la acción comunicativa. Vista desde la perspectiva de los participantes, la comunicación sirve entonces al establecimiento de relaciones interpersonales; y desde la perspectiva del científico social, representa el medio a través del cual se reproduce el mundo de la vida compartido por los participantes em la comunicación. Ciertamente que los sistemas sociales no se agotan em tales plexos de mundo da vida que se reproducen a través de la acción comunicativa. (p.418).

A intersubjetividade torna-se condição para a ação do sujeito na sociedade. Ao

ênfatar a racionalidade comunicativa, Habermas busca mostrar que nas ações sociais⁵ não deve prevalecer a razão instrumental, que traz em suas bases a intenção de subordinação de um sujeito sobre o outro, mas sim uma racionalidade comunicativa, conforme destaca Martinazzo,

(...) Habermas busca uma alternativa em um outro tipo de razão que denomina de razão comunicativa, intersubjetiva, na qual os interlocutores constroem os consensos possíveis por meios de pronunciamentos argumentativos e em situações favoráveis ao diálogo. (2005, p.162).

A educação que se utiliza de uma racionalidade técnico-instrumental não permite a possibilidade do diálogo e da colaboração entre os sujeitos, mas uma relação de poder e dominação. A construção das identidades dos sujeitos que fazem parte desse processo torna-se comprometida pela imposição sujeito-objeto; no entanto, a prática educativa que valoriza os processos intersubjetivos, “se apresenta fundamentalmente, como uma ação humanizadora, formadora de sujeitos racionais, que implica pressupostos antropológicos que podem ser explicitados.” (BOUFLEUER, 2001, p. 85). Reveste-se de importância o fato de que os ambientes virtuais de educação permitem que os alunos possam se expressar de forma bem dinâmica, seja coletivamente ou de forma particular, em seus espaços, seja de forma síncrona ou assíncrona.

Essa interação vai depender da perspectivas de educação que embasa a proposta educativa. Se for baseada numa concepção instrumental, a ênfase será dada na interação professor e alunos em via única. Nessa concepção, o professor transmitirá a mensagem que deverá ser absorvida e devolvida mediante uma tarefa ou atividades. Percebemos, então, que há uma relação desigual entre os sujeitos. Há uma relação de dominação, pois o professor tem o conhecimento que precisa transmitir ao aluno que não tem o saber.

Na prática pedagógica baseada em outras correntes que privilegiam a posição ativa do aluno, desde a Escola Nova, há uma abertura para sua maior participação, principalmente com as contribuições das correntes construtivistas e progressistas. Nessas práticas a interação com o outro é fundamental para o desenvolvimento

⁵ Toda ação social é uma interação e pode ser definida como solução de um problema de coordenação entre os planos de ação de dois ou mais agentes, de forma que as ações de uma possam ser engatadas nas ações de outro (BOUFLEUER, 2001, p.24).

cognitivo, afetivo e social dos alunos.

Como apoio nessas concepções que abrem a possibilidade de expressão e valorização da experiência dos alunos também a possibilidade para uma ação comunicativa que visa a desenvolver uma relação de simetria entre os sujeitos, a qual busca libertar o ato educativo da razão instrumental que transforma sujeitos em objetos. De acordo com Gonçalves (1999),

A subjetividade do indivíduo não é construída através de um ato solitário de auto-reflexão, mas, sim, é resultante de um processo de formação que se dá em uma complexa rede de interações. A interação social é, ao menos potencialmente, uma interação dialógica, comunicativa. A penetração da racionalidade instrumental no âmbito da ação humana interativa, ao produzir um esvaziamento da ação comunicativa e ao reduzi-la à sua própria estrutura de ação, gerou, no homem contemporâneo, formas de sentir, pensar e agir – fundadas no individualismo, no isolamento, na competição, no cálculo e no rendimento –, que estão na base dos problemas sociais. (p.130).

Trazer o diálogo para dentro das práticas de EAD é permitir que os alunos e alunas possam assumir seu papel de sujeito, sendo capazes de expressar idéias, percepções, desejos, intenções e sentimentos. Através da linguagem e do discurso, é possível que a interação possa se desenvolver por via de entendimento mútuo negociado e argumentativo, diferente da imposição e autoridade que muitas vezes é exercida no interior da relação entre professor e aluno.

A racionalidade comunicativa permite que a relação com o outro na EAD seja um processo de expressão das identidades das pessoas que se encontram; um encontro de troca intersubjetiva, mesmo por intermédio do computador.

Nos processos educativos a distância, a interação que se busca para a concretização da racionalidade comunicativa se desenvolve principalmente por estratégias pedagógicas cooperativas. Essas duas propostas envolvem o trabalho em grupo, mas em níveis diferenciados. No que se refere ao trabalho cooperativo, há uma predominância da divisão de tarefas, mesmo quando há um objetivo comum a alcançar. Já no trabalho colaborativo o que prevalece é o coletivo, os objetivos individuais se confundem com os objetivos coletivos.

A atividade colaborativa consiste numa prática em que todos os participantes são autores, sobressaindo o trabalho coletivo como resultado da atividade. A prática

colaborativa pressupõe uma idéia de educação sob a qual os alunos são sujeitos ativos e autônomos. Para Lima,

A colaboração se caracteriza por relações mais igualitárias entre os atores do processo de aprendizagem: alunos, professores, tutores e coordenadores de programa. Ela preconiza um processo mais democrático que a cooperação por fornecer aos alunos mais poder em um clima de abertura e responsabilidade partilhada. Em razão de sua maturidade, sua responsabilidade e da autonomia que eles gozam, os alunos podem, participando das atividades de grupo, fazer escolhas segundo seu encaminhamento e utilizar estratégias de aprendizagem que lhes convém. (2007).

Na atividade intitulada *produção de texto coletivo na ferramenta Wiki*, os alunos desenvolveram em conjunto um texto sobre “Comunidades Virtuais de Aprendizagem”. Para orientar essa atividade foi aberto um fórum para orientação. Muitas dúvidas ocorreram durante o processo, tanto no que se referiu ao manuseio da ferramenta WIKI do Ambiente MOODLE como nas questões pedagógicas de produção coletiva, ilustradas a seguir.

[04] Aluna 44

Olá!

Não sei o que aconteceu, mas o texto do grupo fedathi foi todo apagado. Minha parte não consta mais, tinha escrito várias vezes, mas sumiram todas, sumiu também a figura que havia colocado.

Gostaria de saber como vai ficar?

Abraços!

O desenvolvimento de atividades colaborativas na EAD não é uma tarefa simples, visto que estamos acostumados a processos individuais, conforme percebemos no trecho reproduzido acima. A tendência que se observa em práticas em grupo é a divisão do trabalho em pequenas partes para que seja desenvolvida posteriormente e feita à junção dessas partes, sem haver reflexão e nem discussão desse processo; no entanto, essa forma de construção não pode ser considerada como um trabalho colaborativo, pois percebemos o forte cunho individual, sem argumentação e discussão entre o grupo.

Para uma verdadeira prática colaborativa, é necessária uma mudança de atitude dos sujeitos, pois é um processo que envolve não somente a prática do professor, mas igualmente o interesse dos alunos. Não é processo impositivo, mas uma relação

horizontal e negociada.

O trabalho colaborativo traz em suas bases a necessidade de se aprender com o outro, contribuindo com o processo educativo do grupo e, por conseguinte, de si mesmo. Nesse processo, a aprendizagem depende da contribuição de cada um, com suas experiências de vida, suas histórias, ou seja, com a multiplicidade que cada um comporta, com a contribuição de suas identidades.

Essas variáveis analíticas que selecionamos ajudaram-nos a direcionar nossa pesquisa, trazendo implícita a nossa concepção de educação virtual. Mostrando também a complexidade de se problematizar identidade e educação a distância no ciberespaço.

Entendemos que a educação, abrange grande parte da vida dos sujeitos, contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades. Isto ocorre porque o processo educativo possui uma intencionalidade, pretendendo formar um modelo de sujeito e sociedade, seja para modificar o modelo social em curso ou reproduzi-lo. Comprendemos que essa proposição não é tão simples, pois envolve todo o sistema educacional e um modelo de educação perpetuado ao longo da história.

Essa intencionalidade se concretiza nas interações, participações de alunos e professores, formas de comunicação, atividades, atitudes, organizações dos espaços, estratégias pedagógicas utilizadas diariamente pelas instituições de ensino, sejam elas presenciais ou a distancia. No ciberespaço isto se complica em razões das especificidades e complexidades do suporte tecnológico ainda pouco conhecido.

Para compreendermos um pouco melhor como se desenvolvem essas questões na educação virtual, é necessário entrar no cotidiano em que se desenrola todo o processo, não somente como um observador, mas como alguém que pertence àquela comunidade.

3. O PERCURSO DA PESQUISA

Para compreender a construção das identidades dos sujeitos na educação virtual é preciso imergir nessa realidade de forma completa, não como observador “imparcial”, como pretendiam os referenciais das ciências positivas, mas como pesquisador que se envolve e se compromete com o contexto investigado. Por isso, utilizamos as orientações da pesquisa participante em nossa investigação, visto que, nessa concepção, o pesquisador é parte da realidade buscada, assumindo essa posição de forma consciente e crítica, sabendo dos seus limites, mas também de suas possibilidades.

Não é possível ao pesquisador se distanciar de seu objeto com suporte em uma atitude de “neutralidade”, pois, ao olhar para o objeto pesquisado e tentar compreendê-lo, o pesquisador lança mão de seus valores, da própria relação com a realidade pesquisada, de suas experiências de vida, de seu conhecimento teórico, para chegar às considerações e proposições. Na pesquisa participante, há uma identificação do pesquisador com seu objeto de pesquisa.

Durante anos aprendemos que boa parte de uma metodologia científica adequada serve para proteger o sujeito de si próprio, de sua própria pessoa, ou seja: de sua subjetividade. Que entre quem pesquisa e quem é pesquisado não existe senão uma proximidade policiada entre o método (o sujeito dissolvido em ciência) e o objeto (o outro sujeito dissolvido em dado). Fora do domínio de qualquer interesse que não o da própria ciência, tudo se resolve com boa teoria no princípio, uma objetiva neutralidade no meio e uma rigorosa articulação com os dados, no final. (BRANDÃO, 1984, p.07).

Na disciplina pesquisada, assumimos o papel de formadora, permitindo que observações da pesquisa fossem realizadas de forma freqüente. Também, a função de formadora possibilitou aproximação, vivência e intervenção no contexto pesquisado em toda a sua realização, incluindo a etapa de planejamento até o acompanhamento e vivência de todo o percurso da disciplina.

Admitimos, diante do grupo, o objetivo da pesquisa e a necessidade de colaboração de todos para que a pesquisa fosse viabilizada. Nesse ponto, foram apresentadas à turma, no início do semestre letivo, durante o encontro presencial, a justificativa da pesquisa e a importância da sua participação na de avaliação da disciplina.

Outro motivo da escolha da observação participante quanto á orientação da pesquisa refere-se ao engajamento político-ideológico do pesquisador com a realidade pesquisada, deixando claro que não existe processo educativo crítico sem um compromisso ideológico explícito. Nesse contexto, pretendemos compreender a formação da identidade dos sujeitos que participam do processo educativo no ciberespaço, haja vista que uma educação para a emancipação e criticidade passa necessariamente pelo reconhecimento dos sujeitos como agentes ativos de sua história e não como receptores de informação. Dessa forma, a pesquisa social não poderia seguir o mesmo padrão de pesquisa das ciências exatas, em sua relação de causa e efeito, como queriam os defensores do positivismo. Era necessário desenvolver métodos próprios para pesquisar a complexidade e a dinâmica do contexto social. Brandão (1984) destacou alguns pontos-chaves que ajudaram a definir a pesquisa participante:

- só se conhece uma realidade em profundidade se houver comprometimento e envolvimento do pesquisador com essa realidade pesquisada;
- a forma como o pesquisador se posiciona *através* da pesquisa juntamente com seus pressupostos teóricos vão definir as estratégias e técnicas da pesquisa, constituindo simbolicamente o outro pesquisado;
- o outro pesquisado é muitas vezes diferente socialmente do pesquisador levando a uma dificuldade de lidar com essa questão. Principalmente pela dificuldade de construção do outro, no processo histórico em que houve inculcação e valorização de um tipo único de sujeito e cultura, como percebemos nas missões do pregador catequista. Estudar o outro e sua cultura exige uma atitude de convivência (...) Porque, também, o primeiro fio de lógica do pesquisador dever ser não o seu, o de sua ciência, mas o da própria cultura que investiga, tal como a expressam os próprios sujeitos que a vivem. “Estava inventada a *pesquisa participante*”. (BRANDÃO, 1984, p. 12). Essa realidade foi vivida por Malinowski nas Ilhas Trobiand, sendo reconhecido pelo seu pioneirismo em participar efetivamente da cultura dos sujeitos de sua pesquisa.
- há também outra forma de participação em que o pesquisador se identifica com a história, os projetos e lutas do outro. Conforme ocorreu com Marx que

mesmo não sendo operário lançou mão de técnicas para compreender a realidade vivida pelos operários de sua época. “(...) o relato de outros observadores, mesmo quando não cientistas, a leitura de documentos, a aplicação de questionários (Marx mesmo fez um, mas às avessas), a observação da vida e do trabalho”. (BRANDÃO, 1984, p. 12).

O objeto de estudo exige visão qualitativa, na qual a participação, vivência e observação da prática pedagógica dos sujeitos envolvidos constituem elementos de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa. No entanto, utilizamos alguns dados quantitativos principalmente obtidos através no Ambiente Virtual de Educação utilizado e outros do questionário aplicado, conforme detalharemos posteriormente.

Para a escolha da disciplina, baseamo-nos em três razões principais, a primeira, por ser desenvolvida em sua maior parte a distância no ambiente virtual de educação. A segunda razão, pela abertura da Universidade Federal do Ceará para o desenvolvimento de pesquisas desta natureza e, por último, pelas características dos alunos de graduação que, em sua maioria, utilizavam o computador conectado à internet cotidianamente. Por serem usuários da internet em suas mais básicas possibilidades, não necessitávamos de realizar cursos e/ou atividades preliminares para que a disciplina pudesse iniciar, pois o planejamento da disciplina não solicitava essa necessidade. A compreensão de que os alunos são sujeitos capazes de trazer para a ação educativa a sua história e sua identidade, contribuindo uns com os outros para o ensino e aprendizagem, nos compromete com uma óptica de educação como algo intersubjetivo. Os alunos são autores e tão responsáveis por sua educação quantos professores e formadores. Ignorar as contribuições dos educandos seria compactuar com uma educação que se compromete em manter as desigualdades sociais cada vez mais ampliadas nos dias atuais.

Consideramos que educar não é somente desenvolver os conteúdos curriculares de forma rígida e hierárquica, mas também, é envolver os alunos nas discussões sociais amplas em que estão inseridos; discussões que abrangem sentimentos, afetividades e identidades, em todos os níveis e modalidades de ensino, inclusive no ciberespaço.

Para alcançar os objetivos da pesquisa foram utilizadas técnicas e procedimentos

de coletas de dados delineados na seqüência.

A observação participante consiste “numa modalidade de observação em que o pesquisador ou já é membro do grupo o qual faz a pesquisa (natural) ou passa a fazer parte de grupo (artificial) para melhor coletar os dados, tendo acesso a estes em primeira mão, assim como aos que são considerados sigilosos para pessoas externas” (MATOS E VIEIRA, 2001, p.59). Essa técnica foi utilizada para registrar os eventos importantes e peculiares vivenciados durante o processo da pesquisa. Muitos eventos que não ficaram registrados no Ambiente Virtual de Educação Moodle, como o planejamento da disciplina, algumas impressões a partir de algum contato com os alunos extra aula, os encontro presenciais.

Em nossa experiência, utilizamos uma ferramenta da internet chamada Blog (<http://diariodecampovirtual.blogspot.com/>) desenvolver as anotações advindas com as observações. Utilizado nesta função, pudemos observar as seguintes vantagens do Blog:

- permite o registro freqüente de informações de forma prática;
- guarda as datas e horários dos registros;
- permite a edição dos registros já realizados;
- permite o acesso fácil através da internet, em qualquer horário e lugar;
- é protegido por senha, portanto somente o seu criador poderá acessá-lo e modificá-lo;
- pode ser publicado e
- Permite a inserção de imagens, vídeos e sons.

Diário de Campo Virtual

Terça-feira, Agosto 07, 2007

Encontros Presenciais

Turma A - **Encontro Presencial**
 Dia 06/08/2007
 Início: 08:30 - 10:00
 Participaram: 08 formadoras

* 1o. Momento - O professor Hermínio iniciou a apresentação da disciplina e as informações iniciais sobre a modalidade de ensino a distância.

* 2o. Momento - As formadoras orientaram os(as) aluno(as) a desenvolverem o cadastro no ambiente virtual de ensino Moodle que será utilizado na disciplina.

Algumas observações:

1o. Conversamos (os formadores) informalmente com os(as) alunos (as) sobre as suas expectativas quanto a disciplina e a partir de suas falas foi possível perceber que houve uma disciplina no semestre passado que trouxe uma má impressão sobre a disciplina que era pré-requisito (o prof. da disciplina tinha muitas faltas) houve uma certa comparação e o receio de ser desenvolvida da mesma forma.

Perfil




Apresentação

Olá me chamo **Regina Santos Young**, sou aluna do curso de Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC. A linha de pesquisa a qual sou vinculada chama-se **Educação e tecnologias digitais**

Figura 7 - Diário virtual

Por fim, utilizamos o **questionário** semi-estruturado (ver Anexo I) para ouvir os alunos sobre suas experiências durante a disciplina, investigando os seguintes pontos: os espaços e ferramentas do ambiente de educação Moodle; as atividades realizadas na disciplina; a forma de interação e linguagem. “Essa técnica de investigação consiste em que, sem a presença do pesquisador, investigado responda por escrito a um formulário (com questões) entregue pessoalmente ou enviando por correio”. (MATOS E VIEIRA, 2001, p.59).

Conforme havíamos destacado, a disciplina ocorreu no ambiente virtual de educação Moodle, permitindo que interações ocorridas durante o semestre ficassem registradas nesse ambiente. Todo esse material bruto consistiu em ampla e importante fonte de dados para o desenvolvimento do presente estudo. Todo o material pôde ser acessado facilmente por estar disponível na internet.

Dos 74 alunos da disciplina, 12 foram reprovados por falta de interação e realização das atividades propostas, totalizando 62 alunos, que finalizaram o processo educativo. Dos 62 alunos 46 responderam o questionário, caracterizando 75% do total

de alunos, um número que consideramos aceitável e representativo para o desenvolvimento da pesquisa.

A turma era formada predominantemente por pessoas do sexo feminino (80%). Essa grande margem do público feminino é tradicionalmente verificada em cursos de Pedagogia.

O contexto da investigação foi uma disciplina desenvolvida a distância durante todo seu desenvolvimento, desde o planejamento até a avaliação final dos alunos. A disciplina intitulada “Educação a Distância”, ocorreu na Universidade Federal do Ceará – UFC, no Curso de Licenciatura em Pedagogia, no segundo semestre do ano 2007. Todo o suporte teórico-metodológico para o desenvolvimento da disciplina foi realizado por meio do Laboratório de Pesquisa Multimeios. A seguir detalharemos diferentes aspectos do contexto da disciplina que foram realizados a partir das concepções do Laboratório de pesquisa multimeios.

A disciplina foi desenvolvida a distância através do ambiente virtual de educação Moodle, conforme ilustração que se segue.



Figura 8 - Visualização interna do ambiente da disciplina

O Ambiente virtual Moodle utilizado encontra-se hospedado no servidor do Laboratório de Pesquisa Multimeios, sendo cedido para o desenvolvimento de disciplinas e cursos na Universidade Federal do Ceará. Por ser um software livre, esse

ambiente vem sendo objeto de estudo no referido laboratório de pesquisa para o seu uso pedagógico na educação a distância, além de ser uma plataforma para gestão e compartilhamento de informações entre os pesquisadores.

As duas primeiras aulas da disciplina foram presenciais no início do semestre. Também houve mobilização no final do semestre entre os alunos que sentiram a necessidade de um encontro presencial para o encerramento da disciplina. Esse encontro foi organizado por um grupo de alunos com ajuda dos formadores.

É importante salientar que a maior parte dos alunos freqüentava o campus da Universidade em razão das aulas presenciais. Algumas vezes, os alunos utilizavam o laboratório de informática da Universidade Federal do Ceará, SAMIA ou LACOM para desenvolver suas atividades.

A disciplina contava com um professor titular e o apoio nove formadoras que possuíam experiência na área de educação a distância,. Foi nesse contexto que as formadoras foram preparadas para atuarem junto aos alunos, com a supervisão e apoio do professor titular da disciplina. Podemos destacar as seguintes características das formadoras: 06 pedagogas com experiência no ensino a distância em projetos de pesquisa e extensão, 02 alunas do programa de doutorado em Educação e Tecnologias Digitais, 01 aluno do curso de letras com experiência em ensino a distância em projetos de pesquisa e extensão.

As formadoras tinham o objetivo de acompanhar os alunos, oferecendo feedback constante, valorizando as contribuições e dialogando com eles. As formadoras eram alunas dos cursos de pós-graduação na área de educação e tecnologias digitais ou ex-alunas da disciplina com experiência na área de Educação a Distância.

Em outras universidades ou instituições que oferecem educação a distância, é comum a utilização do termo “tutor” para denominar os sujeitos que atuam na educação virtual, auxiliando o professor titular; no entanto, essa nomenclatura traz a idéia do profissional que vai organizar a prática educativa em termos de controle, e, em sua concepção mais tradicional, é aquele que “cuida” do aluno Sua função é verificar se os alunos estão entregando as atividades nos prazos, se estão entrando no ambiente virtual de educação, entre outras atividades dessa natureza. Esses acompanhamentos são necessários, mas a função dos formadores não se restringem a isso; caso contrário, iríamos cair nos mesmos erros diagnosticados nas experiências anteriores em EAD, na

qual surge o papel do orientador de aprendizagem (OA). Os AOs eram profissionais que assumiam a sala de aula, em projetos como o telensino, para organizar a dinâmica da aula com o objetivo de fazer com que os alunos desenvolvessem as atividades e assistissem às aulas televisivas. Sua função não era trabalhar com os alunos os conteúdos que abrangiam as diferentes áreas do conhecimento, mas acompanhados garantindo o bom andamento das atividades. Nessa mesma perspectiva, na EAD virtual, vista numa visão tradicional, o tutor é a figura que vai ser mais uma peça de apoio no sistema de ensino em que o material didático autoinstrucional é o ponto fundamental.

Numa perspectiva progressista o papel de tutor não teria sentido, já que um dos pontos-chaves da EAD virtual é a possibilidade de interconexão e, como conseqüência a interação dos sujeitos. Mesmo como auxiliar do professor os formadores também atuam como docentes. Assim, na experiência da disciplina, as formadoras têm a função de participar ativamente das atividades juntamente com os alunos e professor. Algumas de suas funções consistem em orientar os alunos, mediar às situações, dialogar e discutir sobre os temas das aulas, estimular a participação dos alunos. Para isso é necessário que o formador tenha formação na área para contribuir efetivamente com o processo educativo.

O papel do aluno na EAD virtual também é de fundamental importância, mas não como aquele que recebe passivamente as informações, mas como sujeito capaz de refletir e contribuir com o grupo para aprendizagem. Seu papel é também de autor, já que os textos escritos são os principais recursos de comunicação na EAD atual. Além disso, é o sujeito que traz suas experiências de vida para contribuir com o grupo.

Na EAD virtual ainda existem muitos aspectos que precisam ser compreendidos para que não se repitam modelos de educação antigos que não conseguem responder as necessidades dos sujeitos no contexto atual. Os papéis de alunos e professores ainda estão sendo questionados, testados e avaliados, mas apontam para uma perspectiva nova além dos papéis de transmissores – receptores a que estamos acostumados.

A dinâmica estrutura da disciplina foi organizada em torno de *Temas Principais*, que envolveram conteúdos e atividades. Não optamos por organizar os conteúdos em módulos, como comumente verificamos em cursos à distância, que se baseiam em uma abordagem instrucional ou programada, na qual os alunos só seguem quando “fecham” e “passam” do módulo anterior. Os conteúdos abordados na disciplina podem ser refletidos e ressignificados durante todo o período da disciplina, independentemente de

sua organização cronológica (início ou fim do semestre). Por exemplo, estudamos sobre “o conceito de EAD” e esse tema sempre retorna em diferentes momentos, reunindo novos conhecimentos.

Outra característica da disciplina foi a utilização de uma abordagem educativa baseada na colaboração entre os sujeitos. Essa proposta exigia o planejamento de atividades que permitissem aos alunos uma posição ativa com muitas intervenções e participações. Para isso, foi necessária a utilização de algumas ferramentas / espaços do ambiente Moodle que atendessem essas atividades.

As seguintes atividades pedagógicas colaborativas foram desenvolvidas:

- *Elaboração de um texto coletivo na ferramenta wiki* – essa atividade permitiu que os grupos de alunos se reunissem num espaço que possibilitava a construção de um texto que todos podiam alterar, a qualquer momento mesmo, o trecho escrito pelo colega. Todas as contribuições realizadas de edição (apagar, complementar, acrescentar) ficavam registradas num histórico. Era possível utilizar diferentes recursos de som, imagens, textos e vídeos. O resultado foi à produção do texto que tinham diferentes contribuições e cuja autoria pertencia ao grupo. O tema escolhido para essa atividade foi “*As comunidades Virtuais*”.
- *O planejamento dos debates a serem realizados na ferramenta bate-papo* – nessa atividade, os alunos tinham a possibilidade de atuar como mediadores. Essa experiência exigia que trabalhassem em equipe e desenvolvessem um planejamento pedagógico, e, por fim o, pusessem em prática. Por se tratar da preparação de uma atividade síncrona, os textos e temas selecionados eram mais voltados para a experiência do grupo, em virtude da dinâmica e velocidade das discussões. Foram selecionados, também, recursos visuais, como vídeos, escolhidos de acordo com seus potenciais pedagógicos, que ajudaram a desenvolver as discussões.
- *Debates de textos na ferramenta sala de bate-papo* – nesta atividade, foram postos em prática os planejamentos realizados pelos grupos responsáveis. Inicialmente tínhamos duas sessões de bate-papo para essa atividade, mas com o problema ocorrido na ferramenta que travava sempre que uma grande quantidade de alunos (acima de 25) se conectava ao mesmo tempo, houve a

necessidade de um ajuste no planejamento, passando para quatro sessões.

- *Discussões de temas, textos e pesquisas na ferramenta Fórum* – nesse espaço, eram desenvolvidas discussões dos textos adotados em que foi exigido dos alunos maior rigor na elaboração das discussões propostas.
- *Elaboração de resumos críticos sobre os temas principais.* nessa atividade, os alunos sistematizavam as principais idéias discutidas previamente, apresentando suas reflexões. Apesar de serem elaborados de forma individual, os resumos eram expostos para que todos pudessem acessar e comentar.

Além dessas atividades, que abrangiam os conteúdos curriculares, foram desenvolvidas atividades informais com o objetivo de aproximação e interação dos sujeitos. As atividades foram:

- *Apresentação das expectativas da turma no Fórum “o que vim fazer aqui?”* - essa atividade foi realizada inicialmente e tinha o objetivo de fazer o aluno refletir sobre sua participação na disciplina. Mesmo sabendo que a disciplina era obrigatória tínhamos a curiosidade de saber o sentimento do aluno sobre essa questão.
- *Apresentação de um tema livre no Blog* – a proposta que elaboramos teve o objetivo de promover situações didáticas que permitissem aos alunos expressarem suas histórias de vida, experiências pessoais e profissionais que sentissem necessidade de compartilhar com o grupo; além disso, criar um lugar aberto às contribuições dos alunos, favorecendo a construção de identidade individual e coletiva. Essa atividade consistiu na criação de páginas pessoais na ferramenta *Blog*.
- *Discussão sobre a biografia dos autores ou teorias que nomeavam os grupos* – nesta atividade, os alunos conheceram importantes nomes/teóricos que contribuíram para o ensino. Eles traziam diferentes pesquisas realizadas na internet, apresentando as fontes e referências de onde eram pesquisadas.
- *Registro freqüente de impressões pessoais dos alunos sobre a disciplina na ferramenta diário de bordo* - essa foi uma das contribuições mais significativas realizadas pelos alunos em relação à disciplina. No diário de bordo, os alunos se apropriaram desse espaço e foram tecendo comentários sobre várias questões da disciplina, posição dos formadores, problemas técnicos no ambiente, problemas

pedagógicos e muitos outros pontos.

O planejamento da disciplina foi elaborado com a colaboração dos formadores que utilizaram a metodologia de ensino Engenharia Didática. A metodologia foi adaptada para o ensino virtual, já que sua concepção atendia somente ao ensino presencial. A Engenharia Didática foi desenvolvida na década de 1980 por Michele Artigue, que contribuiu teoricamente para a elaboração de seqüências didáticas sobre a concepção, a realização, a observação e a análise de seqüências de ensino. A Engenharia didática consiste em

É um processo metodológico de pesquisa-ação participante em educação matemática que pode ser utilizado também como elemento para elaboração de cursos e material didático. A engenharia didática está baseada em esquemas experimentais, e segundo Pais (2001, p. 99-100), nela está implícita uma analogia entre o trabalho do pesquisador em didática e o trabalho do engenheiro com respeito “à concepção, planejamento e execução de um projeto (BORGES NETO e SANTANA, 2003, p. 275-276).

A metodologia Engenharia Didática apresenta uma estrutura de quatro etapas – análise preliminar, análise *a priori*, experimentação e análise *a posteriori*:

A **análise preliminar** consiste na etapa inicial, na qual se deve buscar e sistematizar as informações essenciais que envolvem a disciplina. Essas informações dizem respeito ao público-alvo que se pretende atingir, os conhecimentos que são abrangidos na disciplina, os objetivos a lograr e as condições do ambiente em que se desenvolverá o processo educativo. Essas informações deverão ser analisadas cuidadosamente, pois oferecerão subsídios para a fase seguinte.

A **análise a priori** envolve a preparação das seqüências didáticas apoiadas nas informações desenvolvidas na etapa anterior.

A **experimentação** consiste no momento em que são executadas as atividades previamente planejadas, na ação educativa.

A **análise a posteriori** consiste na análise e avaliação das etapas anteriores e visam a melhoria do processo educativo.

Para o planejamento da disciplina foram utilizadas somente as duas primeiras

etapas da Engenharia Didática, compostas pela análise preliminar e análise *a priori* que permitiam o detalhamento do processo educativo, levando em consideração seus diferentes aspectos. Nesse cenário, foram consideradas as questões proporcionadas pelo suporte tecnológico, que trouxeram novos desafios e possibilidades para o processo educativo.

Percebemos com a experiência inicial que a Engenharia Didática possui grande potencialidade para o planejamento do ensino a distância. Isso porque oferece instrumentos que exigem um grande detalhamento do processo a ser desenvolvido. Esse detalhamento é imprescindível na EAD, visto que envolve muitas variáveis que influenciam no processo educativo a distância e que precisam ser previstos (problemas técnicos, pedagógicos, de comunicação).

Durante a elaboração da Engenharia Didática, houve algumas dificuldades por ser a primeira vez que era desenvolvida para uma disciplina na modalidade a distância. Outro problema decorreu do número de formadoras, nove pessoas no total, para o desenvolvimento do planejamento, exigindo muitas horas de reuniões à distância ou presencialmente. Esses dois aspectos prejudicaram um pouco o resultado final do planejamento, que precisou ser ajustado.

Sabemos que, mesmo com um planejamento detalhado, sempre ocorrerão problemas e dificuldades, já que não é possível controlar o processo educativo e nem foi nossa intenção ter todo esse controle. É necessário, entretanto, um bom planejamento, mas que dê margem para os ajustes necessários conforme surjam alguns imprevistos. Em relação à experiência da disciplina, observamos os seguintes problemas:

- A “Sala de bate-papo” do Ambiente MOODLE não funcionou com número superior a mais de 25 alunos. Esse problema foi o que recebeu mais crítica e reclamações dos alunos.
- Em consequência do problema técnico com a sala de bate-papo, tivemos que alterar todo o cronograma de atividades, dividindo a turma em quatro sessões de bate-papo por tema. Outra consequência foi a prorrogação da atividade de construção do texto coletivo no WIKI que teve pouca participação inicial dos alunos que ainda estavam envolvidos com as atividades dos debates nas salas de bate-papo.
- O envio das mensagens de orientação que caíam diretamente no *e-mail* pessoal

dos alunos, prejudicou o processo, visto que alguns alunos não entravam no ambiente virtual, fazendo com que os alunos demorassem a receber algumas orientações importantes que só eram vistas no ambiente virtual MOODLE.

- Outro problema foi a quantidade de atividades e ferramentas utilizadas, que geraram algumas dificuldades de compreensão, como por exemplo, o WIKI e o Blog, com os quais os alunos não tinham familiaridade.

A mediação pedagógica desenvolvida pelos formadores foi fundamentada na Sequência Fedathi, inicialmente desenvolvida para o ensino da Matemática. Nessa proposta, o professor deve estimular os alunos a reproduzir na sua sala de aula os passos desenvolvidos por um pesquisador. Neste sentido, algumas orientações gerais devem ser apresentadas pelo professor para nortear os alunos durante o processo educativo: a) tomada de posição (apresentação do problema); b) maturação (debruçamento sobre o problema); c) solução (formalização e confrontação das idéias para uma resposta à questão posta; e d) prova (resultado da formalização das idéias compreendidas, sistematizadas e aceitas pelo coletivo). Nesse contexto, a Sequência Fedathi tem por objetivo,

(...) possibilitar ao aluno a construção de conceitos, de forma significativa, através da resolução de problemas, onde suas produções, serão o objeto sobre o qual o professor vai partir para conduzir o processo de mediação, a fim de levá-lo a constituir o conhecimento em jogo; nesse processo o professor deverá levar em conta as experiências vivenciadas pelos alunos e seus conhecimentos anteriores acerca das atividades desenvolvidas (LIMA; CUNHA; BORGES NETO, 2001, p. 05).

Além dessas orientações metodológicas, a Sequência Fedathi apresenta algumas considerações sobre a mediação pedagógica baseada numa metodologia de solução de problemas. A idéia central é a problematização, buscando trazer temáticas que possam ser trabalhadas por meio pensamento reflexivo.

O papel dos formadores neste contexto foi de mediadores e problematizadores, criando situações didáticas que possibilitem a reflexão e a discussão entre os pares. Para tanto, são necessárias tomadas de posições, como: estimular a participação; intervir quando há dificuldades conceituais; não apresentar respostas prontas; não deixar os

alunos “sozinhos” sem respostas ou questionamentos; criar condições para que os alunos desenvolvam com autonomia suas responsabilidades. A seguir, apresentamos um trecho de mediação desenvolvida na disciplina:

[05] *Formadora 05: Olá pessoal,*

Vendo a questão que o Aluno 5 coloca sobre a distância, fiquei curiosa para saber qual o conceito de distância que temos? Quando alguém está distante de nós? Quando nos sentimos distantes de alguém? A que distância a EAD se refere?

Um abraço

Aluna 1: sua reflexão é fantástica!!!

Pois, muitas vezes estamos do lado de uma pessoa, porém sentimos que existe uma grande distância....

Outras vezes, a distância é medida com relação ao espaço, tempo...

Tudo depende do ponto de vista..

Mas em EaD, a distância a que se refere pode ser a ausência da reunião de todo o grupo em uma mesma sala.

Será que seria isso??

Abraços!!!

Aluna 6:

No meu entender a educação à distância consiste numa maior autonomia do aluno e empenho na busca pelo conhecimento e não porque o professor vai estar distante fisicamente, pois, a distância vai ser apenas face-a-face. Na realidade o professor estará presente virtualmente, por intermédio de sua metodologia oferecendo subsídios para que o aluno de forma autônoma chegue ao conhecimento e adquira a aprendizagem necessária.

Formadora 05: Alunas e colegas,

Muito legais as reflexões sobre distância... De fato, podemos estar fisicamente longe porém próximos e vice-versa não é? No caso da EAD, as ferramentas e a mediação do professor vão possibilitar essa aproximação independente da distância física...

Nesse caso, qual o papel dos alunos para tornar próxima as distâncias físicas na EAD? Abs,

Nesse diálogo envolvendo duas alunas e uma formadora, é possível identificar o fato de que a formadora valoriza a fala de um dos alunos (aluno 05) colocado anteriormente e abre um canal de discussão. Em sua posição, ela apresenta novas questões com base em uma existente, despertando interesse e novos questionamentos.

Neste capítulo apresentamos e descrevemos o desenvolvimento da pesquisa e suas etapas que consistiram na preparação do planejamento da disciplina, no acompanhamento e observação das interações ocorridas durante o processo e na aplicação dos questionários ao final da disciplina.

A orientação da pesquisa participante nos ofereceu o arcabouço necessário para

um olhar qualitativo das interações e desenvolvimento do processo educativo virtual ajudando a sistematizar as informações e selecionar materiais para atender os objetivos almejados. Para compreender o processo de construção das identidades dos alunos na educação virtual foi necessário não somente observar o cotidiano das relações que se desenvolviam, mas para, além disso, era necessário fazer parte do processo.

Outro aspecto fundamental foi a contextualização da disciplina em que ocorreu a pesquisa, a partir não somente das características da disciplina, mas também a partir do contexto em que estava situada a disciplina pesquisada. No caso em questão a disciplina foi desenvolvida a partir da estrutura de um laboratório de pesquisa que possuía uma concepção específica de educação virtual, na qual as formadoras traziam uma concepção de educação baseada numa perspectiva problematizadora e aberta a participação dos alunos.

6. A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DOS ALUNOS NA EDUCAÇÃO VIRTUAL

Para o desenvolvimento dessa parte da pesquisa, foi necessário apontar de forma objetiva os pontos-chaves a serem observados no amplo e rico material disponível com os dados coletados. Para apressar a de seleção dos materiais, utilizamos o software *Nvivo* ⁷⁶ que possibilitou a organização, cruzamento e análise dos dados visando categorias.

As categorias que criamos surgiram de uma visão subjetiva do objeto de estudo pesquisado, visto que procurar compreender como são desenvolvidas as identidades dos sujeitos em um ambiente virtual de educação impõe observar os detalhes e tramas particulares desenvolvidos durante a disciplina. Isso porque a identidade não é algo acabado e fixo, mas uma construção que se mostra nas interações do dia-a-dia. Para compor nossas perspectivas sobre a construção da identidade dos sujeitos na disciplina optamos por focar em nosso estudo as seguintes categorias de análise:

- *Apropriação dos Espaços do Ambiente Virtual de Educação MOODLE*

Que indicadores de identidade podemos observar na apropriação e utilização dos espaços do AVE pelos sujeitos?

No espaço em que os sujeitos atuam é possível perceber suas marcas, idéias, valores e sentimentos. Esses espaços são coletivos e individuais, permitem a personalização e a construção em conjunto das atividades e relações ali desenvolvidas.

- *Características da linguagem*

Quais características da linguagem utilizada nas discussões e apresentações mostram traços da identidade dos sujeitos?

No AVE, é possível a utilização diversificada da linguagem desde o uso da língua formal e informal até a utilização de *emoticons*, imagens, vídeos, áudio. Esses recursos são comumente utilizados no ciberespaço e que entram nos processos educativos formais, sendo um importante aspecto de investigação sobre a expressão da identidade dos sujeitos.

⁶ Nvivo 7 é um software proprietário desenvolvido para a organização e análise de dados qualitativos. Os direitos autorais pertencem a QSR internacional Pty Ltd. (www.qsrinternational.com)

- *Estratégias de ensino*

Que estratégias de ensino permitem que os sujeitos expressem suas identidades?
Que estratégias colaboram para uma interação intersubjetiva dos sujeitos?

As estratégias de ensino desenvolvidas em um curso a distância podem ser fatores de limitação ou de estímulos à expressão e participação dos alunos. Nesse contexto, para compreender a construção da identidade dos alunos, é preciso analisar quais as questões que favorecem e fortalecem a participação e a expressão da sua identidade.

- *Formas de Interação*

A identidade é construída em relação ao outro, por isso destacar a interação e a comunicação entre os sujeitos no processo educativo é um aspecto central na discussão educação e identidade.

Que formas de interação no AVE contribuíram para formação da identidade do grupo?

Extraímos alguns trechos das falas dos alunos para ilustrar situações que consideramos importantes para nossa investigação. Esses trechos foram selecionados do ambiente virtual de educação Moodle, onde ocorreu a disciplina. Para que os alunos tivessem suas identidades preservadas, substituímos seus nomes por uma numeração, por exemplo, aluno 1, aluna 2 e assim sucessivamente.

Em outras partes, capturamos a imagem da tela do ambiente virtual para mostrar alguma situação ou evento, com o objetivo de não perder a riqueza dos detalhes, mostrada através das imagens e outras características que ocorreram.

6.1. Apropriação dos espaços do ambiente virtual de educação

No ambiente virtual de educação MOODLE, desenvolve-se o processo educativo investigado. Nesse contexto averiguamos como evoluiu a apropriação desse ambiente pelos alunos, compreendendo que a construção da identidade é influenciada pelo meio em que os sujeitos estão inseridos e como estes modificam e se apropriam desse meio. Segundo Mattos (2005), quando falamos em AVE, estamos nos referindo aos espaços em que irão ocorrer os processos educativos intencionais, sendo necessário que os sujeitos transformem esses espaços em lugares e territórios de ações.

Os ambientes virtuais de educação em geral constituem territórios de ação exógenas aos participantes. Com isto, é necessário que este território seja legitimado pelos participantes da ação educativa, em seu processo de transformação de espaço em lugar. Legitimar esse território significa apoderar-se dele, de suas ferramentas e espaços e modificá-los conforme a vontade do grupo. É por esse motivo que a interface de um AVE precisa ser construída tendo em vista este movimento de liberdade daqueles que vão utilizá-la. (MATTOS, 2005, p. 66).

Para tanto, selecionamos os espaços do Ambiente MOODLE que foram mais utilizados durante a disciplina. Esses espaços foram possibilitados pelas ferramentas Perfil, Sala de Bate-papo, Fórum, Diário de Bordo, Blog e WIKI.

O Perfil - foi um espaço que permitiu aos sujeitos o desenvolvimento de uma apresentação individual. Neste recurso, foi possível a utilização de recursos visuais, como imagens e fotos. Também permitiu que os alunos divulgassem seus contatos (telefone e *e-mail*).

No **questionário** aplicado, sondamos *a importância do Preenchimento do Perfil para a expressão individual* dos alunos. Tivemos os seguintes resultados.

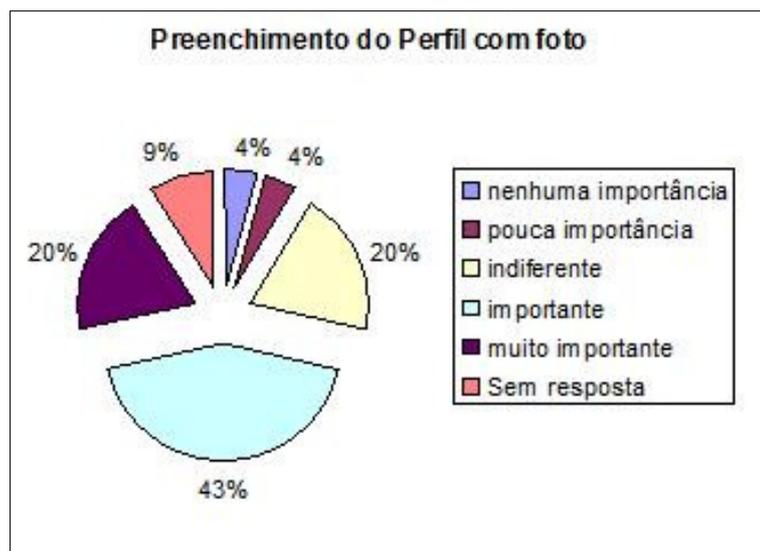


Figura 9 - Gráfico 01 – Respostas da questão 2.2 (item 2a)

Verificamos que 20% consideram muito importante e 43% importante para expressão individual, somando uma total de **63%**. Nas **observações** realizadas durante o processo, foi verificado que inicialmente os alunos demoraram a preencher o perfil: não davam muita importância, sendo necessária a mediação dos formadores para que todos fizessem essa atividade. No ambiente, verificamos que **66% dos alunos** criaram seu perfil.

A utilização desse espaço pelo aluno foi importante, pois permitiu a troca de informação sobre a vida de cada um, constituindo-se o primeiro recurso utilizado na disciplina para a apresentação de características identitárias, como fotos, descrições, interesses e gostos pessoais, estado civil, formação acadêmica

Percebemos que o Perfil é um dos recursos do ambiente virtual de educação MOODLE que permitiu aos alunos mostrar um pouco de si mesmo. Segundo Hall (2000) construímos nossa identidade diante do grupo que estamos convivendo. Essa construção ocorre quando selecionamos e negociamos com nossa subjetividade e expomos aos outros a forma como nos vemos.

Em nosso contexto, os alunos lançaram mão de várias formas de construção de sua identidade, apresentando-se por meio da utilização textos poéticos até ilustrações, conforme ilustramos.

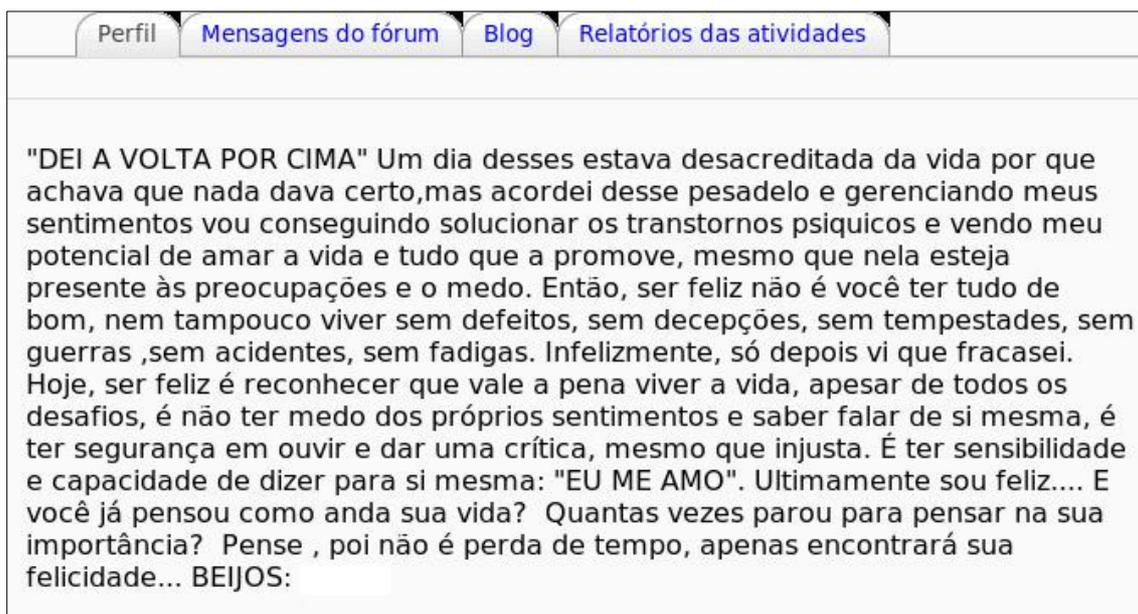


Figura 10 -Perfil Aluna 31- Tela do ambiente Moodle

A aluna 31 apresenta um texto emotivo, que reflete um momento de sua vida. Ela convida o grupo para uma reflexão. Em sua mensagem, deixa clara sua forma de viver e dificuldade por que passou. Percebemos que ela abre um canal de conversa por meio do perfil que pode ser aprofundando.

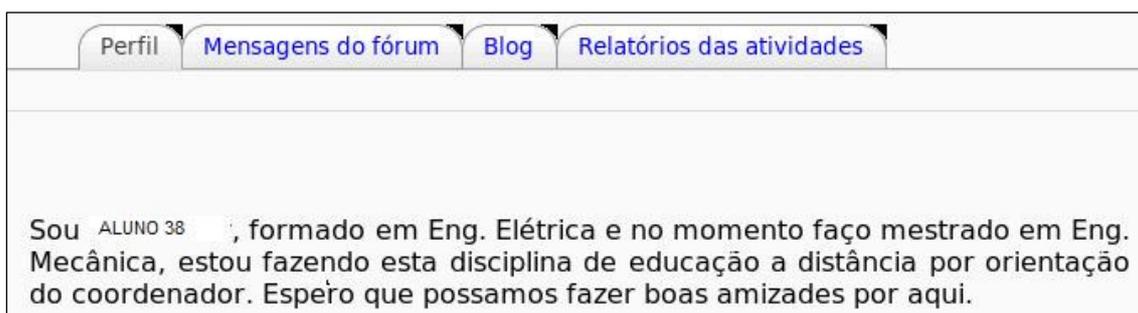


Figura 11 - Perfil Aluno 38 – Tela do ambiente MOODLE

O aluno 38 traz informações mais formais ao seu respeito, falando de forma breve de sua formação e motivo de estar cursando a disciplina.

Perfil Mensagens do fórum Blog Relatórios das atividades

Sou amante da boa música - 

Dos clássicos - 

Dos lugares paradisíacos -  *... Enfim, da vida!!!*

Figura 12 - Perfil da Aluna 33 – Tela do ambiente Moodle

A Aluna 33 utilizou-se de imagens para construir seu perfil. Além disso, coloriu seu texto de forma diversificada, mostrando informações menos formais ao seu respeito, de forma criativa e breve.

Perfil Mensagens do fórum Blog Relatórios das atividades

PEDAGOGIA

Sou Otimista, generosa e cheia de vitalidade. Dou sempre apoio , aos amigos, é o que me causa maior prazer. Sou carismática e fácil de manter e fazer amizades. Vivo o presente com intensidade e nunca permite que fatos do passado atrapalhem minha rotina.Sou muito carinhosa com minha família ,amigos ,meu namorado XXXXXXXXXX que amo demais. Sei aceitar os altos e baixos que acontecem no amor com companheirismo sou fiel acima de tudo quando amo me entrego de corpo e alma a esse amor e faço de tudo pra te-lo sempre perto de mim. tudo q faço procuro fazer bem feito. um bjo pra todos q lêem. 😊

Figura 13 - Perfil da Aluna 08 – Tela do ambiente Moodle

Na mensagem acima, a Aluna 08 fala abertamente sobre si mesma e de seus relacionamentos com as pessoas as quais tem proximidade de forma emotiva e apaixonada. Outro aspecto interessante é o destaque que dá ao título de seu curso. Traz também uma cor diferenciada na fonte da sua mensagem.

Essas formas diferenciadas e personalizadas dos textos escritos nos perfis mostram que há uma necessidade por parte dos alunos de destacar as preferências e interesses. Eles se apropriam dos recursos disponíveis para criar formas de diferenciação e utilização dos espaços, seja por meio de cores, imagens ou do estilo de escrita. Woodward (2000) acentua que nossa subjetividade se constitui não somente de nossa racionalidade, mas também das dimensões inconscientes do Eu, o que implica a existência de contradições na forma cada qual se posicionar. Muitas vezes estamos sujeitos a forças que estão além de nosso controle. Nesse espaço, foi possível adentrar um pouco o espaço do outro, conhecer suas histórias de vida e suas preocupações, mesmo que de forma inicial e breve.

Espaços síncronos (sala de bate-papo): esse espaço permitiu a interação imediata e aproximação entre sujeitos, numa comunicação entre muitas pessoas ao mesmo tempo. No contexto estudado, alunos e professores / formadores possuíam o mesmo tipo de acesso e permissões na sala de bate-papo, o que possibilitou a alunos e formadores o mesmo espaço de interlocução e expressão.

Os debates nas salas de bate-papo possibilitaram aos alunos e formadores um espaço menos formal de interação, mas não menos importante para a aprendizagem. Segundo Pereira (2004), em sua dissertação “Bate-papo na internet: algumas perspectivas educativas”, o aluno tem a oportunidade de expor suas idéias, trocar experiências e questionamentos. Mesmo quando há um tema central norteando o bate-papo, é possível adentrar subtemas de interesse do grupo, pois, no decorrer da discussão, outros temas surgem, contribuindo para um momento mais prazeroso.

Nesses momentos de interação coletiva, é possível o compreender os temas / assuntos de interesse dos alunos. É possível dar voz e sentido ao que os alunos apresentam e construir um sentimento de pertença. Esse sentimento é que permite a construção de uma identidade de grupo. Diferentemente dos relacionamentos informais e de anonimato que ocorrem no ciberespaço e que desaparece com muita facilidade, a educação a distância permite que os sujeitos se aproximem por seus objetivos comuns de aprendizagem e de compartilhamento de sua cultura.

A construção coletiva, emergente dessa multiplicidade de intercâmbios, pode sustentar um trabalho pedagógico que permita o desabrochar de uma pedagogia andarilha, viajante, itinerante, da virtualidade, ao dar subsídios para a constituição das subjetividades produtivas, desejantes revolucionárias, em uma rede simbólica por excelência, preocupada mais com a conexão e a criatividade do que com o simples contato com a acumulação de conhecimento. (GOMEZ, 2004, p. 91).

Sondamos no **questionário** sobre a importância da utilização de ferramentas síncronas, como o bate-papo, para a expressão individual. Tivemos os resultados demonstrados no gráfico, em que 42% dos alunos consideram muito importante e 40 % relataram importante, somando **82%**.

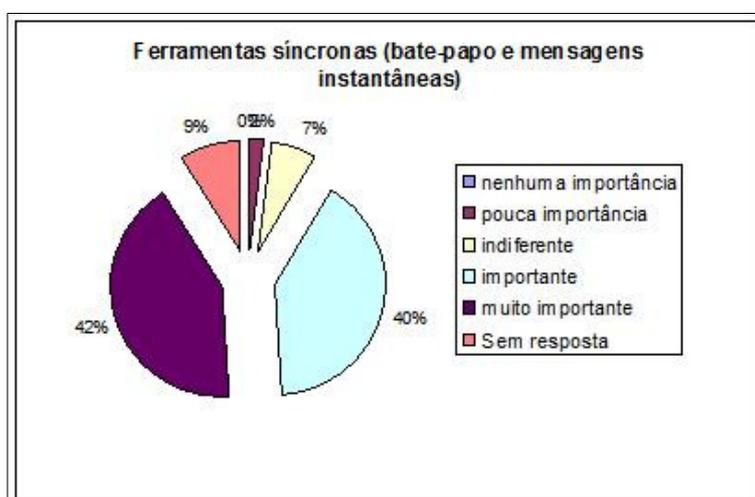


Figura 14 - Gráfico 2 – Questão 2.2 (item 2e)

Nas **observações**, verificamos que houve boa participação dos alunos nas atividades que envolviam a sala de bate-papo, pois, em média, **92%** dos alunos participavam dos encontros.

No início da disciplina, a sala de bate-papo não estava funcionando adequadamente, gerando uma série de reclamações. O problema foi resolvido após sugestões dos alunos, que alvitaram a divisão da turma em grupos menores.

[06] Aluna 18

A minha impressão a frente dessa bate-papo foi de um pouco de frustração, o sistema estava lento por conta dos muitos alunos que ali estavam, também acho que a turma está em grande quantidade o que dificulta a interação dos mesmos. Espero que melhore o modo como está sendo

aplicado esse bate-papo e estarei disposta a colaborar com qualquer forma que melhore as aulas.

saudação.

Aluna 52:

Oi Aluna 18:

Ficou melhor o bate-papo dividido, tá dando para acompanhar melhor, responder com mais calma e ler as mensagens, porque o bate-papo passado foi tão rápido que ninguém conseguiu acompanhar

.Bjs

Após o ajuste a divisão da turma no planejamento, os alunos interagiram amplamente nesse espaço. Eles aproveitaram a interação dinâmica que a sala bate-papo permite para desenvolver momentos de descontração.

[07] *09:44 Aluna 35: vamos fugir desse lugar baby*
09:44 Aluna 33: vamos fugir!!!!!!
09:44 Aluna 35:todo mundo vantando
09:44 Aluna 74: vamos fugir
09:44 Aluna 56: acorda Aluno 73
09:44 Formadora 1: ;) Felizes com o feriadão heim? é bom que todos poderão atualizar suas atividades
09:45 Aluna 34: cantando
09:45 Aluna 33: kkkkkkkkkk
09:45: Aluna 71 entrou no chat
09:45 Aluna 68: haihaihai
09:45 Aluna 56: concerteza Formadora 1

[08] *Aluna 63,*

acho que a cada bate-papo que se passa a gente tá aprendendo mais não só sobre os textos, mais também sobre a disciplina, q eu acho que muita gente ainda tem dúvida! mais sim foi um sucesso, apesar do pequeno probleminha técnico do começo. Bjos

De acordo com a visão dos alunos, a ferramenta síncrona (sala de bate-papo) é muito importante como recurso a ser utilizado na educação a distância. Essa valorização também é verificada na participação dos grupos no decorrer da disciplina em atividades nas salas de bate-papo. Percebemos que houve apropriação e aceitação desse espaço pelos alunos, que utilizaram amplamente salas de bate-papo e o avaliaram de forma positiva.

Espaços assíncronos (Fórum, Wiki, Diário de Bordo, Blog): as ferramentas assíncronas correspondem àquelas que permitem a comunicação em tempos diferidos

(BELLONI, 2003), em que alunos e professores não precisam estar conectados simultaneamente. Essas ferramentas foram as que mais deram destaque à EAD, pois deram condições para que os sujeitos do processo educativo organizassem seu tempo e tivessem maior independência.

Quando sondados no **questionário** sobre *a importância das ferramentas assíncronas para sua expressão*, 47% dos alunos consideraram muito importante e 36% consideraram importante, somando **83%**.



Figura 15 - Gráfico 3 – Respostas da questão 2.2 (item 2f)

Nas **observações**, percebemos que os alunos tiveram uma avaliação diferenciada para cada tipo de ferramenta assíncrona, conforme destacamos a seguir.

O **fórum para discussão** foi o espaço mais utilizado, pois foram realizadas atividades com finalidades diversas: apresentações, avaliações, discussões de temas, orientações gerais e avisos. Por ser um espaço de fácil manuseio, os alunos rapidamente estavam habituados a ele.

[09] Aluna 44: *olá,*

(...).Olha qualquer coisa é só escrever para os orientadores as tuas duvidas lá no fórum de notícias que eles te respondem ok!

Espero ter te ajudado ,bjs.

[10] Aluna 65:

Acredito que esteja sendo de grande proveito para todos, até aqueles que não são muito ligados e nem chamados a ter mais afinidade, como eu.

Os assuntos estão sendo bem trabalhados, os fóruns bem realizados e com participação assídua

dos alunos o que acho bem interessante, não partindo para o exagero.

[11] Aluno 24:

(...) A aprendizagem, através da interação dos fóruns e etc., foi efetiva e construtiva. O ambiente digital é excelente, de fácil manuseio, além de ser atrativo.

No manuseio da ferramenta **WIKI**, os alunos tiveram muita dificuldade, por ser pouco conhecida na internet, diferentemente dos fóruns e bate-papos com os quais os alunos já possuíam contato anterior. Nesse espaço, houve a participação de 70% da turma.

[12] Aluna 56:

Oi Aluna39,

O wiki por si só já é uma ferramenta de certa complexidade e que não posso negar que tive dificuldade de compreender qual era a verdadeira finalidade dele, mas a fato de não haver uma verificação nos e-mails de orientação que as mediadoras mandam complicam ainda mais o entendimento de algo que pode não parecer tão difícil.

Big Abraço

[13] Aluna 39:

Aluna 56, é verdade qnd vc destaca a dificuldade em relação a utilização da ferramenta wiki, muitos de nossos colegas já me pediram ajuda em relação a ela e muitos deles ainda não ompreenderam por completo o seu funcionamento e para que serve e o que pode ser postado. Eu particularmente não conhecia o Wiki e agora virei fã dessa ferramenta que é super didática.

O *Blog* é um espaço diferenciado das ferramentas anteriores, já que é reservado para o aluno em que somente ele é responsável por sua construção. 55% dos alunos participaram dessa atividade. Na construção dos Blogs, percebemos que os sujeitos transformaram o espaço existente num lugar carregado de significações, personalizando com elementos importantes em suas experiências de vida. O exemplo seguinte é um trecho do Blog de uma aluna intitulado: “fazendo arte e pintando o 7”. Nesse, a aluna utilizou a própria foto de infância para ilustrar seu interesse por Arte na Educação, pois era um tema que ela considerava relevante.

Blog fazendo ARTE e PINTANDO o 7



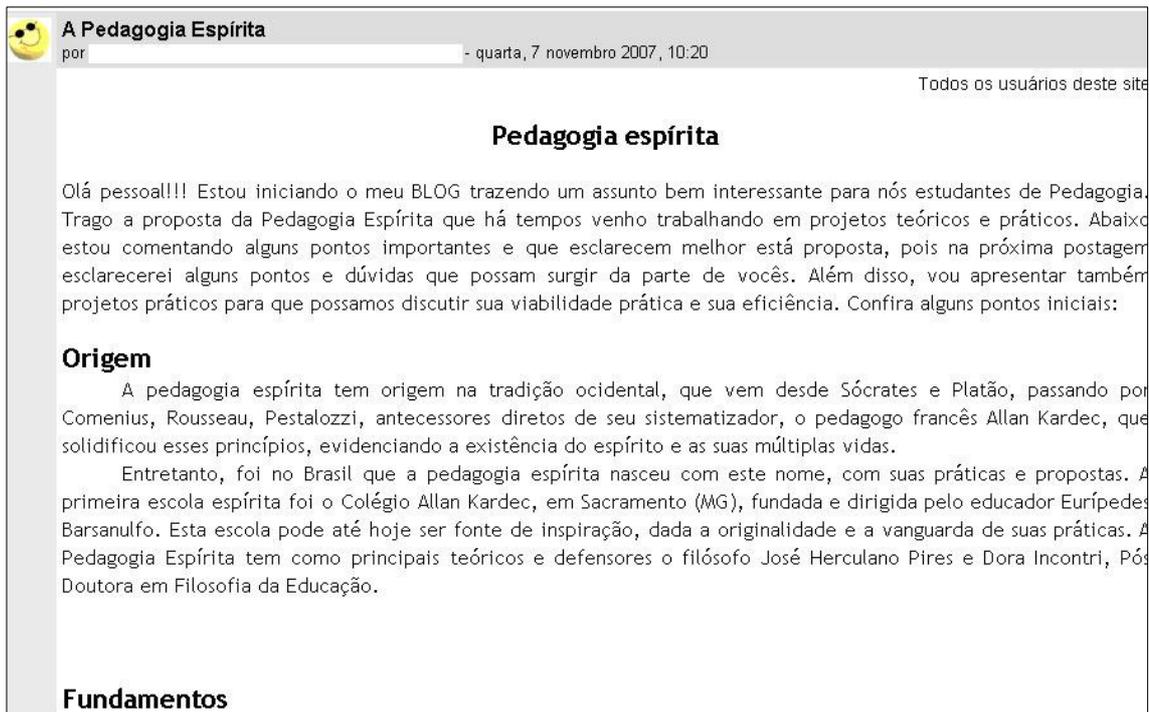
ARTE. Ao ler esta palavra o que vem na sua mente??? Teatro, dança, música, artesanato...Se você pensou tudo isso e algo mais, acertou!

O conceito de arte é: o processo em que o conhecimento é usado para realizar determinadas habilidades. A arte é fruto de uma cultura, cada povo expressa sua arte de uma maneira diferenciada.

E a arte também está presente nas salas de aulas. A arte é uma forma da criança interagir com um mundo de fantasias, de distração, de lazer, vem trazer para o ser em formação mais calma, conhecimento e quem sabe até uma sensibilidade mais aguçada.

Figura 16 - *Blog* “Fazendo arte e Pintando o 7”

No exemplo seguinte do *Blog* – Pedagogia Espírita - o aluno se apropriou do espaço de forma simples, somente através de texto escrito, trazendo explicações sobre o tema e deixando claros seus objetivos e interesses.



The image shows a screenshot of a blog post. At the top left, there is a yellow smiley face icon and the text 'A Pedagogia Espírita'. Below this, it says 'por' followed by a blank space and '- quarta, 7 novembro 2007, 10:20'. On the top right, it says 'Todos os usuários deste site'. The main title of the post is 'Pedagogia espírita'. The text of the post begins with 'Olá pessoal!!! Estou iniciando o meu BLOG trazendo um assunto bem interessante para nós estudantes de Pedagogia. Trago a proposta da Pedagogia Espírita que há tempos venho trabalhando em projetos teóricos e práticos. Abaixo estou comentando alguns pontos importantes e que esclarecem melhor esta proposta, pois na próxima postagem esclarecerei alguns pontos e dúvidas que possam surgir da parte de vocês. Além disso, vou apresentar também projetos práticos para que possamos discutir sua viabilidade prática e sua eficiência. Confira alguns pontos iniciais:'. Below this is a section titled 'Origem' with two paragraphs of text. The first paragraph states that the origin of spiritual pedagogy is in the Western tradition, from Socrates and Plato, through Comenius, Rousseau, Pestalozzi, and finally Allan Kardec. The second paragraph states that it was in Brazil that spiritual pedagogy was born with this name, with its practices and proposals, and that the first spiritual school was the Colégio Allan Kardec in Sacramento (MG), founded and directed by educator Eurípedes Barsanulfo. It also mentions that the main theorists and defenders of spiritual pedagogy are the philosopher José Herculano Pires and Dora Incontri, a Ph.D. in Philosophy of Education. At the bottom of the screenshot, the word 'Fundamentos' is visible.

Figura 17 - Blog "Pedagogia espírita"

O diário de bordo é um espaço que permite ao aluno desenvolver observações e registros diários sobre o processo educativo. Na disciplina, seu desenvolvimento foi opcional, mas bastante utilizado, pois 70% dos alunos fizeram algum tipo de observação.

Essa ferramenta trouxe muitos depoimentos e dados importantes sobre o sentimento dos alunos em relação à disciplina durante todo o processo. Houve autoavaliação, crítica da postura de colegas e até a expressão do sentimento em relação do dia.

[14] Aluna 3:

Bom, com o primeiro resumo critico pensei que havia "pegue o jeito" disso tudo.. Mas com o segundo acho q n fui tão bem assim, enfim, acho q não consegui expressar minhas ideias corretamente. Mas é bom para que eu saiba que nunca sabemos tudo. bom vou ler novamente e tentar me expressar melhor enviando meu texto corrigido! Espero conseguir me expressar direito...

[15] Aluna 56:

Fiquei um pouco chateada com um dos tópicos que foi colocado no forum de notícias, pois acho que se distanciou do objetivo do curso, trata-se de algo mais ou menos pessoal de uma pessoa da turma e pra mim a discursão do tópico pareceu-me como uma fofoca ou discussão sem cabimento, pois creio que não deverá levar a nada. Realmente não gostei.

[16] Aluna 56:

Querido diário, rsrsr, hoje vou colocar aqui minha última consideração. Apesar de muitas dificuldades chegamos ao final e estou bastante satisfeita e feliz. Hoje tivemos nossa última aula que foi presencial e que pude compartilhar bons momentos. Finalizo essa disciplina com a plena convicção de que aprendi muita coisa que vou levar adiante. Adeus ou até a próxima.

[17] Aluna33:

Muitas indagações tomaram conta de mim esse feriado, e além das que eu já expus, tem a parte afetiva. Como será que essa pessoa está vivendo esse momento da vida, sendo que ela faz dois cursos de graduação. Será que não está sobrecarregada demais e por conta disso, fica descontando nos colegas...

Nesse espaço, tivemos *feedback* constante dos alunos, que reclamaram, elogiaram, desabafaram, disseram ao grupo as dificuldades que estavam enfrentando, mostraram que eram pessoas que tinham suas críticas, reflexões e pontos de vistas próprios, agradando ou não a professores e outros colegas.

[18] Aluna 58:

Confesso que não estou a vontade com esta disciplina, talvez por nunca ter participado de um curso a distância, mas acredito que poucos dos meus colegas também tenham participado.

[19] Aluna 29:

O curso está sendo muito proveitoso apesar de umas pequenas falhas como na tentativa não consumada do bate-papo na última segunda-feira, o que mais me incomodou nesse incidente foi a falta de interesse e dispersão de meus colegas sempre fugindo do assunto e das perguntas feitas. Espero que o próximo seja melhor.

[20] Aluna 46: *Olá!!!! eu num estou até agora gostando muito, quem sabe por ser uma coisa nova e eu num ter muita noção do que essa disciplina vá tratar de fato. Ainda num está muito claro quais os reais objetivos dessa disciplina e por ter dúvidas se realmente essa é a melhor maneira para aprender algum conteúdo. Olhe, o site não é tão difícil de utilizar, mas o negócio é que eu não gosto muito desse tipo de método, não gosto muito de informática, acho chato demais. Vou cursar essa disciplina, com toda sinceridade, para concluir logo, pois tem que fazer, mas se fosse de minha escolha eu talvez não fizesse!! Mas vou me esforçar, pois quem sabe eu descubra as coisas boas que muita gente descobre na Informática.*

[21] Aluna 33:

Para uma primeira vez, vivenciei uma emoção diferente, pois houve momentos em que pensei: "E agora o que pergunto?" e tenho certeza que isso irá acontecer sempre, mesmo em sala de aula presencial, onde surgirão questões levantados pelos meus alunos que exigirão um pensar rápido. Em EaD, foi possível ter um certo tempo, mas nas aulas presenciais, pode ser que eu não tenha tanto tempo para pensar e responder... Mas foi uma experiência muito rica, em sentimentos e colaboração!!!

Outro dado importante que adquirimos com o questionário consiste na informação de que 85 % dos alunos consideraram o domínio das ferramentas um

aspecto significativo para participação nas atividades da disciplina.

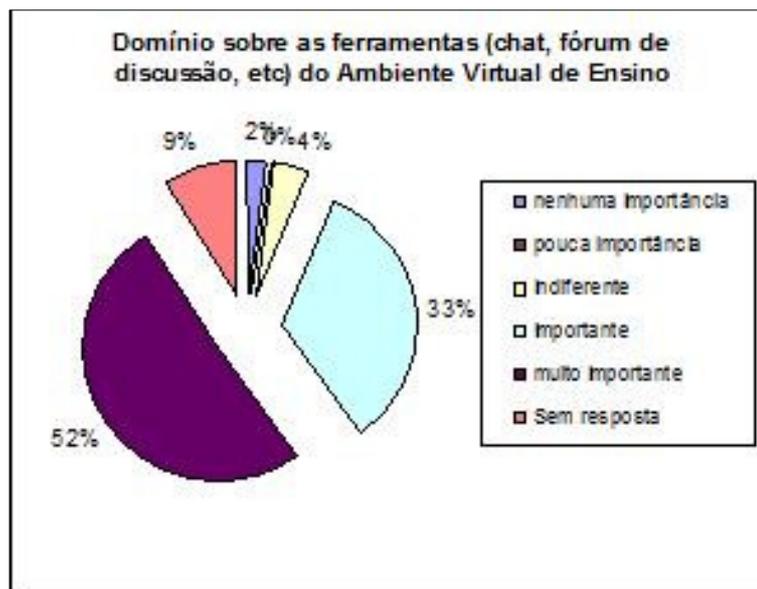


Figura 18 - Gráfico 4 – Resposta da questão 2.2 (item 3c)

Os alunos apropriaram-se dos espaços, imprimindo suas formas de expressão, sentimentos, desapontamentos, alegrias, suas fotos, suas representações, transformando os espaços do AVE em lugares cheios de marcas, significados e registros individuais que expressaram as suas identidades. Isso ocorreu não somente pela ferramenta tecnológica em si, mas pela atuação dos sujeitos nos espaços, imprimindo-lhe significado, tanto pela preparação pedagógica da ferramenta pelos professores formadores quanto pela aceitação dos espaços pelos alunos.

ambientes virtuais se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um hibridismo ainda não bem conhecido e muitas vezes mal compreendido”. (MARCUSCHI, 2004, p. 64).

Em nosso estudo, percebemos ser válida a utilização dessa forma híbrida de escrita, principalmente se considerarmos as particularidades de cada ferramenta. A comunicação na sala de bate-papo é um exemplo claro de que não é possível desenvolver uma linguagem escrita perfeitamente elaborada. É possível aceitar e compreender a intenção e o conteúdo da mensagem sem considerar a sua organização formal, em virtude da rapidez com que as discussões ocorrem. Podemos verificar que, em uma sala com quinze alunos, pode haver mais de oito intervenções/mensagens escritas em menos de um minuto. Se não houvesse essa forma híbrida de escrita, não seria possível a comunicação dinâmica proporcionada pelas salas de bate-papo.

Apesar de essa forma híbrida de comunicação ter a característica de informalidade, percebemos que os alunos exigem um certo cuidado na forma de lidar com o outro. Houve uma situação em que uma aluna sentiu-se incomodada por uma colega "chamar" seu nome de forma incorreta.

[24] 09:55 Aluna 34: *certeza,clarissa*
09:55 Aluna 57: *Bom, como dz o texto o construcionismo interacionista "considera que a afetividade regula as trocas entre sujeito e o objetivo do conhecimento, funcionando como uma energia inerente à ação"*
09:55 Aluna 23: *os sentimentos são em geral bons nas nos devemos ter equilibrio.*
09:55 Aluno 61: *independente da ação da criança, é movido internamente, incluindo sua subjetivida*
09:55 Aluna 48: *clarissEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE*
09:56 Aluno 73: *o construcionismo interacionista considera que a afetividade regula as trocas entre o sujeito e o objeto de conhecimento.*
09:56 Aluna 34: *ta bom*
10:44 Aluna 48: *tu acertou meu nome \o/*

A aluna Clarisse (o nome verdadeiro fora substituído) se impõe, mostrando por uma forma de escrita diferenciada, escrevendo várias vezes a letra errada apresentada pela colega. Essa simples situação mostra um pouco da necessidade dos alunos de terem aspectos de suas identidades preservadas e não confundidas, produzindo certo desentendimento, que logo em seguida, “parece ter sido” contornado, quando a colega responde: *ta bom*, mostrando que entendeu a mensagem.

No trecho seguinte, a Aluna 57 se posiciona exigindo dos colegas uma resposta a

sua proposição. A forma de expressão mostra uma atitude de destaque da aluna, que busca um diálogo com os colegas, visto que, num debate em que existem muitas pessoas interagindo ao mesmo tempo, muitas pessoas ficam sem resposta ou comentários em relação as suas proposições. Percebemos esse tipo de situação em vários outros momentos e atividades da disciplina, como nos fóruns, em mensagens de *e-mail*, em que os alunos buscavam estabelecer uma construção mais efetiva e argumentativa. Nessas construções, é possível perceber melhor os pontos de vistas de cada aluno e do grupo. É possível compreender as atitudes e reflexões dos alunos suas dificuldades e necessidades. Segundo Gomez (2004), os textos construídos pelos sujeitos na rede permitem que o próprio sujeito esteja nessa construção. "Para Barthes (1996:82-83), texto quer dizer tecido que "se faz, se trabalha através do entrelaçamento perpétuo; perdido nesse tecido - nessa textura - o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia." (GOMEZ, 2004, p.41)

- [25] 10:31 Aluna 57: esconder o que somos ficicamente ou emocionalmente é não nos aceitarmo. Isso seria o pior dos preconceitos.
10:31 Aluna 34: conocordo com ambas
10:32 Aluna 68: nem todos tem a habilidade com a escrita..
10:32 Aluna 57: Alguem concorda comigo?
10:32 Aluna 34: e como ficam essas pessoas?
10:32 Aluna 48: boa Aluna 57
10:32 Aluna 52: tem muitas pessoas que colocam fotos de pessoas belíssimas em orkuts, blogs, msn e muitas vezes não é nada daquilo
10:32 Aluno 67: O gênero humano é muito carente de afeto, portanto relações virtuais nunca substituirão relações presenciais.Não agora.
10:32 Aluna 59: Concordo totalmente, Aluna 57!
10:32 Aluna 72: acho que o computador, a tecnologia pode ser usada como um auxiliar
10:32 Aluna 68: sim Aluna 57
10:32 Aluna 57: Entendeu o que eu tentei dz, Formadora 8

A linguagem predominante utilizada na disciplina foi à escrita, não fugindo à regra dos cursos a distância no ciberespaço (MARCUSCHI, 2004). Essa linguagem variava conforme o tipo de atividade e espaço utilizado para seu desenvolvimento. Em alguns espaços do MOODLE, a linguagem seguia a norma formal da escrita, na qual havia um devido cuidado dos alunos, principalmente na elaboração de textos produzidos durante a disciplina. Também, ocorria essa formalidade nas discussões temáticas nos fóruns, com menor rigor do que nas produções dos textos.

Em relação à importância de *inserção de imagens e emoticons para a sua expressão*, 29% dos alunos consideraram importante e 22 % consideraram muito

importante, somando **51%**, conforme observamos no gráfico a seguir.

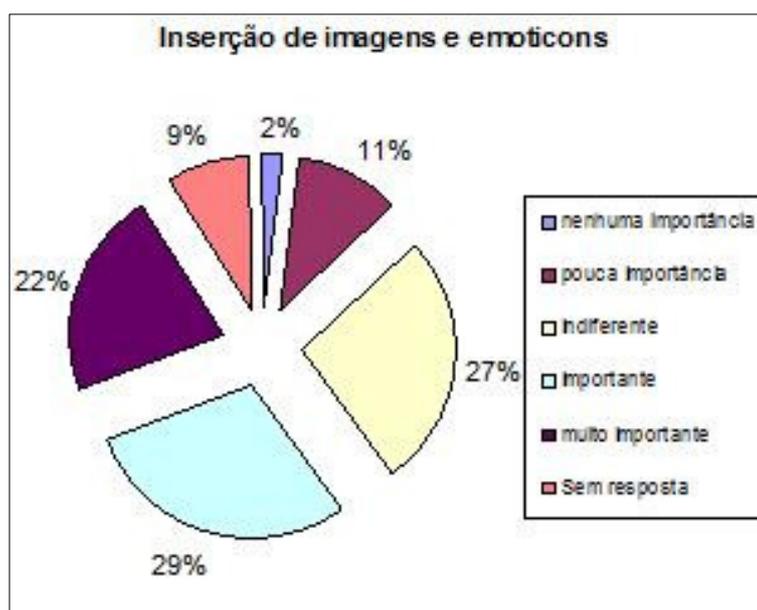


Figura 19 - Gráfico 5 – Resposta da questão 2.2 (item 2b)

Em relação ao uso de vídeo, 18% dos alunos consideraram *muito importante* e 44% consideraram *importante*, somando **62%**. Apesar de pouco utilizado, esse recurso permitiu uma forma diferenciada de mensagem que necessitava de uma interpretação dos sujeitos, trazendo novas discussões e idéias. Os alunos também utilizaram vídeos pesquisados na internet para ilustrar questões apresentadas em seus Blogs.

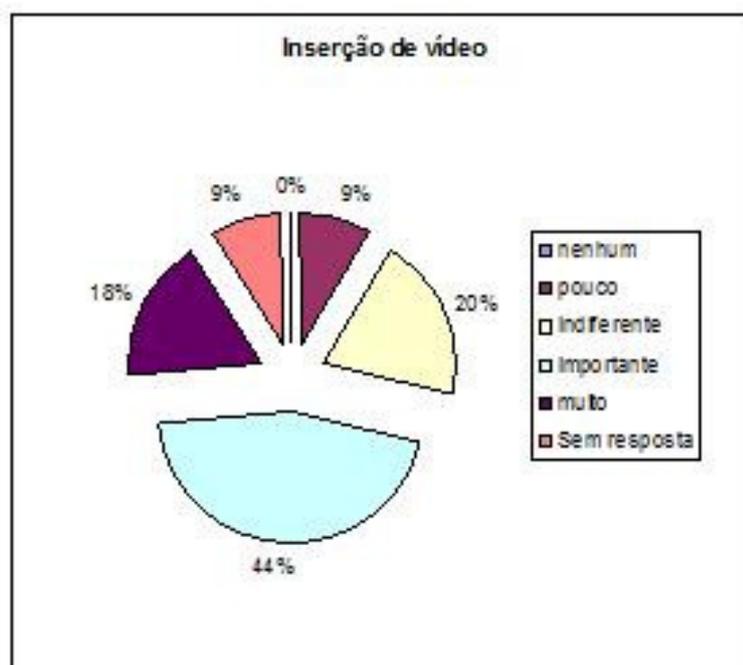


Figura 20 - Gráfico 6 - Respostas da questão 2.2 (item 2c)

Sobre a importância da modificação das cores e fontes dos textos, 16% dos alunos consideraram *muito importante* e 33 % relataram como *importante* , somando 49%. Esse recurso foi muito utilizado, principalmente pelas alunas no decorrer das discussões dos fóruns e de outras atividades, como o preenchimento de perfil.

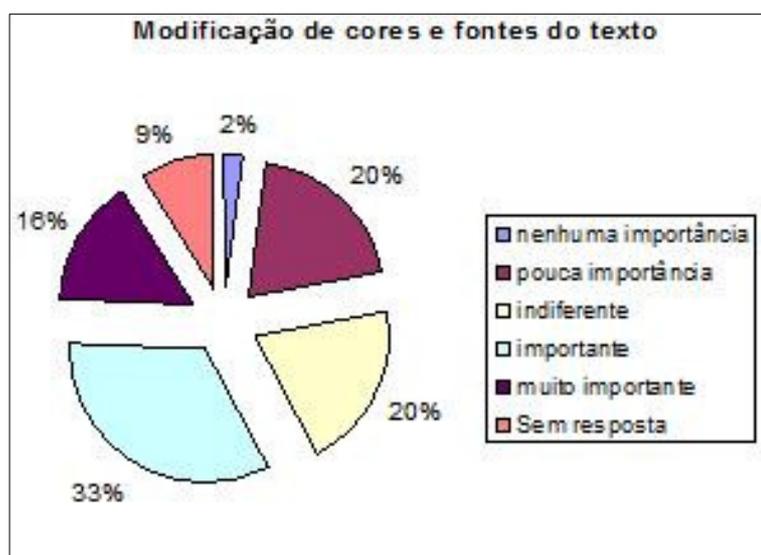


Figura 21 - Gráfico 7- Respostas da questão 2.2 (item 2d)

Esses três itens abarcam os recursos disponíveis no ambiente que trouxe mais possibilidades de personalização na forma de expressão dos alunos, mostrando entre outros aspectos seus sentimentos, interesses, valores. De acordo com Kenski (2003, p.67) esses recursos dos ambientes virtuais ajudam a compor a representação que os sujeitos – alunos e professores – fazem de si, além de ajudar na construção de uma linguagem que humanize as propostas disciplinares. Selecionamos alguns exemplos de utilização dos recursos de modificação de cores do texto, inserção de imagem e vídeo.

Na figura seguinte verificamos que a aluna apresenta uma mensagem de estímulo e de cumprimento a uma mensagem anterior de uma colega, utilizando a cor rosa na fonte do texto e a inserção de um *emoticon*, para ilustrar sua afetividade.

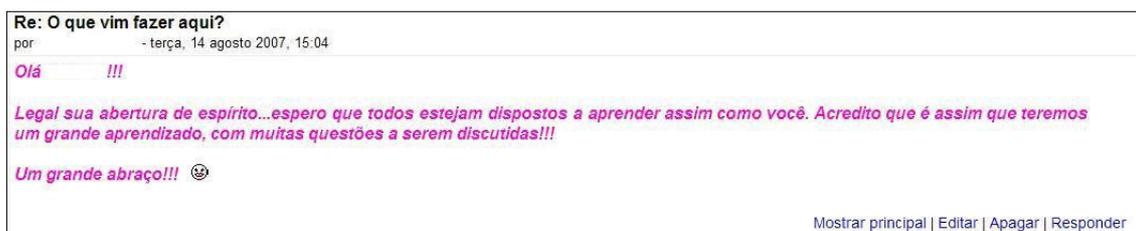


Figura 22 – Cores na fonte do texto

A figura seguinte foi utilizada por uma aluna durante a discussão “Qual o título do meu grupo? A imagem retrata o autor que nomeava aquele grupo. Nessa atividade, não somente a história do autor era discutida, como também sua obra.

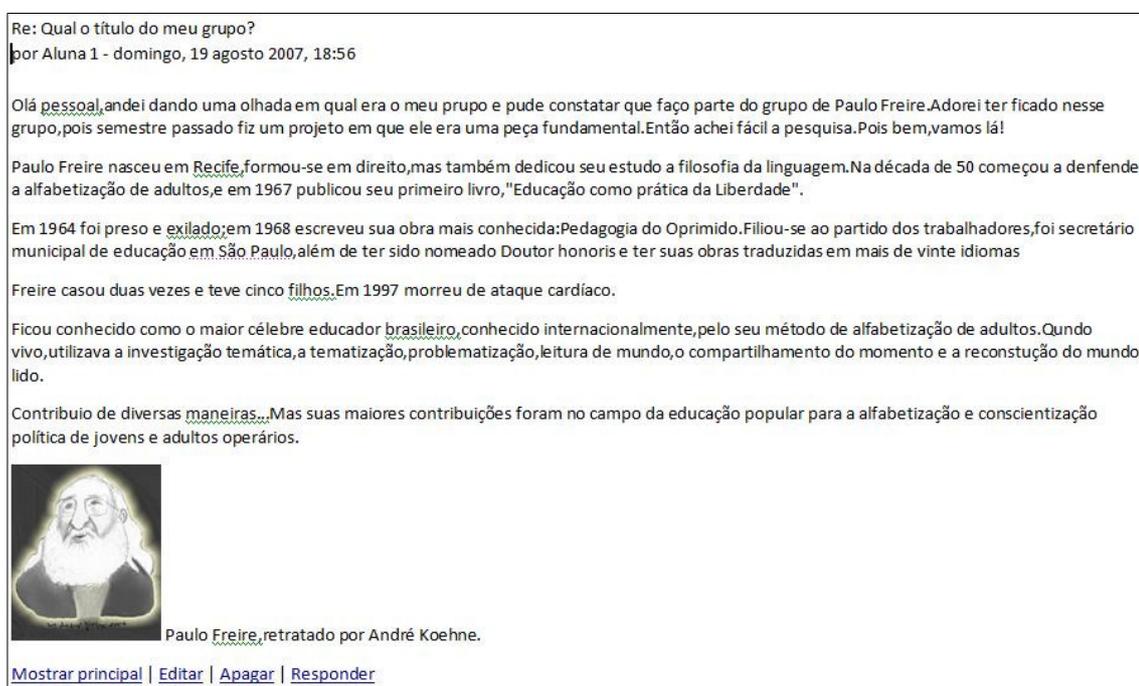


Figura 23 - Inserção de imagens

A figura 12 ilustra a utilização de um vídeo selecionado para introduzir uma discussão na disciplina; no entanto, foi inserido, por uma aluna do grupo que realizava a mediação, o vídeo errado. Apesar disso, o vídeo foi visto e gerou muitas discussões e brincadeiras.



Figura 24 - Inserção de vídeos

Nas respostas dos questionários desse item, percebemos o reconhecimento, pelos alunos, da importância de utilização dos recursos, como imagens, modificação de cores e fontes dos textos e *emoticons*, levando-nos a compreender que os alunos buscam a possibilidade de mudança e personalização de seus espaços.

Os alunos também responderam a uma questão aberta no questionário sobre “a experiência de uma comunicação predominantemente escrita na EAD virtual,” nas quais 78% consideraram a experiência positiva. Destacamos algumas dessas respostas:

[26] *Foi muito bom, só que não participei muito pois não sou muito ligada em computador. A expressão escrita predominou nos fóruns, nos resumos críticos e outras atividades.*

A aluna vê de forma positiva, mas justifica que a sua falta de habilidade com o computador dificultou sua participação. Esse aspecto havia sido comentado no tópico anterior (apropriação do espaço) em que os alunos consideraram que o domínio da ferramenta era importante para a participação. Ela também destaca que houve um predomínio em atividades como fóruns e resumos críticos, já que em outros espaços, como Wiki, blog e bate-papo houve maior utilização de outras formas de linguagem.

No excerto seguinte, a aluna faz referência à diferença entre a linguagem falada

e a escrita. Em seu entender, a experiência da disciplina colaborou em seu aprimoramento desta forma de expressão. Interessante é destacar que, apesar das inúmeras utilizações de palavras abreviadas e escritas de forma incorreta em alguns debates e discussões não foi considerada pela aluna como um prejuízo em sua aprendizagem.

[27] *Muito importante, pois me fez aprimorar a escrita e ajudar na transmissão de informações, pois estamos acostumados a nos comunicar por meio de palavras faladas.*

No trecho seguinte, a aluna foca a contribuição deste tipo de expressão para o trabalho em grupo. Um dos aspectos que ela valorizou foi a atividade de troca de comentários nos trabalhos produzidos entre os próprios alunos, atividade possibilitada pelo AVE, que permite o compartilhamento dos trabalhos elaborados.

[28] *Acho que contribuiu muito para o nosso desenvolvimento individual e em grupo. Aprendemos a ler e se expressar mais, a fazer comentários sobre a atividade dos outros alunos, além de fazer trabalhos em grupos.*

No trecho que se segue, a aluna deu destaque à utilização de *gifs*, que são imagens animadas, parecidas com os *emoticons*, mas que possuem maior diversidade de representações (flores, animais, pessoas). Já os *emoticons* se restringem às “carinhas” com expressões variadas que representam as emoções. Na visão dessa aluna, a comunicação pela interface do computador permite maior desinibição. Essa característica da EAD pode ser positiva para os alunos mais tímidos.

[29] *Foi totalmente inovadoras, e até mesmo mais divertida pois os gifs e a vontade de participar (nesse método a timidez vai embora) tornou tudo melhor.*

Na resposta seguinte, a aluna demonstra que existe mudança e até inovação quando a escrita é realizada por meio do computador, reforçando a idéia de que uma nova forma de comunicação se desenvolve no ciberespaço, proveniente do desenvolvimento de ferramentas e novas formas de relacionamentos.

[30] *Ótima, foi uma experiência nova de junção da escrita com a ferramenta com o computador.*

Houve também alunos que não tiveram uma visão tão positiva. Na resposta seguinte a aluna destaca a dificuldade em lidar com a expressão escrita o tempo todo; mas, não relaciona a sua dificuldade somente a isso, buscando também justificar, argumentando o problema da realização de muitas disciplinas ao mesmo tempo.

[31] *Gosto de me expressar pela escrita, mas não o tempo todo. Eu também me senti um pouco perdida durante a disciplina, talvez pela quantidade de disciplinas que influenciou bastante na questão do horário destinado a EAD.*

Nos dois trechos são ressaltadas as dificuldades, pois em nossa cultura escolar predominam a transmissão de informação e a interação através da linguagem falada, já que, ordinariamente, a escrita é desenvolvida em momentos mais específicos nas atividades.

[32] *No começo foi difícil, mais com o passar dos trabalhos foi ficando interessante.*

[33] *Complicado, afinal não é uma coisa rotineiro.*

Percebemos que o desenvolvimento do curso a distância com o predomínio da linguagem escrita é bem aceito pelas alunas, tornando-se uma vantagem e não um empecilho; no entanto, foi também valorizada a utilização de outros recursos textuais, como vídeo, imagens e *emoticons*, que trazem benefícios para os alunos, permitindo que estes possam demonstrar seus interesses e idéias através de uma linguagem variada de comunicação. (...) por meio das múltiplas linguagens presentes nos atuais programas digitais – e de outras tantas que a evolução tecnológica assinala em relação ao desenvolvimento das escolas virtuais (imagens, sons, movimentos e interatividade) para todos – uma nova cultura educacional se apresenta. (KENSKI, 2003, p.68).

6.3 Estratégias pedagógicas

Destacamos nesse item as estratégias pedagógicas adotadas durante a disciplina, que influenciaram na conquista da identidade dos alunos. Essa leitura será desenvolvida principalmente na compreensão dos fatores que colaboraram ou dificultaram a participação ativa dos alunos nas atividades e seus posicionamentos de idéias; também nos aspectos pedagógicos que direta ou indiretamente estavam ligados as estratégias.

Sobre as atividades....

No questionário, os alunos responderam sobre “*as atividades favoreceram a atuação e posicionamento de idéias*”, focalizando seu grau de importância. Os resultados foram:

53% consideraram *os debates nas salas de bate-papo* muito importante e 43% consideraram importante, totalizando **96%**.

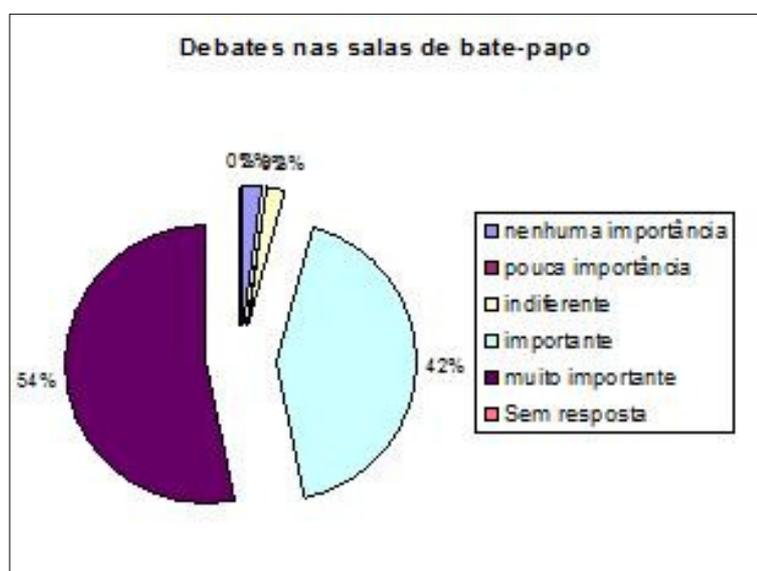


Figura 25 - Gráfico 08 – Questão 2.2 (item 1a)

67% relataram a **discussão temática nos fóruns** como importante, 27% muito importante, totalizando **93%**.

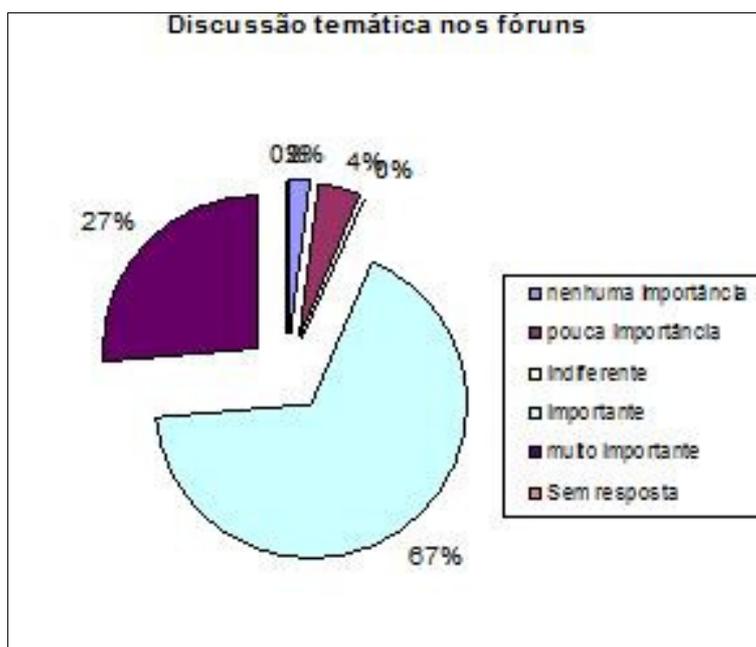


Figura 26 - Gráfico 9 - Questão 2.2 (item 1b)

52% consideraram importante o **planejamento de atividades junto aos formadores**, 30% consideraram muito importante, totalizando **82%**. 14% ficaram indiferentes e 4% disseram que tinha pouca importância.

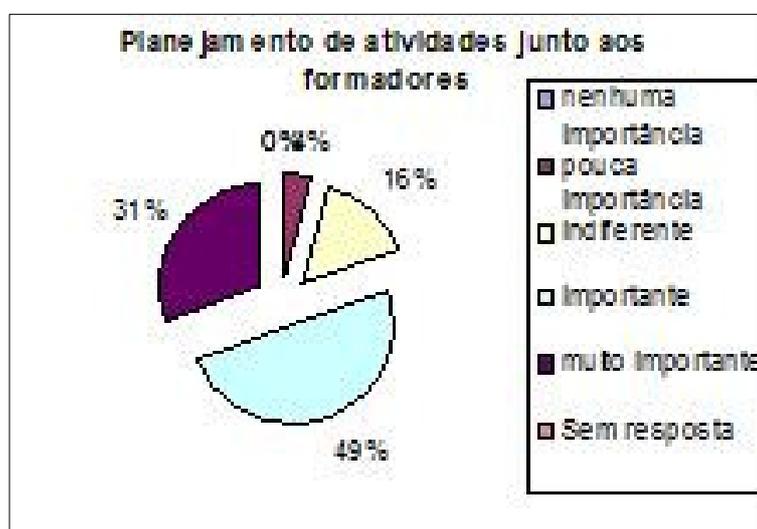


Figura 27 - Gráfico 10 - Questão 2.2 (item 1c)

62% consideraram importante o **desenvolvimento de temática de interesse pessoal no Blog**, 8% consideraram muito importante, totalizando **70%**.



Figura 28 - Gráfico 11 - Questão 2.2 (item 1d)

44% votaram na **elaboração do texto coletivo no WIKI** como importante, 16% muito importante, totalizando **60%**.



Figura 29 - Gráfico 12 - Questão 2.2 (item 1e)

36% disseram que **os comentários nos diários de bordo** foram importante; 16% muito importante, totalizando **52%**.

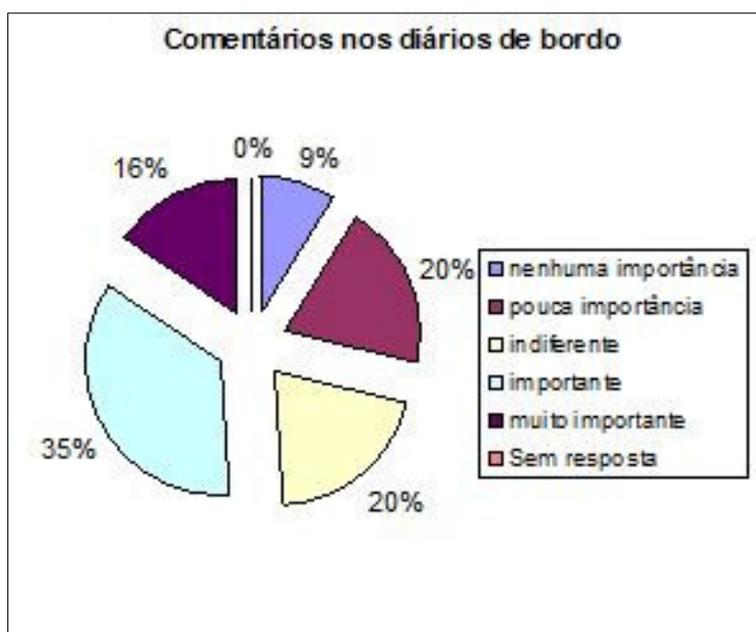


Figura 30 - Gráfico 13 - Questão 2.2 (item 1f)

60% revelaram serem importantes **os comentários nos trabalhos dos colegas**; 10% muito importantes, totalizando **70%**.



Figura 31 - Gráfico 14 - Questão 2.2 (item 1g)

54% relataram como importante a **elaboração de resumos**; 38% muito importante, totalizando **92%**.



Figura 32 - Gráfico 14 - Questão 2.2 (item 1g)

Com esses resultados, percebemos que a maioria dos alunos considerou que todas as atividades realizadas durante a disciplina favoreceram a participação, permitindo o posicionamento de suas idéias. Essas atividades foram variadas em propósitos e formas de interação. Esse é um aspecto importante a ser considerado, visto que o primeiro passo para que os alunos tenham voz é desenvolver atividades que estimulem a participação, seja ela individual ou em grupo.

A abertura desse espaço para que se posicionassem deixou lugar para todos os tipos de observações e posicionamentos, positivos e negativos, tirando dos professores e formadores o controle tradicionalmente exercido, abrindo uma parceria junto com os formadores e uma co-responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem, “a relação professores e aluno é de parceiros solidários que enfrentam desafios de problematização do mundo contemporâneo e se apropriam da colaboração e da criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa significativa, crítica e transformadora.” (BEHRENS, 2000, p. 78).

No trecho da seqüência a aluna corrobora as respostas do questionário, quando se refere a autonomia em relação à disciplina e da “abertura para falar”, justificando sua boa avaliação. Essas duas questões são verificadas no final de um processo e reflete que as estratégias utilizadas não engessaram a participação dos alunos, mas, ao contrário, contribuíram para sua efetivação.

[34] Aluna 74: *Adorei a disciplina! Pude ter uma maior autonomia e uma maior organização de minhas atividades, com ela eu pude controlar e explorar mais meu tempo e tive uma maior abertura para falar sobre o que sentia e debater idéias sobre as questões e discussões realizadas*

durante todo o semestre.

No excerto seguinte, o aluno faz sua avaliação no decorrer do processo, apontando as vantagens que, em seu ponto de vista, englobam praticidade, dinamismo, várias opções de avaliação, interatividade e participação. Percebemos que esses elementos citados abrem possibilidades para uma verdadeira participação dos alunos, permitindo que eles tenham voz dentro do processo. Não é somente no final da disciplina que avaliam, mas durante todo o processo, dando margem para mudanças e adaptações. Segundo Gomez (2004), é necessário escolher estratégias que permitam uma avaliação de todos os aspectos do processo educativo, além de possibilitar a participação dos alunos nas avaliações de uma forma geral.

[35] Aluna 13: *Estou achando muito interessante este curso a distância, pois é novo método de aprendizado que estamos tendo, e por isso, acho muito importante essa nova modalidade de ensino, gosto da praticidade que ela nos dá, e do dinamismo, várias opções de avaliação, sempre bem interativas, contando com a participação de todos.*

[36] Aluna 56: *Bem, a primeira impressão que tive é de que teremos muito trabalho pela frente, mas mesmo assim tenho boas perspectivas sobre o curso, pois gosto muito de trabalhar com a área computacional. A dificuldade que acho que terei é o tempo, pois temos oito disciplinas obrigatórias e devido a isso sei que terei que me dedicar ao máximo para dar conta de todas, mas farei o possível para superar todas as expectativas. Vamos ver depois se essa idéia vai mudar ou não, e espero que mude positivamente.*

Sobre os mitos em relação EAD...

No fragmento á frente verificamos claramente a visão de cursos a distância de segunda categoria, *não tem muito trabalho, não dá resultados*. Essa visão decorre de experiências malsucedidas e que influenciam a visão sobre EAD até hoje com base num modelo behaviorista (BELLONI, 2003). Para desconstituir esse discurso, é necessário que os cursos a distância procurem enfatizar os sujeitos e não os recursos tecnológicos.

[37] Aluna 27: *Bom essa disciplina foi muito interessante. De início pensei que por ela ser a distância eu não ia ter muito trabalho com ela, mas logo vi que eu estava enganada, pois exigiu de mim uma maior responsabilidade, organização e participação. Ela ajudou muito para quebrar algumas ideias iniciais sobre educação a distância, antes eu achava que esse negócio a distância não teria resultado algum, se presencialmente já era difícil construir o conhecimento, imagine a distância. E mais uma vez eu estava equivocada, pois pude perceber e experimentar*

que com a colaboração de todos e com o empenho do participante é possível ser construir a aprendizagem. Foi muito gratificante fazer parte dessa disciplina que me trouxe um vasto conhecimento e inovações dos meus conceitos

Sobre as Formadoras...

O papel do professor é imprescindível nos processos educativos a distância que trabalham numa linha progressista. A mediação é desenvolvida numa perspectiva de oferecer ao aluno condições de crescimento e construção da autonomia. O papel do professor / formador é de criar situações didáticas para que esses objetivos se concretizem; mesmo quando os alunos se sentem um pouco “perdidos”, de vez em quando conforme verificamos nesse diálogo:

[38] *Aluna 44:*

URGENTEEEEEEEE

professora to me esentindo perdida me explique detalhadamente como se deve fazer esse WIKI ja mandei msg ã vi resp. me ajude como devo começar,colocar meus textos e se posso ver os dos meus colegas pois ã vi nada ainda é pq ainda ã começaram a fazer é ? outra coisa com relação ao bate-papo entrei mas a plataforma tava fora do ar como vai ficar a situação ? em todo caso entreguei o 2 resumo critico do cap 8 e 4 né verdade? me ajude prof to voando!

Aluna 11:

Também estou perdida!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Formadora 8:

Pessoal,

No wiki do Grupo Paulo Freire intitulado "Histórico das comunidades virtuais" que o link é:

<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodle/mod/wiki/view.php?id=1048>

Você vão contruindo, tendo como embasamento teórico a leitura dos textos disponibilizados no espaço: "Bibliografia para produção dos textos no wikis" que o link é:

<http://hbn.multimeios.ufc.br/moodle/mod/resource/view.php?id=989>

Vocês podem pesquisar na internet, inserir vídeos que acharem interessantes, e imagens, citar as referencias bibliográficas. E colocarem os texto com suas próprias palavras (nada de copiar e colar da internet) Cada aluno pode expressar sua opinião e construir com os demais o Wiki propiciando um espaço colaborativo.

Aguardamos vocês!!!

OBS: Se no Wiki não tem nada mais escrito além da mensagem acima, é pq ninguém escreveu ainda, então aproveitem para colocar os primeiros textos no wiki do Grupo Paulo Freire.

Abaixo da mensagem tem escrito: [Histórico das comunidades virtuais \(grupo paulo freire\)](#) daí vcs selecionam a opção Editar, que permite inserir os texto ok?

Aluna 11: Ebaaa muito obrigada, mesmo!!!!

Me achei ^^

Aluna 44: OLÁ professora,

bom finalmente consegui enter esse WIKI rsrsrs agradeço a paciencia q teve comigo... achei importante resaltar no wiki a questao das comunidades virtuais sendo caminho para a inclusão social e como e elas podem ser beneficas no apredizado espro ter ajudado nessa concepção!

No excerto seguinte a aluna destaca a importância do papel das formadoras / professoras para sua formação, que se diferencia do papel de transmissor tradicionalmente conhecido. Acompanhar o aluno não é controlar o que ele faz, mas contribuir para uma educação crítica e emancipadora.

[39] *Aluna 33: Às professoras/formadoras deixo meu forte abraço e parabeno-as pelo excelente trabalho desenvolvido conosco. Vcs foram muito importantes no meu processo de crescimento crítico, contribuindo com suas reflexões sobre meus trabalhos e comentado em minhas respostas, incitando outras questões. Parabéns pelo desempenho de todas.*

Sobre autonomia...

A EAD é uma modalidade que exige disciplina e engajamento, já que não há a estrutura tradicional de presença física do professor com cobranças e controles constantes a que estamos acostumados. Autonomia é termo muito utilizado para embasar o aluno de sucesso em cursos a distância; mas, a autonomia não pode ser sinônimo de estudo individualizado, em que o aluno aprende pela autoinstrução, mas sim, no sentido de se governar, de poder tomar decisões por si mesmo e assumir a responsabilidade por essas decisões (KAMII, 1995). Nos trechos a seguir os alunos, sentem que desenvolveram a autonomia e por isso conseguiram atingir seus objetivos em relação à disciplina, mostrando que esse tipo de aprendizagem é aplicado em toda a vida.

[40] Aluna 4:

Depois da experiência que tivemos ao longo da disciplina, posso constatar que o nosso rendimento superou minhas expectativas, principalmente no quesito da assiduidade dos alunos, demonstrando toda a nossa autonomia diante de disciplinas como a EaD.

[41] Aluna 6:

Reta final, hoje posso dizer o quanto foi gratificante essa disciplina, opiniões foram mudadas, medos foram superados, sem dúvidas a autonomia esteve sempre presente no decorrer da mesma. Espero futuramente utilizar todo o conhecimento adquirido aqui, por meio desta.

Nesses comentários as alunas destacam novamente o termo autonomia como

processo que envolve responsabilidades, organizações e decisões. Mostram também que existiu abertura para participação. Nesse contexto, verificamos que, para haver autonomia, é preciso que haja essa abertura para que o alunos possam se perceber como sujeito autônomo.

[42] Aluna 74:

Adorei a disciplina! Pude ter uma maior autonomia e uma maior organização de minhas atividades, com ela eu pude controlar e explorar mais meu tempo e tive uma maior abertura para falar sobre o que sentia e debater idéias sobre as questões e discussões realizadas durante todo o semestre.

[43] Aluna 25:

Bem, está disciplina antes de começá-la parece ser fácil, mas depois de ter contato com os textos de ler todas as orientações para o aluno virtual, acredito que a responsabilidade é bem maior do que nas outras disciplinas, pois é uma disciplina que lhe permite maior autonomia mas você tem que saber bem administrar o tempo, porque se não acaba deixando tudo para a última hora.

Ainda tratando do tema da autonomia na disciplina, foi aplicado o questionário com proposições que sondavam sobre atividades rotineiras as quais, contribuíam para desenvolvimento da autonomia. Nessa questão, os alunos se avaliaram conforme verificamos nos resultados.

60% afirmaram *ter definido, com autonomia, seus horários de estudo, ritmo de participações e leituras e desenvolvimento de atividades*. 20% garantiram que aplicaram e ainda aprimoraram esse saber na disciplina. 20% disseram não ter aplicado esse saber na disciplina. Constatamos que as respostas dos alunos corroboram os trechos extraídos das falas, segundo os quais a autonomia foi desenvolvida durante a disciplina.

70% ressaltaram que *buscaram, de forma espontânea, novas perspectivas, idéias e conceitos relacionados aos temas discutidos na disciplina*. 10% acentuaram que aplicaram e aprimoraram e 14% evidenciaram que não aplicaram essa saber na disciplina. Essa resposta apresenta a motivação e iniciativa dos alunos .

Sobre os debates no bate-papo...

A atividade debates nos bate-papos foi muito bem-vista pelos alunos. Isto se torna um fato curioso, pois foi neste espaço que ocorreram os problemas técnicos mais graves (travar, cair, ficar fora do ar), gerando muita reclamação.

08:47 Aluna 26: ; Parece que muita gente ta caindo!!

08:48: Aluna 55: entrou no chat

08:48: Aluna 54: abandonou este chat

08:48 Aluna 36: Tá mtu rápido

08:48 Aluna 48: ou entrando..

08:48: Formadora 1: entrou no chat

08:48 Aluna 26: TA MEIO DIFICIL DE LER DESSE JEITO!

08:48 Aluna 40: ta caindo

08:48 Aluno 73: ta caindo um monte de gente formadora 7...

08:48 Aluna 74: eu vou me perder

08:48 Aluna 49: roseeee, aeeew!

08:48 Aluna 27: formadora 7 esta muito rapido.

08:48 Aluna 33: Também acho que está muito rápido como disse a Aluna 36 ... já perdi a conversa

08:48: Aluno 66 entrou no chat

08:48 formadora1: Aluna 40 te segura na cadeira

Figura 33 - Debate na sala de bate-papo

A boa aceitação dessa atividade também decorre da estratégia que utilizamos para envolver os alunos. Estes fizeram os planejamentos pedagógicos dos debates junto com os formadores, sentindo-se responsáveis pelo processo.

Re: Avaliação do Bate-papo
 por [nome] segunda, 12 novembro 2007, 09:43

O bate-papo do dia 12/11, foi simplesmente maravilhoso, eu adorei!!!!!!! Fi muito diferente pra mim, até porque eu participei da mediação, que por sinal espero que tenha sido da maneira correta!

Dessa vez deu pra gente concluir tudo direitinho, cumprimos todo o planejamento, além de termos tido um ótimo aprendizado, interação e descontração...

O bate-papo se resume a uma só palavra: SHOW!!

Abraços e espero que todos tenham gostado!



Estou muito----->>>

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Apagar](#) | [Respo](#)

Figura 34 - Fórum de avaliação do bate-papo

A atividade de debate no bate-papo é uma das estratégias que mostram o pouco controle que o professor tem nesse processo. É uma discussão que não consegue ser

[44] Aluna 18:

Olá pessoal,

Estou mais uma vez aqui dessa vez para dizer que meu conceito sobre essa disciplina aumentou depois do último bate-papo, a conversa foi muito produtiva e pude desenvolver mais ainda o meu conhecimento. Espero que o curso continue assim e de minha parte continuará sendo.

Abraços.

[45] Aluna 74:

Desejo ao professor e as monitoras um ótimo natal e um Feliz 2008!

e que os problemas técnicos diminuam durante o bate papo, nos semestres posteriores (rsrs)!

Sobre a adaptação no início da disciplina...

Houve muitas dúvidas no início da disciplina em relação as atividades propostas, existem algumas questões que causaram esse fato. Entre estas podemos destacar as que vêm.

No inicio da disciplina, verificamos que os alunos não tinham conhecimento prévio sobre o ambiente MOODLE, gerando certo receio dos alunos sobre a forma como a disciplina iria se desenvolver. Alguns deles passaram muito tempo sem entrar no ambiente, ocasionando gerando mais dificuldades ainda. Verificamos através de um recurso do ambiente que apresenta os dados de entrada dos alunos, além de registrar todas as suas participações. Facilitando assim que haja uma intervenção das formadoras / professor quando este percebe que os alunos estão se distanciando. Apresentamos um exemplo do registro feito pelo ambiente que mostra o nome da aluna e o tempo que esta não acessa o ambiente.

Aluna 1: 4 dias 18 horas

Aluna 2: 5 dias 15 horas

Aluna 3: 5 dias 16 horas

Aluna 4: 5 dias 16 horas

Aluna 5: 5 dias 22 horas

Aluna 6: 6 dias

Aluna 7: 8 dias 1 hora

Aluna 8: 8 dias 1 hora

Aluna 9: 8 dias 2 horas

[46] Aluna 55:

A principio estava meio perdida, não sabia bem o que fazer, pois minha relação com o computador era um pouco distante,mas agora já estou me acostumando com esse novo tipo de educação e tenho certeza que vou gostar da disciplina.

As orientações enviadas por *e-mail* foram um empecilho, na medida em que os alunos evitavam entrar no ambiente MOODLE e perdiam ou acumularam muitas mensagens, em razão da grande quantidade de mensagens recebidas por dia, visto que o grupo era formado por 74 alunos e oito formadores.

[47] Aluna 47:

Não tenho dificuldades com as leituras, sei a datas dos resumos dos bate-papos, mas por exemplo fiz meu 1ª resumo e nao sei se eu preciso refaze-lo ou não não consigo vê essas informações com facilidade, e é por isso que me sinto perdida.

Abraços

[48] Aluna 40:

bem, a disciplina esta sendo muito interessante para mim, um modo novo de adquirir conhecimentos e compartilhar-lós.Mas estou um pouco perdida.

[49] Aluna 44:

Olá pessoal, bom confesso q essas ultimas semans me senti muiti perdidad ã tava conseguindo entender esse WIKI foi bem complicado postra minhas ideias a respeito do temas pois ã sabia ao certo como e de forma isso se dav , enfim acho q deveria ter tido uma maior a explicação do usos dessas ferramentas nesse espaço vitual.! deixou muito a desejar!

Sobre as dificuldades em acompanhar o ritmo...

Houve preocupação relativa ao rápido andamento das atividades. Como os alunos não estavam acostumados com o tempo na EAD acumularam atividades da disciplina em virtude das atividades que já tinham presencialmente. Houve reclamação, principalmente com as leituras solicitadas.

[50] Aluna 74:

Estou tendo dificuldades somente com o que está sendo cobrado, pois temos que realizar bastante atividades aqui, e estou meio receosa em me "perder" e não conseguir acompanhar esse ritmo da disciplina. Confesso que sou meio lenta (rsrs), mas acho que com a disciplina ficarei mais atendida!

Obrigada desde já pela ajuda e compreensão de todos!

[51] Formadora 7,*desculpe-me pela franqueza,mas dessa vez acho que vocês exageraram um pouco.Nós teremos que ler dois textos(um de 14 páginas e o outro de 16,se eu não me*

engano)para discutirmos nos fóruns.Porém ,agora é que vcs deveriam dar um desconto pois estamos no final do semestre e estamos cheios de trabalhos pra fazer...Não sei não,mas já estou preocupada desde já,em como terei tempo para lê-los e cumprir com mais essa atividade. Abraços e desculpa qualquer coisa!

Sobre os conteúdos estudados na disciplina...

Os alunos foram abordados no questionário sobre **a importância dos conteúdos curriculares e extracurriculares para a formação.**

Em relação **aos conteúdos curriculares**, 40% consideram importante, 45% muito importante, totalizando **85%**. 10% não responderam e 5% consideraram indiferentes. Essa resposta já era esperada, já que os conteúdos curriculares formam a parte central do processo educativo.

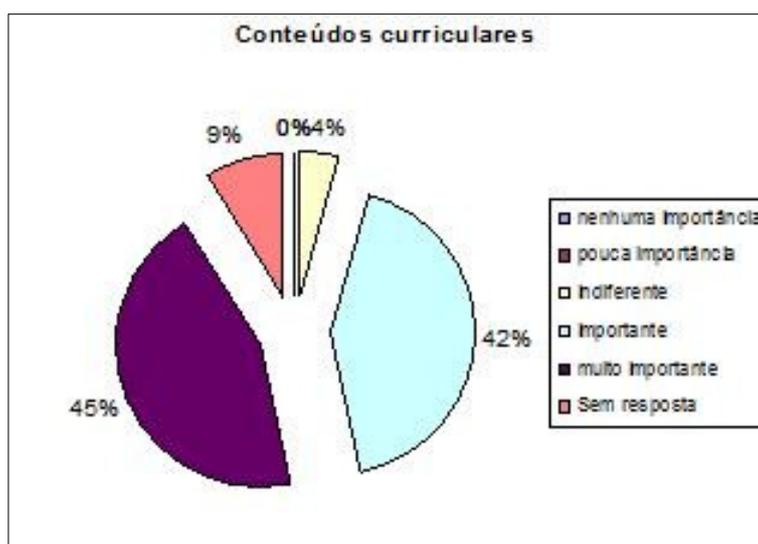


Figura 36 - Gráfico 16 – Questão 2.2 (item 4a)

Em relação a **outros conteúdos abordados (extracurriculares)**, 56% acharam-nos importantes, 21% os consideraram muito importantes, totalizando **77%**. 11% indiferentes e 07% sem resposta. Nesse item, percebemos que a maioria dos alunos entende que outros conteúdos devem ser abordados na disciplina e que esses teores também são formativos.

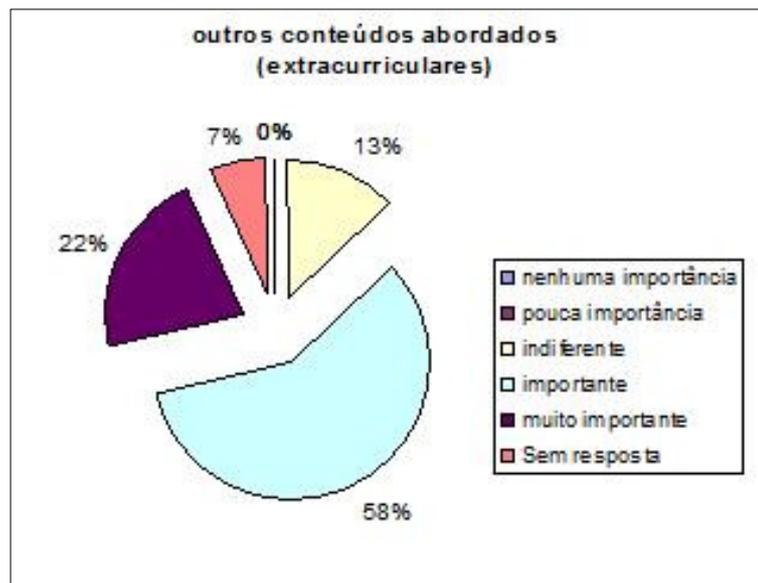


Figura 37 - Gráfico 17 - Questão 2.2 (item 4b)

Sobre a criação de páginas pessoais na ferramenta *Blog...*

A necessidade de abrir um espaço para que os alunos contassem um pouco de suas histórias e interesses foi o que motivou o desenvolvimento da atividade de criação de páginas pessoais.

Os temas escolhidos foram bastante diversificados, englobando informações sobre projetos, cultura, educação, pesquisa, entretenimento, entre outros temas. Inicialmente, percebemos a dificuldade de alguns em escolher o tema, visto que nossa proposta deu total liberdade de escolha do tema pelo aluno. Essa questão é interessante, pois mostra a dependência deles em sempre atenderem as temáticas escolhidas pelos professores.

Foi possível conhecer melhor os alunos através de suas páginas pessoais, pois era um espaço *dos* alunos, preparado e desenvolvido por eles, por exemplo, houve tema sobre pedagogia espírita, projeto PRECE, projeto do computador no ensino de Engenharia, educação no campo, projeto e-jovem, sobre voluntariado, sobre educação à distância, arte e educação, entre outros.

Outra questão que chamou a atenção foi o emprego de recursos multimídia

(vídeo, áudio, imagens) colaborando para a dinamização, personalização dos espaços pelos alunos.

[52] *Re: BLOG – Comentários por Aluno 38 - segunda, 26 novembro 2007, 14:18 Achei a ferramenta blog muito importante. Ela proporciona à educação à distância um atrativo a mais. Além de oferecer uma espaço onde o aluno possa expor um projeto, ou algo que tenha achado interessante. muito bom!*

Essa atividade permitiu compreender a multiplicidade e as diferenças que existiam e que estavam escondidas por meio das ferramentas tecnológicas e que muitas vezes não são evidenciadas no processo educativo. Segundo Kenski (2003), “a criação de páginas pessoais (e o convite para que os demais alunos e professores visitem-nas) e as descrições sobre si mesmos são formas de incorporar informações e estabelecer relações entre o que os alunos dizem textualmente e suas imagens e jeito de ser”.

Em relação a essa atividade, foi questionado sobre **a importância do desenvolvimento de temática de interesse pessoal no Blog**. 62% consideraram importante, 8% acharam muito importante, totalizando **70%**. 14% consideraram de pouca importância, 14% indiferente e 2% achavam sem nenhuma importância.

6.4. Formas de Interação

Durante a disciplina, houve diferentes formas de interação. Destacamos os aspectos que ajudaram ou dificultaram as interações; também de compreender as formas de interação que ocorreram e foram importantes para a troca de experiência e uma relação intersubjetiva entre os alunos. Essas questões são cruciais para a construção das identidades dos sujeitos, pois abrange, entre outros pontos, a forma de o sujeito se posicionar diante do outro, conviver, aceitar o outro e ser aceito, lidar com situações de conflitos, acatar e cumprir responsabilidades.

Sobre a comunicação e interação...

Os alunos responderam os itens seguintes com três opções: 1 – Não apliquei esse saber na disciplina, 2 – Apliquei esse saber na disciplina, 3 – Apliquei e aprimorei esse saber no decorrer da disciplina.

56% assinalaram **que trocaram *feedback* com alunos, professor e formadores para discernir idéias, tirar conclusões e resolver problemas**; 35% assinalaram que aplicaram e aprimoraram esse saber no decorrer da disciplina, totalizando **91%**; e 09% não aplicaram esse saber na disciplina. Neste item, a interação desenvolvida foi além do nível superficial, já que os alunos puderam resolver problemas que exigem troca de conhecimento e entendimento entre o grupo.

60% acentuaram que **manifestaram opinião sobre as questões discutidas nos fóruns, bate-papos e aulas presenciais** e 40% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina. Verificamos que **100%** dos alunos tiveram espaço para expressar suas opiniões. Esse é o primeiro passo para que uma interação ocorra verdadeiramente.

73% informaram que **negociaram e esclareceram conceitos e significados de termos e conceitos**, 19% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando **92%** e 8% não aplicaram esse saber na disciplina. Nesse item os alunos demonstraram que conseguiram trabalhar de forma negociada em que é necessário argumentar, ouvir e aceitar os argumentos dos outros.

60% relataram que se **comunicaram sem ambigüidades**, 20% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando **80%**; 11% não aplicaram esse saber na disciplina e três não responderam. Esse item aborda um ponto de grande dificuldade na EAD, que é “se fazer entender” sem ambigüidade, numa relação em que predomina a linguagem escrita. Essa habilidade é muito importante para o entendimento entre o grupo.

41% afirmaram que **corroboraram e complementaram idéias dos demais, a fim de aprimorar conceitos e melhorar os processos colaborativos de trabalho**; 36% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando **77%**; e 21% não aplicaram esse saber na disciplina, enquanto 2% não responderam. Nesse item, os alunos responderam sobre os saberes imprescindíveis para a realização de um trabalho colaborativo.

Nos cinco itens acima sobre **comunicação e compartilhamento**, os alunos entenderam que desenvolveram formas de interação durante a disciplina, envolvendo um conjunto de atitudes que exigiram grau elevado de envolvimento e troca intersubjetiva para o processo de construção do conhecimento, caracterizando uma comunicação baseada na racionalidade comunicativa. Segundo Martinazzo (2005), a

racionalidade comunicativa se desenvolve num processo em que há abertura para as construções dialógicas e argumentativas.

O trecho seguinte corrobora as respostas sobre comunicação e compartilhamento, mostrando que os alunos compartilharam suas idéias e se relacionaram num clima de respeito e cordialidade, apesar das divergências.

- [53] Aluna 1: *Olá!*
Não concordo muito com o que vc falou quando diz que o mundo virtual é irreal. Porque vc acha isso?
Abraços
- Aluna 11: *Oi A., quando eu coloquei "mundo irreal" ,entre aspas, pensei: por não ser um encontro ao vivo, é um mundo onde as pessoas podem agir através de personagens para se esconder, não é algo sólido, etc.*
- Na verdade, eu não queria ficar repetindo a palavra "virtual" o tempo todo e acabei me expressando mal rsrsrs*
- Aluna 2: *é verdade bruna, concordo com a sua colocação sobre haver essa facilidade em fazer uma aula construtiva em um meio virtual, até pelo fato de as pessoas muitas vezes se sentirem mais a vontade na frente de uma máquina do que de pessoas.*

Sobre a exploração e resolução de conflito...

38% relataram que *descobriram e exploraram incoerências em trabalhos compartilhados*, 17% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando **55%**. 43% não aplicaram esse saber na disciplina e 2% não responderam.

36% afirmaram que *manifestaram, naturalmente, desacordo com idéias, inclusive aquelas manifestadas por formadores e professor* , 18% aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando **54%**; e 21% não aplicaram esse saber na disciplina enquanto 2% não responderam.

Nos dois itens anteriores, um pouco mais da metade dos alunos discordou dos formadores ou colegas de forma explícita. Essa proposição leva a compreender que os conflitos ocorrem durante a disciplina. Espera-se que, num ambiente onde há um grande número de pessoas em interação, os conflitos ocorram como aspecto comum no processo. Isso não é compreendido como algo negativo, mas como um fator de crescimento e aprendizagem. A diferença de idéias é proveniente da história de vida de cada sujeito, em que, na interação com o outro, é possível aprender e se modificar. Por

isso, o ser humano não é um ser centrado e acabado, mas um ser em constante mudança, em que a idéia de “tornar-se” é mais apropriada do que a idéia de “ser acabado”; e essa mudança só pode se realizar na relação com o outro (HALL, 2000). No diálogo seguinte, os alunos expõem diferentes opiniões, essenciais para um processo educativo que se quer crítico:

[54] *Aluno 1: Aluno 11, Acho que ela ou qualquer um está correto em perguntar, opinar e etc.. se tem dúvida, ou gosta de interagir ,deve fazê-lo quantas vezes for necessário, não somos robôes que insensíveis portam-se diante de um educador de aspecto divinizado que deve ser ouvido como se tudo que ele diz é verdade absoluta e inquestionável!*

Também acredito que discussões desse tipo são boas e podem conferir à EaD um caráter mais humano e menos frio e maquinizado... Pois meio que traspomos vivências e aspectos da sala de aula para o espaço virtual... Tornando-o mais atrativo.

Aluno 20 :Aluno 1, (...)..você viu aquilo que eu mesmo não vi,minha imaturidade não me permitiu ter uma visão tão ampla...mas ,como já disse,vou me reeducar.Parabens pela participação,como parabenizo os demais que participarem dessa discussão;respeito aqueles que preferiram não participar,melhor é ter opinião contraria a minha do que não ter opinião.

Formadora 7: É importante a abertura ao diálogo que vocês estão apresentando em discutir algo que incomoda nas aulas presenciais. E quanto as nossas discussões a distância essa observação feita pelo aluno 1 , também se aplica?Até Mais

55% afirmaram que *reformularam pontos de vista próprios a partir da experiência, saberes formais e dados do grupo*. 38 % aplicaram e aprimoraram esse saber na disciplina, totalizando 93%; e 07 % não aplicaram esse saber na disciplina. Nesse ponto, quase todos os alunos consideraram que foram influenciados pelo posicionamento dos outros. No trecho a seguir a aluna destaca a importância da mediação pedagógica feita pelos colegas que trouxeram novas questões para sua forma de compreender a aprendizagem no ciberespaço:

[55] Aluna 48:
Oi pessoal, O bate-papo o dia 13/11 foi ótimo..ocorreu tudo bem, as meninas que mediarão fizeram exelêntes perguntas reflexivas o que me fez analisar sobre as questões de afetividade e comportamento no cyberspaço!!enfim, foi muito construtivo, acrescentou muito..sem falar no video que eu adorei!!obrigada!!

Sobre a criação de vínculos de amizade...

Nesse item, os alunos responderam à questão “Foi possível desenvolver vínculos de amizade durante a disciplina com alguém que você não conhecia presencialmente?”

59% afirmaram que não criaram vínculos de amizades durante a disciplina, por motivos diferenciados:

- [56] *Eu não diria um vínculo de amizade mas a distância eu me senti mais a vontade em interagir com os componentes da disciplina.*
- [57] *Não esse tipo de amizade não houve. O que aconteceu foi uma maior integração entre os colegas que já conhecia comentando seus fóruns e discutindo suas idéias além de pedir ajuda sobre a plataforma via MSN.*
- [58] *Vínculos de amizade não, porém fiquei mais próximo de algumas pessoas.*

41% asseguravam que sim, criaram vínculos de amizades, e também apresentaram motivos diferenciados:

- [59] *somente com as formadoras, não com os alunos da disciplina.*
- [60] *Acredito que sim, pois além do curso de pedagogia também envolvia outros alunos de curso diferentes.*
- [61] *Sim, apesar de gostar de fazer amizades sempre tem alguém que passa despercebido. A EAD contribuiu sim para uma aproximação maior.*
- [62] *Eu desenvolvi alguns vínculos de amizade com pessoas que eu não conhecia, pois eram da outra turma. Isso ocorreu através dos comentários realizados nos portfólios e nos fóruns.*

Essa questão mostra que, apesar de a maioria dos alunos não haver desenvolvido vínculos de amizade, que consideram um nível mais aprofundado de ligação afetiva, permitiram maior interação com o grupo. Houve também, no entanto, uma parte significativa (41%) que conseguiu desenvolver vínculos de amizade com pessoas que ainda não conhecia. Isto porque na disciplina havia alunos de outros cursos. Essa questão também foi influenciada pelo convívio de grande parte da turma no *campus* da Universidade, já que faziam outras disciplinas presenciais juntos, mesmo sendo duas turmas distintas. No trecho da sequência percebemos interessante sentimento de uma aluna em relação à disciplina, que corrobora a discussão sobre o processo de afetividade e interação:

[63] Aluna 22:

Ola

a disciplina foi bastante interessante para mim, por que afinal, era algo que nao conhecia e que adorei fazer parte! Agora esta chegando ao final e me lembro de muitos momentos, alguns de desespero, confesso! mais muito gostoso! Fiz amigos interessantes, pessoas com as quais nunca tinha tido a oportunidade de falar e atraves dos bate-papos,foi que começou a amizade!bjos

O processo de construção da identidade só se realiza na relação com o outro, em contato com as multiplicidades. Segundo Silva (2000), a multiplicidade é que produz a diferença e é na interação com os sujeitos e o meio em que se vive que isso é constatado. Na interação, os sujeitos são capazes de reconhecer a si e outros como autores e co-autores, contribuindo para a aprendizagem de todos os envolvidos. Percebemos com as falas dos alunos e suas respostas ao questionário que houve sentimentos, emoções, compartilhamento de responsabilidade e todos os aspectos necessários para o desenvolvimento de um processo educativo colaborativo de troca e interdependência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

Ao adentrarmos a discussão sobre identidade na educação virtual, tínhamos muitas dúvidas sobre como lidar com essa questão, pois a compreendíamos pouco, mas, mesmo assim, sabíamos de sua importância. Em parte, por conta de nossa formação como pedagoga, a nos indicar que a educação formal, independentemente de sua modalidade, precisa valorizar os sujeitos e suas histórias; em outra parte, por nossa intuição, que nos dizia das questões mais amplas trazidas pela discussão sobre identidade.

O modelo de educação a distância que se desenvolvia desde os seus primórdios até os dias contemporâneos é de práticas massificadoras, de cunho instrucional. Não queremos associar com isso que a parte instrucional não deve fazer parte do processo educativo, pois seria negar o próprio ensino, mas sim afirmar que a educação envolve mais do que isso, pois compreende a formação integral do ser humano.

Entendíamos também que as ferramentas digitais, com suas potencialidades de interação e compartilhamento, permitiam o desenvolvimento de propostas educativas que quebrassem o modelo de educação massificadora.

Ante tal fato, assumimos o desafio de nos envolver no planejamento e experimentação durante um semestre de uma disciplina desenvolvida a distância num ambiente virtual de educação, para compreender como são construídas as identidades dos alunos. Não chegamos às respostas definitivas, mas conseguimos esclarecer muitas questões e construir um referencial que nos lançou novos questionamentos que destacamos a seguir.

- Percebemos que as identidades na educação virtual são forjadas pelos sujeitos mediante a *seleção de informações* intencionalmente apresentadas, por exemplo, pessoais, profissionais, interesses diversos e pela *expressão de valores e atitudes*, tais como busca de interação, abertura ao diálogo, isolamento, agressividade, empatia, entre outras. Tanto as informações selecionadas quanto as atitudes e valores são expressas, predominantemente, por meio da linguagem escrita. Essa construção, entretanto recebe a influência direta do meio social em que está inserida, que, no caso da educação virtual, alunos e alunas possuem

uma identidade institucional, não se diferenciando fundamentalmente da educação presencial, assim os alunos se remetem as suas referências de identidade do espaço presencial.

- Dentre as variáveis analíticas que elencamos anteriormente (estratégias pedagógicas, interação, linguagem e apropriação dos espaços), destacamos a interação dos sujeitos como o aspecto fundamental para a construção das identidades na educação virtual. Não podemos desconsiderar, porém as outras variáveis, pois estes complementam e se imbricam na dinâmica educativa. Isso decorre da compreensão de que a identidade somente pode existir com a sua outra metade formadora, que é a diferença. Nessa perspectiva, a identidade somente pode ser constituída a partir do outro e da sua afirmação diante do outro.
- O outro em relação aos alunos eram as formadoras que possuíam uma situação diferenciada, e que estavam do lado em que o poder era exercido. No entanto, essa relação de poder que se desenvolvia era modificada através da intencionalidade do ato educativo, que no caso da disciplina pesquisada, havia uma abertura a participação dos alunos de forma democrática, na qual todas as informações eram compartilhadas, havendo inclusive espaço para críticas e avaliações durante todo o processo.
- Na construção da identidade no ciberespaço, o corpo físico é também representado por fotografias e imagens que trazem características identitárias ao ambiente, mas a importância da representação mais significativa das identidades se põe por meio de idéias, atitudes e valores expostos na construção da linguagem escrita própria do ciberespaço.
- A proposta educativa investigada (baseada nas metodologias ED) apresentou uma *abordagem* colaborativa, em que todas as atividades e informações eram compartilhadas e podiam receber contribuições do grupo, mesmo as que eram feitas individualmente. Essa concepção compreende a importância da interação para o processo de aprendizagem, pois na interação com o outro, é possível entrar em contato com as diferentes formas de ver o mundo, é possível viver com a multiplicidade e, então aprender com o outro e nos modificar. Também é

nessa proposta que os conflitos surgem e precisam ser mediados. Assim, aprendemos a problematizar e discutir as questões do mundo onde estamos. É pela problematização, pelos questionamentos, que podemos formar sujeitos críticos e emancipados, capazes de saber lidar com situações de conflito. Essa abordagem educativa, no entanto, não é tão fácil de desenvolver, pois exige relação horizontal entre professores / formadores e alunos, ma ação comunicativa, em que todos podem falar abertamente, inclusive dos problemas e dificuldades pedagógicos e técnicos surgidos no processo. Sabemos que em nossa história não era permitido que o aluno criticasse o professor, já que esse era o detentor do conhecimento, prevalecia uma relação instrumental. A relação horizontal também permitiu que alunos trouxessem seus interesses para as discussões, exigindo do professor e formadores uma flexibilidade para agregar esses novos temas e conteúdo ao processo. Na *abordagem colaborativa*, a relação entre os sujeitos é tão importante quanto os conteúdos abordados, pois estão implícitos não somente a discussão e a compreensão do conhecimento histórico acumulado nas disciplinas, mas também a reconstrução a partir da contribuição dos sujeitos com diferenças e identidades individuais e coletivas.

- Verificamos que as atividades de *Criação de páginas pessoais no Blog*, a *Elaboração do Perfil*, os *Comentários nos diários de Bordo*, os *fóruns de avaliação* e os *Debates nas salas de bate-papo* foram as atividades que mais contribuíram para a construção das identidades dos alunos, pois trouxeram nessas atividades, elementos de suas histórias de vida, suas preferências, valores, sentimentos e opiniões.
- Diferentemente das relações sociais ocorrentes no ciberespaço, protegidas pelo *anonimato*, permitindo aos usuários o desenvolvimento de identidades fictícias, as relações sociais na educação virtual são desenvolvida com a matrícula institucional do aluno, trazendo o seu histórico e seus interesses. Este ponto mostra que a EAD virtual é tão real e válida como as aulas desenvolvidas presencialmente, num processo de complemento da formação (exige que o login seja o nome, não aceitamos nicknames salas informais no contrato didático).

- O ambiente virtual de educação é o lugar onde as propostas educativas são concretizadas e a interação dos sujeitos se desenvolve, portanto verificamos que o AVE deve possuir em sua concepção o modelo de educação a que serve. Entre as vantagens do ambiente virtual MOODLE podemos destacar: os diversos espaços / ferramentas (Fórum, Blog, Wiki, entre outras) disponíveis que permitem uma variedade de propostas educativas. Outro aspecto importante são os recursos audiovisuais disponíveis, os quais foram importantes, pois permitiram a personalização das ferramentas que deixaram de ser somente instrumentos/ferramentas de comunicação e se transformaram em lugares. Esses lugares foram construídos pelos sujeitos que deixavam suas marcas e identidades. Também, permite que tanto professores quando alunos possam ter o mesmo nível de acesso aos espaços e recursos, facilitando uma relação horizontal. Essa realidade não verificada geralmente em outros AVEs, em que os alunos possuem um nível de acesso limitado aos espaços e recursos.
- Essa personalização se mostrava através da linguagem utilizada no AVE que, mesmo sendo predominantemente escrita, permitiu uma complementação com o áudio, vídeo, imagem, *emoticons*, abreviações e cores. Essa construção da escrita no ambiente virtual constitui verdadeira inovação nas formas de expressão tradicionais, inclusive com a construção de linguagens híbridas. Em nosso estudo, esses recursos foram amplamente utilizados pelos alunos para falar de si mesmo, para construção de seus perfis, para expressar suas idéias e atitudes, permitindo a construção de suas identidades e de suas diferenças.
- As identidades sociais explicitadas foram basicamente as de gênero, já que são apontadas pelo próprio nome e foto dos alunos. Não houve discussões diretas sobre as questões de identidades sociais, nem previmos no planejamento da disciplina. Compreendemos que não é fácil lidar com essas questões no âmbito da ação pedagógica, mas que agora temos a clara visão do quanto isso é importante, principalmente para desmistificar as noções de estereótipos, tão presentes em nosso meio social educativo, e sabemos que “fechar os olhos” para o problema não é

a solução.

- Um ponto que criticamos em nosso planejamento foi o excesso de atividades e de uso de espaços / ferramentas. Isso confundiu os alunos e não permitiu um amadurecimento de algumas discussões. Esse ponto foi agravado pelas dificuldades técnicas ocorridas, que exigiram uma reorganização do planejamento.

PERSPECTIVAS:

Com base nessas considerações, compreendemos que podemos construir propostas educativas para a educação virtual que considerem as discussões sobre identidade e diferença, buscando problematizar: *que estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas a partir de uma abordagem que englobe as identidades e diferenças dos sujeitos com as possibilidades trazidas pelo ciberespaço?*

Não tivemos a oportunidade em nosso estudo de aprofundar as questões das identidades sociais como gênero, raça, entre outras. Assim, precisamos compreender: *como problematizar, na educação virtual, as identidades sociais, levando em consideração os estereótipos mais comuns em nosso contexto?*

Por fim, compreendemos que trazer os estudos sobre identidade e diferença para nossas práticas educativas virtuais é crucial para a possibilidade de torná-las um processo de formação de sujeitos críticos e conscientes do mundo em que vivem. É a possibilidade de fazer da educação virtual um espaço abertamente politizado, onde os sujeitos sejam capazes de compreender o que estão se tornando e para onde estão indo, sempre com a perspectivas de seres inacabados, em constante aprendizagem e em decurso permanente de mudanças.

PERSPECTIVAS:

Com base nessas considerações, compreendemos que podemos construir propostas educativas para a educação virtual que considerem as discussões sobre identidade e diferença, buscando problematizar: *que estratégias pedagógicas podem ser desenvolvidas a partir de uma abordagem que englobe as identidades e diferenças dos sujeitos com as possibilidades trazidas pelo ciberespaço?*

Não tivemos a oportunidade em nosso estudo de aprofundar as questões das identidades sociais como gênero, raça, entre outras. Assim, precisamos compreender: *como problematizar, na educação virtual, as identidades sociais, levando em consideração os estereótipos mais comuns em nosso contexto?*

Por fim, compreendemos que trazer os estudos sobre identidade e diferença para nossas práticas educativas virtuais é crucial para a possibilidade de torná-las um processo de formação de sujeitos críticos e conscientes do mundo em que vivem. É a possibilidade de fazer da educação virtual um espaço abertamente politizado, onde os sujeitos sejam capazes de compreender o que estão se tornando e para onde estão indo, sempre com a perspectivas de seres inacabados, em constante aprendizagem e em decurso permanente de mudanças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B., **Educação a distância na internet:** abordagens e contribuições dos Ambientes Digitais de Aprendizagem. São Paulo, v.29, n.2, 2003. <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 19 Aug 2007.

ARANHA, M. L. **A filosofia da educação**. 2.ed. São Paulo:Moderna, 2000.

BEHRENS, M. A. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS M. A. **Tecnologias e mediação pedagógica**. 6ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 3. ed. Campinas: Autores. Associados, 2003.

BODIÃO, Idevaldo da Silva. **Telensino:** que didática é essa? Trabalho apresentado no GT 04 – Didática, na 23ª Reunião Anual da [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação](#)- ANPED, 2000.

BORGES NETO, Hermínio; SANTANA, R. Seqüência Fedathi: uma proposta de mediação pedagógica na relação ensino/aprendizagem. In: VASCONCELOS, J. G. (Org). **Filosofia, educação e realidade**. Fortaleza: EUFC, 2003.

BOUFLEUER, J. Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa:** uma leitura de Habermas. 3ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

BRANDÃO, Carlos. **Pesquisa participante**. 4ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.211.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COUTO, **O homem satélite:** estética e mutação do corpo na sociedade tecnológica, Unijui: Ed. Ijuí, 2000.

ERIKSON E. H, **Identidade e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

- GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2001.
- GOMES, A. P. Respondendo a perguntas de professores da rede pública sobre a questão racial. In: ABRAMOWICZ, M. A. B. L. ; SILVÉRIO, S. R. (orgs.) **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP:Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.
- GOMEZ, M. Victoria. **Educação em rede: visão emancipação**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.
- GONCALVES, Maria Augusta Salin. **Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola**. Educ. Soc., Campinas, v. 20, n. 66, 1999. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 Aug 2008. doi: 10.1590/S0101-73301999000100007
- GUESSER, A. H. **Software livre & controvérsias tecnocientífica**. Curitiba: Juruá, 2006.
- HABERMAS, J. **Teoria de las acción comunicativa: complementos y estudios previos**. : Cátedra, 1989a.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HINE, C. **Etnografia Virtual**.. Barcelona: Editorial UOC. 2000.
- IANNI, O. **Teorias da Globalização**, 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1998.
- KAMII, Constance. **A criança e o número: implicações educacional da teoria de Piaget para a atuação junto a escolares de 04 a 6 anos**. 19ª ed, Campinas. SP: Papyrus.1995.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias do ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- LIBANEO, J. C.; SANTOS A. **Educação na era do conhecimento**, Campinas, SP: Alínea Editora, 2005.

LIMA, I. P. S., M. J. A.; CUNHA, F. G. M.; BORGES NETO, H. A **Sequência de Fedathi como Proposta Metodológica no Ensino-Aprendizagem em Matemática** Anais do XV EPENN - Encontro De Pesquisa Educacional Do Nordeste: Educação, Desenvolvimento Humano E Cidadania, vol. único, junho 2001, São Luís (MA), p594.

LIMA, T. C. B. **Aprendizagem Colaborativa em ambientes virtuais e a perspectiva sociointeracionista de Vygotsky.** 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste (EPENN) tem como tema central a política de Ciência e e Formação do Pesquisador em Educação. Universidade Federal de Alagoas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI L.A. ; XAVIER, A.C.S.(org)., **Hipertextos e novos gêneros digitais: novas formas de construção de sentido.** Rio de Janeiro: Lucena,2004.

MARTINAZZO, J. Celso, **Pedagogia do entendimento intersubjetivo: razões e perspectivas para uma racionalidade comunicativa na pedagogia.** Ijuí: Ed.Unijuí, 2005.

MATOS, K.S.L; VIEIRA, S. L. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, UECE, 2001.

MATTOS, Fernando Lincoln C. L. **Concepção e desenvolvimento de uma abordagem pedagógica para os processos colaborativos a distância utilizando a internet.** Fortaleza. 259fl. Tese (Doutorado) em Educação Brasileira - Universidade Federal do Ceará,2005.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. (Marcos Tarcisio); BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

PEREIRA, Viviane, **Bate-papo na internet: perspectivas educativas,** 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.

QUIN, Robyn. **Estereótipos.** IN: APARICI, R. Comunicación educativa en la sociedad de la información. UNED. Madrid. .

RAMAL, Andréa Cecília. **Educação na cibercultura - hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, E. M. Pesquisa na Internet: copia/cola??? In: ARAÚJO, J. C. **Internet e ensino: novos gêneros, novos desafios.** Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

SANTOS, O. E. O currículo em rede e o ciberespaço: como desafio para EAD. In: ALVES L. e; NOVA C. **Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade.** São Paulo: Futura. 2003.

SERRA, D. T. S. **Afetividade, aprendizagem e educação online.** Belo Horizonte. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Dissertação de Mestrado. 2005.

SILVA, Marco. **EAD online, cibercultura e interatividade.** In: ALVES L. e; NOVA C. Educação a distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura. 2003.

SILVA, T. Tadeu (org). **Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, T. Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2ªed, Belo Horizonte: Autêntica, 2002

TURKLE., Sherry. **Life on the screen: Identity in the age of the Internet.** New York: Simon & Schuster Paperbacks, 1995.

WOODWARD Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T. Tadeu (org). Identidade e diferença: a perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.